

ANTÓNIO AFONSO • DOMINGOS ALVES • MANUEL ANTUNES • JOSÉ ARAÚJO • JERÓNIMO
CONTADOR DE ARGOTE • LUIZ CARDOZO • LUÍS JÁCOME • MANUEL PEREIRA

TERRAS DE BOURO

Território Museu da Montanha

2.^a EDIÇÃO



4

Série CADERNOS DE CULTURA

CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

2007

TERRAS DE BOURO:
Território Museu da Montanha

2.^a EDIÇÃO

EDIÇÃO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO

2 0 0 7

Título	TERRAS DE BOURO: TERRITÓRIO MUSEU DA MONTANHA
Autores	ANTÓNIO AFONSO, DOMINGOS ALVES, MANUEL ANTUNES, JOSÉ ARAÚJO, JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE, LUIZ CARDOSO, LUÍS JÁCOME, MANUEL PEREIRA
Organização e Apresentação	ANTÓNIO AFONSO, Vice-Presidente da Câmara Municipal
Capa	Canastros de S. João do Campo
Edição	CÂMARA MUNICIPAL DE TERRAS DE BOURO 1.ª edição: Maio de 2001 2.ª edição: Maio de 2007
Composição e Impressão	BARBOSA & XAVIER, LIMITADA Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-A e C 4700-385 BRAGA Telef. 253 263 063 / 253 618 916 • Fax 253 615 350
Depósito Legal	164957/01

NOTA PRÉVIA

DESDE 1991, o Município de Terras de Bouro tem vindo a publicar, através de «Cadernos de Cultura», os mais variados trabalhos referentes ao Concelho.

Para o presente caderno, o pelouro da cultura seleccionou, entre outros textos, as páginas da **Monografia de Vieira do Minho**, de 1925, referentes às freguesias de Valdozende, Rio Caldo e Vilar da Veiga e, inclusive, uma nota introdutória que ofende, de forma grosseira, a dignidade do Município de Terras de Bouro.

Por tal motivo, e porque ninguém pode aceitar que a sua dignidade seja posta em causa, esta iniciativa do Município de Terras de Bouro deverá ser entendida como um contributo para que, decorrido um século, seja melhor compreendida uma das muitas adversidades com que este Concelho se tem debatido.

De referir, antes de tudo, que, nesta como em outras situações, o Município de Terras de Bouro nunca teve nem poderia algum dia ter medo da verdade.

E, no presente caso, a verdade nua e crua é que houve uma ilustre família de Vieira do Minho que, de forma reiterada, injusta e gratuita afirmou que o nosso Concelho era «enfezado e mais que raquítico» e ainda que era «uma anomalia que por aí vegeta miseravelmente como parasita inútil, nada produzindo de benefício e cuidando de explorar até à medula as suas heterogéneas freguesias irradiadas por 3 comarcas» (...)

E é também verdade que essa mesma família, movida por estranho bairrismo, tudo fez, desde 1895 a 1923, para acabar com o Concelho e distribuir as freguesias pelos concelhos de Amares, Vila Verde e Vieira do Minho como se fossem despojos duma guerra imaginária.

É, ainda, verdade ter existido um abaixo assinado cujo teor denuncia a origem.

Mas é igualmente verdade que, por razões bem mais nobres, as freguesias de Valdozende, Rio Caldo e Vilar da Veiga continuaram a fazer parte integrante do concelho de Terras de Bouro.

E essas nobilíssimas razões, partilhadas, de resto, com todas as outras freguesias de Terras de Bouro, ao longo de mais de 700 anos, sempre se prenderam com um ideal de liberdade dos povos da região e da independência de Portugal.

Foi servindo esses ideais de liberdade e de independência que estiveram sempre ao lado das restantes freguesias de Terras de Bouro e, por essa razão:

1. *Integraram o grande julgado Búrio (composto por 70 freguesias) que constituiu, nestas serranias do Gerês, um escudo protector de Portugal que nascia;*

2. *Permaneceram nele quando foram desanexados os territórios que originaram os concelhos de Entre-Homem e Cávado (Amares), Regalados, Larim e Vila Chã;*

3. *Cumpriram religiosamente o disposto nas inquirições de 1220 e de 1258 que determinava:*

a) *De Sancta Maria de Baldozendi et vadunt custodire Portelam de Homem;*

b) *De Sancto Iohane de Rio Caldo... vadunt custodire castelum et Portelam de Homem;*

c) *Todos desta collatione (de Covide) levam a madeira e fazem guarda no castelo excepto a «quintana de Vilar» «que vam aa vela» (o território de Vilar da Veiga pertencia a Covide e a «quintana» era o embrião da futura freguesia).*

4. *Beneficiaram da Carta de Privilégio de D. Dinis (renovada até ao século XIX) que configurava um contrato oneroso através do qual as freguesias do concelho eram obrigadas a defender com os seus exclusivos meios (homens, armas, munições, castelo, trincheiras, etc.) a Fronteira da Portela do Homem e, como contrapartida, era-lhes reconhecido o direito de fruição plena do seu território e a isenção de alistamento militar;*

5. *Foram abrangidas pelo foral de 1514 (data em que o «raqúitico» concelho de Terras de Bouro tinha 719 fogos e o de Vieira do Minho tinha 284 (Cf. Fernando Carvalho Dias – **Forais Manuelinos**, 1969);*

6. *Sofreram, em 1888, o esbulho de 10 mil hectares de montados na serra do Gerês e participaram nas sucessivas sublevações que viriam a ser sufocadas pela ocupação militar e punidas com a extinção do Concelho, em 14 de Agosto de 1895;*

7. Não participaram, naturalmente, na sessão solene da Câmara Municipal de Vieira do Minho, de 16 de Agosto de 1895, nem da procissão à casa do ilustre vieirense.

Por tudo isso, hoje, as freguesias de Valdozende, Rio Caldo e Vilar da Veiga são filhas dilectas do Concelho de Terras de Bouro onde até podem ser reivindicativas e irreverentes e não enteadas de um outro concelho onde se limitariam a aceitar reverentes o que lhes quisessem e pudessem dar.

O Presidente da Câmara Municipal de Terras de Bouro

JOSÉ ANTÓNIO DE ARAÚJO, Dr.

APRESENTAÇÃO

EM 1991, o Prof. Doutor Viriato Capela, vereador da Cultura, iniciou a publicação dos **Cadernos de Cultura** da Câmara Municipal de Terras de Bouro, com uma memória antiga relativa ao Gerês, associando-se, desse modo, à elevação das Termas do Gerês à categoria de Vila.

Volvidos dez anos, escolhemos, como título do número quatro dos **Cadernos de Cultura**, **TERRAS DE BOURO: Território Museu da Montanha**. Pretendemos, assim, chamar a atenção dos leitores para um projecto que queremos dinamizador e potenciador de todos os recursos endógenos do Concelho tendo como referência a montanha (serras do Gerês e Amarela) e tudo aquilo que esta significou para os povos da região desde a sua ocupação humana. Na verdade, desde indícios pré-históricos, passando pela romanização, até à actualidade, este espaço constitui um repositório de marcas e vestígios ignorados pela maioria da população.

Trata-se de um projecto que visa criar condições de fruição ordenada e atractiva de toda a nossa tradição histórica, etnográfica e comunitária. Como este projecto terá o seu epicentro no actual museu de Vilarinho das Furnas, em S. João do Campo, seleccionámos, prioritariamente, textos que nos falam desta aldeia bem como da Via Romana que a atravessa.

O P.^o Matos Ferreira, em obra já publicada pela Câmara Municipal, fala-nos de um tesouro descoberto no Campo do Gerês. Temos, agora, a oportunidade de dar à estampa uma série de outros textos que presumimos significativos para a história daquela que consideramos a mais antiga das freguesias de Terras de Bouro: S. João do Campo. Começamos pela **Notícia da freguesia de S. João do Campo que mandou o Dr. Vigário-Geral aos 9 de Julho de 1736**, seguimos com **De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani**, de Jerónimo Contador de Argote, continuando com o

Diccionario Geografico (1751), de Luís Cardoso, visto estarmos no ano em que se comemoram os 250 anos da sua publicação.

O Tombo da Freguesia de S. João do Campo, inicialmente previsto para integrar estes cadernos, foi retirado em virtude de o Dr. Fernando Cosme se ter disponibilizado para organizar uma edição crítica e publicação autónoma do mesmo.

*O espaço dedicado a S. João do Campo termina com um trabalho do Dr. Manuel Antunes, autor de **Vilarinho da Furna – Uma Aldeia Afundada**, intitulado **Para a História da Real Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna**, que nos fala daquele que foi um dos «maiores empreendimentos industriais no nosso país» do início do século XIX.*

*A segunda parte do Tombo da freguesia de São João de Rio Caldo, por Domingos Alves, é o texto que se segue, antes de **Gerês: Conferência Florestal e o Dia da Árvore em 1916**, por Manuel Pereira, e de um outro do P.^e Luís Jácome que nos traz as freguesias de Rio Caldo, Valdozende e Vilar da Veiga na **Monografia de Vieira do Minho** do P.^e José Alves Vieira, que, não obstante ser um texto polémico no que concerne ao Concelho de Terras de Bouro, julgamos constituir uma faceta da nossa história que nos alerta para a apetência que, desde longa data, certos «forasteiros» tiveram pelo nosso Concelho.*

*Por fim, queremos agradecer a todos os que se disponibilizaram a colaborar em mais um número dos **Cadernos de Cultura**.*

O Vice-Presidente da Câmara Municipal
ANTÓNIO AFONSO

NOTÍCIA DA FREGUESIA
DE S. JOÃO DO CAMPO
QUE MANDOU O DR. VIGÁRIO-GERAL
AOS 9 DE JULHO DE 1736

por
ANTÓNIO AFONSO

INTRODUÇÃO

O texto que se segue, embora algumas vezes citado (nem sempre correctamente) por autores como Tude de Sousa e Lopes de Oliveira, não é de fácil acesso ao público em geral, visto encontrar-se em Lisboa, na Biblioteca Nacional, e pertencer a uma secção de reservados/especiais.

Este documento pertence a uma colectânea de manuscritos sobre a província de Entre Douro e Minho, escrito no início do séc. XVIII, e faz parte do género das respostas que constituem as Memórias Paroquiais enviadas à Academia Real.

Apresenta muitos pontos de contacto não só com a obra do P.^e Matos Ferreira, Tesouro de Braga Descoberto no Campo do Gerês (1728), mas também com a obra de Jerónimo Contador de Argote, De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani (1736).

Do ponto de vista filológico, este texto apresenta alguns aspectos curiosos. Assim, constatámos que, em 1736, e concomitantemente com

o uso da forma 'Gerez', já aparece a grafia actual Gerês; coexistência de formas duplas: hus/huns; algus/alguns; cavalo/cavallo; trutas/truytas/tractas; inscrição/inscripção; padrões/padroens, etc.

Aqui encontramos uma explicação muito curiosa para a origem do nome do rio Homem: onomatopaica à semelhança da criação de muitas outras palavras.

A questão académica sobre o topónimo 'Vilarinho da Furna', segundo Jorge Dias e Manuel Antunes, ou 'Vilarinho das Furnas', usual na cartografia militar, encontra neste texto suporte para a segunda forma, tal como surge em autores antigos (v. g. Luís Cardoso – Dicionário Geográfico e Jerónimo Contador de Argote – De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani), explicando a origem do topónimo a partir do nome do ribeiro das Furnas que nasce na Chão da Fonte.

As propriedades medicinais de várias plantas, que curam quase todas as doenças, encontram-se aqui bem explanadas, nomeadamente a beldroega e a bertonica, a qual serve para tirar as dores de cabeça, purgar a fleuma por vômito, sarar os espasmos de nervos tomada com água-mel, e contra as mordeduras de cobras, e para golpes e feridas pondo-lhe o sumo em cima as sara, e tomada com vinho é contra o veneno, e misturada com outras coisas se faz certa medicina para os doentes do fígado; e tomada com mel lança fora os escarros e matérias do peito; razão por que é também utilíssima no princípio da tísica, e finalmente consome todas as enfermidades frias da cabeça.

Neste texto se refere o preço pago pelos moradores de Terras de Bouro para a destruição das pontes sobre a via romana em Albergaria (30 mil réis) no ano de 1640, bem como os usos e costumes, o comunitarismo com a proibição de casamento com homens que não fossem da terra a quem chamavam de vendiços, ou a fonte de financiamento para as obras públicas através da venda do carvão que faziam na serra e assim ficam dispensados de qualquer contribuição monetária. Explica, também, o significado do termo 'padrões', «colunas redondas», ou seja, os marcos miliários da Geira (Cf. Leira dos Padrões, S. João do Campo).

Numa altura em que se procura o reconhecimento nacional, e até mundial, para a Via Romana, é curioso notar como o autor se insurge contra aqueles que a invadiam ou se apropriavam dos marcos miliários, pedindo penas severas para tais pessoas: Esta estrada, como disse, é a que hoje se pratica e também todas as suas voltas que há anos se não usavam e somente três lavradores na freguesia de Chorensa a têm embaraçado e uns quatro na freguesia de Chamoim com umas tapagens que há poucos anos fizeram, de sorte que nem por dentro por donde ia a estrada, nem

por fora das tomadas, a dão aberta e não sei com que razão sendo esta estrada tão régia e uma das antiguidades mais sumptuosas e das melhores que tem este reino e necessitava de uma grande pena a quem a usurpasse, furtasse os seus padrões, pois é o que mais ilustra a história romana e com eles se acharam muitas coisas confusas.

Para uma melhor compreensão do texto, e sem querermos privar os leitores do estilo arcaizante, optámos por apenas desdobrar as abreviaturas e actualizar a pontuação.

Por último, convém referir que este documento permite datar vários acontecimentos e construções na freguesia de S. João do Campo e na Vila do Gerês.

Noticia da freguesia de S. João do Campo que mandou o dr. Vigario Geral aos 9 de Julho de 1736¹

Fica a *freguesia* de S. João do Campo na Provincia de Entre Douro e Minho do Arcebispado de Braga e concelho de Terra de Bouro. Tem sincoenta vezinhos cabeça de familias, e todas as terras della são dizimos “a dois”; he a terra desta *freguesia* de sua Real Magestade que Deos *garde*.

Tem esta *freguesia* duas aldeas ou lugares, a saber, o lugar do Campo e o de Villarinho de Furnas e distante *hum* do outro meia legoa. O lugar do Campo tem vinte moradores e está situado em *huma* campina grandioza e deste lugar não se descobre povoaçãoens porque está cercado com os montes do Geres. Porem, do alto delles se descobre a cidade de Braga e a Villa da Barca, e a dos Arcos, e a de Vianna e muitas pessoas certificação terem visto do *dito* Gerez entrar os navios pella barra de Vianna dentro.

Não he esta *freguesia* termo de outra terra, nem tem seu, he somente do concelho de Terra de Bouro, adonde sentenceao as cauzas pelo juis ordinario *que* a governa e tambem a Câmara, e tem quatro escrivains que apresenta, o *Senhor* da nobelissima caza de S. João de Rey e os escrivains por alternativa servem a camera.

Tem tambem este concelho juis dos orphaos e escrivão e he apresentação de sua Real Magestade *que Deos garde*.

Pella parte do Oriente corta a campina do lugar do Campo *hum* caudalozo rio chamado de Rodas *que* nasce nos montes *que* estão ao pee da campina e leva sua corrente de Norte a Sul, e depois de ter andado pouco mais de meya legoa se mete abaixo da *freguesia* de Carvalheira no rio de Homem, cria escalos e truytas de gosto singular. Ha nella alguns moinhos e tem na entrada desta *freguesia* *huma* ponte de pao que nos invernos se não passa pellas muitas agoas que o rio recebe de todos os montes *que* a cercao. Antigamente a ponte hera de pedra, obra romana como mostram as suas ruynas.

O lugar de Villarinho tem trinta vezinhos, está situado em *hum* valle muito alegre, asim pella boa ordem com *que* o lugar está fundado e ornado *que* parece *huma* villa, como pello arvoredado e vides *que* devizao os campos. Pello meio do lugar corre *hum* caudalozo rio de arrastado

¹ *Memorias Geographicas e Historicas da Provincia de Entre Douro e Minho – Respostas aos interrogatorios impressos que mandou o dr. Vigario Geral de Braga, Códice n.º 8750 do Fundo de Manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa.*

curso *que* nasce em *huma* campina *que* fica distante *huma* legoa do lugar, a qual chamão Chaam da Fonte, e depois de se ter despenhado todo este espaço pellos fragozos montes do Gerez, se fas por elle tão poderozo *que* entra no lugar caudalozo sendo no seu nascimento tao pobre de agoas *que* so *huma* fonte lhe dá principio, e he de *qualidade* tao frigidissima *que* não se atura nella *huma* mao por espaço de *huma* Ave Maria. Nesta campina em *que* nasce este rio chamado de Furnas está a Casa da Neve *que* mandou fazer o Illustrissimo Arcebispo Primaz D. Luis de Souza e *parte della* está demolida. Este rio corre de Poente a Nascente, cria truytas em pouca *quantidade* *porque* as suas agoas no Inverno são bravas e despenhadas *que* as levão todas fora dos fragozos tanques. Entra este rio no lugar em *huma* grandioza ponte de tres arcos, feyta ao moderno ², e depois de ter cortado todo aquelle valle do lugar servindolhe de margens de *hum* e outro lado os mesmos campos, e arvores e vides, se recolhe no rio de Homem *que* corre pella *parte* oriental do mesmo lugar e lhe ficão tambem os campos servindo de margens. No fim do lugar aonde o rio de Furnas vay já junto com o de Homem, está outra ponte de pedra de *hum* grandiozo arco. A parochia desta *freguesia* está dentro no lugar do Campo, he o seu orago S. João Baptista. Tem dous altares collaterais, hu de *Nossa Senhora* do Rozario e outro de *Santo Antonio*. E *Santo Antonio* tem confraria e *muitas* indulgencias, e jubileo perpetuo concedido aos seus confrades por *huma* bulla *apostolica* *que* concedeo o Summo Pontifice Gregorio XV.

Vem nesta parochia todos os annos por discurço delle *muitas freguesias* de romaria em procissão a *que* chamão clamores a vizitar a S. João Baptista, e são a *freguesia* de Aboim, a de S. Salvador de Touvedo, S. Tiago de Villa Chaam, *Santa Maria* de Azias, S. João de Villa Chaam, S. Miguel de Entreambos os Rios, S. Vicente de Germil, S. Sylvestre da Ermida, e outras mais. E no dia do Baptista vem a de S. Payo de Carvalheyra e a de *Santa* Marinha de Covide.

Ao parochio se chama *abbade* e he apresentação do Padroado Real e o rendimento *que* tem o *abbade* desta igreja são duzentos mil reis e não se colhe nesta *freguesia* trigo nem azeyte. Os passais desta igreja estão no lugar de Sequeyroz da *freguesia* de S. Tiago de Chamolim distante desta igreja mais de *huma* legoa e delles se paga de pensão ao *senhor* da caza de S. João de Rey duas pipas de vinho, onze alqueires de paam e onze vinteis em *dinheiro*.

² Cf. «A Ponte do forno em Vilarinho das Furnas» in *Cadernos de Cultura* n.º 2, CMTB, 1992, pp. 145-146.

Tem duas ermidas no lugar de Villarinho: *huma* he do Bom Jesus que está desviada do lugar, com pouca differença, cem passos. A esta ermida acodem *muitos* romeiros de *muitas partes* na vespera e dia do *apostolo* S. Bartolomeu. E vem de tres e quatro legoas, athe da Ponte do Porto. Tambem na vespera do *Santo Appostolo* vem todos os annos a procissão geral do concelho visitar a parochia e dahi vao à ermida do Bom Jesus de Villarinho.

Na procissão vão as onze cruzes do concelho e acompanha o juis e Camera com todos os officiais delle. «Junto» desta ermida está *huma* fonte de agua milagroza e os romeiros levão della cabaças cheias *para* *muitos* doentes em *que* o Bom Jesus obra *muitos* prodigios.

A outra ermida he de *Nossa Senhora* das Mercês *que* está desviada do lugar 150 passos, e a estas ermidas as vezitão todos os annos com procissão de clamores, a *freguesia* de Santa Izabel do Monte de Bouro, a de S. João Baptista de Rio Caldo e Santo Antonio de Villar da Veyga.

Na *freguesia* de S. Tiago de Chamoim ha tambem *huma* ermida de S. Bartolomeu *que* a vezitão *muitos* romeiros no seu dia. A metade desta ermida he do *reverendo* *parcho* de Chamoim e a [outra] metade do *parcho* de S. João do Campo e assim são os dizimos de todos os fructos *que* os lavradores do lugar de Pergoym colhem, os partem pelo meyo, a metade *para* o *reverendo* *parcho* de Chamoim, a metade *para* o *parcho* de S. João do Campo. E assim he tambem nas São Joaneyras, e o mesmo he no lugar de Padroz *que* está tambem na *freguesia* de S. Tiago de Chamoim, pois partem o dizimo de tudo o *que* colhem pello meyo *para* o *parcho* de S. João do Campo, contra a metade *para* o *parcho* de Chamoim. E demais de isso pagão os moradores do dito lugar todos os annos em dia de Natal dois mil e quatrocentos reis ao *parcho* de S. João do Campo.

Tambem no lugar de Infesta, da *freguesia* de S. Payo de Carvalheira, tem esta igreja de S. João do Campo *muitas* «tenças» de que lhe pagão foros e pensois, e os dizimos tambem os partem pello meyo *para* o *parcho* de S. João do Campo.

Os fructos que os moradores nesta *freguesia* colhem em mayor abundancia são: centeyo, milho grosso, milho miudo, vinho e mel singularissimo, assim pela sua *muita* doçura, como por se conservar sempre grosso ainda no *tempo* de mayor calor. Colhem tambem *muito* feyjão e bons navos.

A justiça *que* governa esta *freguesia* e todas as mais deste concelho he o juis ordinario delle e se fas por eleyção da Camera confirmada pello *Doutor* *Corregedor* da Comarca de Vianna.

Tem esta *freguesia* e todas as mais do concelho, e tambem o de Santa Martha de Bouro, *hum* privilegio concedido pello serenissimos senhores Reys de Portugal e confirmado pello *nosso* *augusto* monarcha El Rey senhor D. João Quinto, *que Deos guarde*, de não ser a gente dos dous ditos concelhos soldados em nenhuma outra praça do reyno, mas somente defenderem a Portella do Homem a sua custa, e outras mais couzas de *que* são previligiados, como do privilegio consta *que* se conserva no cofre do concelho. Tem de mais esta *freguesia* *hum* sentença dada na Junta de Estado de Guerra *para* não pagarem palha *para* a milicia.

As fontes *que* ha nesta *freguesia* e nos montes do Gerês são *muitas*, mas dellas athe aqui senão tem feyto experiencia, porem tem-se observado serem todas saudaveis, e a gente *que* bebe de suas agoas ser muy sadia.

He esta *freguesia* praça de armas e porto seco da raya de Galliza. Esta praça não tem torre nem fortalleza *alguma*, somente no sitio em *que* se fas o corpo da guarda, *que* fica asima deste lugar do Campo distancia de *hum* milha ou quarto de legoa, há *hum* muro brutesco feito de pedra miuda entulhado de terra; tem de altura sinco palmos e quatro de grosso, e poderá ter de comprimento quinhentos palmos. Tem mais duas cazas terreas e pequenas, em *que* se recolhem as sintinellas do concelho de Terra de Bouro e do de Santa Martha, *que* são os soldados *que* defendem esta raya em *tempo* de milicia, pello privilegio *que* asima disse.

A serra desta *freguesia* se chama Gerez, e pella parte do Oriente athe entrar na *primeira* povoação de Barrozo, *que* he a *freguesia* de Parada do Outeyro, são seis legoas, cuja distancia he a mayor aspereza *que* tem o Gerez. Dahi por diante, athe Chaves, são os seus montes em *muitas* partes cultivados e povoados como darão noticia os reverendos *parochos* a *quem* pertence. Nestas seis legoas de serra não ha povoação nenhuma, nem cultura, porem tem *muitas* e grandes campinas e *algumas* *que* passam de *hum* milha. As mais principais e nomeadas são: Lamas de Homem, Chaam de Lionte, Chaam das Mezas, Chaam da Fonte, Chaam Longa; todas tem fontes de grande corrente de agoas, e são as *que* formão o rio de Homem, e como Lamas de Homem seja a *primeira* e mayor, por isso della tomou o nome e me parece *que* os antigos o derão assim à campina porque junto della estão *humas* fragozas cavernas a donde se vê continuamente andar grandes bandos de cabras bravas, de grandeza notavel *que* passam de seis e 7 arobas de pezo, como se tem visto em *algumas* *que* nesta *freguesia* se matarão, e são as cavernas em *que* andão tão profundas *que* só as aves poderão lá entrar, e pella abundancia *que* ali ha desta caça, e o seu gritar seja mê, cujo alarido ali a cada passo se ouve, prezumo *que* os antigos camponezes tomarão daqui ocazião *para*

lhe chamar Lamas do mê, *que* he o mesmo do *que* dizer Lamas das Cabras, e hoje corrupto o vocabulo lhe chamão Lamas de Home, e o mesmo he *ao* rio e à Portella. Esta conjectura não parece totalmente errada, porque no tombo desta Igreja, feito a dozentos annos e escripto pello Pe. Antonio Pirez, notario *apostolico*, veyo escrito assim = a Portella dome = e da mesma sorte em outros papeis antigos.

As ervas *que* nestas campinas produz a terra, são grandes; nellas trazem os camponezes os seus gados todo o anno a pastar, excepto aquelle *tempo que* he necessario uzarem delles para a cultura de suas lavouras e nestas campinas tem cabanas em *que* se recolhem os pastores quando vão a ver o gado, e para *que* seja defendido do lobo trazem na bezeyra hu boy bravo e assim que persentem o lobo ajuntão-se todas as vacas e boys em *hum* rebanho em forma de *hum* esquadrão unidos todos cauda com cauda para *que* o lobo por aquella parte lhe não avance, e o bravo anda por fora fazendo suas escaramuças e rodeando o rebanho, lutando e pendenciando com o lobo, e assim, por instinto *natural*, se armão contra estas pelejas e se defendem ainda *que* os lobos sejam mais do *que hum*; porem, como o sitio das contendas nem todos sejam acomodados para se dar batalha e alcançar a victoria, muitas vezes succede armarse a guerra destes animais junto de algumas fragas e penedos, e o lobo como he bicho de *muita* manha e astucia, vendo *que* por nenhuma parte pode romper o exercito formado, asobe ao alto dos penedos e de sima salta ao boy, e monta nelle a cavallo. Vendose o animal com cavaleyro tão mortifero, corre, escaramussa e vê se o pode sacudir e lançar em terra, porem elle tambem montado, com as garras e dentes cravados no animal, todas as carreyras atura, e com tanta valentia e ouzadia *que* mesmo de cavallo vay roendo e espadaçando a sua tão appeticida comida, athe *que* o desgraçado animal acaba a vida e o bicho com mais descanzo o acaba de estragar e comer.

Os rios, regatos e fontes *que* há por todo o Gerez são immensas e todas admiraveis. As arvores são bastissimas e ainda *que* sejam todas agrestas, são *muito* vistozas e de grande recreação, assim por sua grandeza como por *muitas* particularidades *que* tem e fructos *que* produzem e folhas *que* todo o anno conservão. Estas são os azereyros, teyxos, medronheyros, pinheyros, cornagodinhos, sobreyros, lauros regios, etc. e todas as mais arvores que se cultivão nos pumares, todas cria a natureza no Gerez sylvestres com seus fructos. Da mesma sorte são todas as ervas *que* nos jardins se cultivão; no Gerez nascem agrestes com mais virtude, como se vê na bertonica, assim pella fragancia de seu cheyro como pellas suas maravilhozas virtudes *que* tem de tirar as dores de cabeça, purgar a

fleuma por vomito, sarar os espasmos de nervos tomada com agoa mel, e contra as mordeduras de cobras, e *para* golpes e feridas pondolhe o sumo em sima as sara, e tomada com vinho he contra o veneno, e misturada com outras couzas se fas certa medecina *para* os doentes do figado; e tomada com mel lança fora os escarros e materias do peyto; rezão *porque* he tambem utilissima no principio da tizica, e finalmente consome todas as infirmitades frias da cabeça.

Outras ervas há *que* sendo medecinaiis sem lhe darem nome, uzão dellas em suas medecinas pello conhecimento *que* tem da vida dellas. Huma há *que* tem a folha grosa semelhante à beldroega *que* posta com huma clara de ovo posta nas bostelas e chagas do figado dentro de tres dias as tirão e apagão. Outra *que* tem apparencias de trovisco *que* tira as berrugas *que* nascem nas maos e nos pees. Hum moço meu *que* tinha as maaos e os pees cheyos de berrugas lhe pos agoa forte e outras medecinas *que* lhe mandarão por os cerurgioes, e com nenhum dos remedios se lhe forão, e assim *que* lhe pos o leyte da dita erva, todas as berrugas *que* estavam espalhadas se ajuntarão em huma só, e dentro de vinte e quatro lhe consumio tudo sem deyxar sinal nenhum aonde as tinha.

Ha tambem outra erva *que* tem tal virtude de atrahir as espinhas das cobras *que* se metem na carne, *que* posta em sima da parte magoada as atrahе a si e lança fora. Tambem por estes montes do Gerez nascem quantidades de alhos *que* os camponezes chamão porros, e tem hum só dente, ou *para* melhor dizer, parecem navo de junquillo e são mais fortes e picantes *que* os alhos com *que* se temperão os guizados. Os pastores não somente os comem com paam, mas tambem uzão delles em algumas medecinas. As flores são muitas, assim de navos como de semente, e basta dizer *que* são todas as castas *que* há nos jardins; da mesma sorte são os arvoredos de platanos, azevinhos, pradeyros, castanheyros, pereyras, maceyras, ameyxieyras, aveleyras, etc. E todas as mais *que* he escuzado nomealas. Ha tambem bosques e devezas de carvalhos tão corpulentos *que* delles fazem madeyras *para* as suas cazas e traves de sincoenta e 60 palmos de comprido, e he madeyra tão dura, forte e fechada *que* posta ao fogo resiste muito à corrupção, e *quando* parece *que* hum destes paos está podre, cortandoo se acha por dentro são e duro. Como referi não serve esta madeyra *para* obra polida, *porque* he muito pezada, e com muita dificuldade se lavra, quebra as berrumas, troce os pregos, espadaça os eyxós e gasta as serras. Estão estes montes cheyos de urjes, e das raizes dellas chamadas torgas fazem carvão *que* vendem e he o melhor *que* ha *para* os ferreyros *porque* he feyto da urje negra, e fas o fogo muito forte, *que* em hum instante abranda o ferro.

Tem a serra do Gerez da *freguesia* de Villar da Veyga *que* he adonde principia athe a *freguesia* de S. Payo de Araujo do Reyno da Galliza, quatro legoas, cortando de Sul a Norte e de S. Payo de Araujo por diante *vay* sempre diclinando e deminuindo sua aspereza, de sorte *que* seus montes se cultivão e povoão. Desta serra say hu braço *que* corre para a parte de entre Poente e Norte e *vay* por Lindozo à serra da Peneda, adonde sponho *que* pouco mais adiante fenece, ficando desta *freguesia* do Campo à Peneda sinco legoas de distancia. Este braço do Gerez corre da Galiza ao famoso rio Lima que nasce na *freguesia* de S. Salvador de Manim, distante desta *freguesia* pouco mais de duas legoas.

He o Gerez de temperamento frio e pello Invernno se cobrem muitas vezes os seus montes de neve. A criação *que* há de gado grande são bois e vacas; do miudo são rezes ou cabras e carneyros. A caça que tem são coelhos, perdizes, adens, pombos torcazes, palas, e na campina da Chaam da Fonte se achão tambem muitas lebres, e tirado deste sitio não apparecem senão por grande successo. A demais caça são aguias reays, javalizes, lobos, cabras bravas *que* parecem veados, «corças», lobos cervais. Ursos já hoje não apparecem por cauza dos fogos *que* cada passo se lança nos montes. Algumas cegonhas se tem aqui morto, mas he certo *que* vierão de outras terras, e não forão criadas no Gerez. Tambem se tem mortos alguns tygres e outros bichos desconhecidos. As mais particularidades do Gerez e successos *que* nelle tem havido com a caça e bichos ferozes, já se deu noticia à Academia Real, e tambem de toda a estrada imperial da geyra de *que* já fas menção o nobellissimo e doutissimo «academico» D. Hieronimo Contador de Argote, no 2.^o tomo e capítulo 10 das *Memorias de Braga*.

Confronta esta *freguesia* de S. João do campo com outras muitas de vários concelhos, a saber: com a *freguesia* de Santa Marinha de Covide, e com a de S. Payo de Carvalheyra do concelho de Terra de Bouro, e com S. João da Cova, e com a de S. Martinho da Ventoza do concelho de Soaz ou Soares, e com a de S. Lourenço do Cabril do concelho de Barrozo, e com a de S. Mamede de Lindozo do concelho de Villa Garcia e com a de S. Miguel de Entre ambos os Rios, do termo da Barca, e com as *freguesias* do Reyno da Galliza, com a de Santa Maria de Rio Caldo «do Valle» e com a de S. Salvador de Manim.

Entre o Norte e o Poente lhe fica Lindozo e são duas legoas de serra. He a *freguesia* de Lindozo tambem praça de armas, e tem seu castello para a defensão daquella raya. Para o Norte lhe fica Galliza em distancia de huma legoa athe o extremo donde se divide hum reyno do outro, porem athe a primeira povoação *que* he a *freguesia* do Valle, são duas

legoas. Para o Oriente lhe fica o centro do Gerez, *que* são seis legoas de serra athe entrar na *primeira* povoação do Barrozo, *que* he a *freguesia* de Parada do Outeyro, e pouca distancia adiante fica Monte Alegre, *que* tambem he praça de armas, e tem castello como dará *noticia* o *reverendo* *paroch*o da dita terra.

Os homens desta *freguesia* são de corpos agigantados e fortes; as mulheres tambem são robustas, *muito* trabalhadeyras amigas de granjear suas fazendas.

He a gente desta *freguesia* *muito* aversa a todo o mais de outras terras, e fazem seus cazamentos na mesma *freguesia*, de tal sorte *que* em toda ella senão acha *hum* só homem *que* viesse de fora, e todos os mais *que* não são naturais lhe chamam vendiços, *que* he o mesmo do *que* gente estranha em suas terras; isto mais se confirma com certas terras e herdadas *que* possuem a *que* chamão cazarios, em *que* todos os moradores do Campo tem sua *parte* e foy instituição e ley posta pellos seus antiquissimos camponezes *que* nestas tais terras e herdades não pudesse succeder nenhuma pessoa *que* não fosse oriunda no seu lugar do Campo. Assim o praticão e observão este tirano e cruel costume, ficando exemidos destas tais terras ainda os seus proprios filhos se for successo nascerem em outra qualquer *freguesia* ou terra. Vivem todos em grande união, e escandalizar a *hum* morador he o mesmo do *que* a todos; são *muito* ambiciozoz de terras, não obstante a opulencia *que* tem de montes e com isso são arrogantes e destemidos. Todos vivem em vezinhança, levão os seus gados todo junto em *hum* rebanho a *que* elles chamão bezeyra, a pastar todos os dias pello Gerez dentro, e todos por rolda ou alternativa o acompanhão e guardão dos bichos.

Nos moinhos tambem são companheyros, e todos tem nelles o seu dia. Nunca partem os seus bens e fazendas, e por não empobrecerem, ordinariamente, os cazamentos *que* fazem he em cambo.

Cada lugar tem seu juis da ventena feito por eleyção dos moradores e confirmado pelo juis ordinario do concelho e o dito juis da ventena governa nas couzas publicas do lugar e tem a seu cargo mandar concertar os caminhos *para* os carros, levantar as paredes e portellos por onde os gados entrão nos campos; e nos ajuntamentos usa de vara e condemna athe sincoenta vergas *authoridade* *que* o *direito* dá. Todas sextas *feiras* de manhaam em *hum* monte da junta com todos os moradores do lugar e ali fazem a sua *semblea* e propoem todas as couzas *que* pertencem em *validade* aos moradores e ali tomão seus pareceres e resoluçoens do *que* hão de obrar e assim nas demandas como em obras e tudo o mais *que* lhe ha de redundar em proveyto.

Para as depezas das demandas, fintas e obras publicas do lugar, não concorrem os moradores com nada de sua caza, porque o juis de ventena em certos *tempos* e dias do anno obriga a todos os moradores, homes e mulheres, hirem ao monte fazer carvão, e o *dinheyro* poem em depozito para estes e outros semelhantes despendios. Não exercitão officio nenhum porque todos desprezão e só estimão o da agricultura.

Todos malhão em huma eyra e huma só parede lhe tapa todas as suas fazendas e lavouras.

O rio principal *que* há nesta *freguesia* he o rio de Homem e a sua origem he huma grande fonte *que* nasce em Lamas de Homem, e logo pellos seus montes se lhe vão ajuntando muitas fontes e regatos por espaço de huma grande de legoa, sendo a torrente despenhada por rochedos, e direita de Nascente e Poente athe cahir na Chaam da Portela do Homem e aqui entra já caudalozo e começa a levar a sua corrente de Norte a Sul, e quanto mais corre, quanto mais se fas formozo e oppulento de agoas, porque em espaço de meya legoa, apanha as agoas de treze rios. Do nascente correm para elle nove rios e são o rio das Cabras, rio de Cadarrouço, rio da Pala, rio de Monção, rio do Forno, rio de Segademos, rio de Maceyra, e este tras truytas, outros lhe chamão rio de Lionte porque a sua origem he de huma grande fonte *que* nasce na Chaam de Lionte, rio da Mó, rio de Sarilhão; e da parte do Poente correm quatro e são: rio de Palheyros, que tras trutas, rio de Azeveyro, rio das Abelheyras, e rio das Furnas que tambem tras truytas; e todos se ajuntão no sitio da Chaam da Portela de Homem e na Chaam de Linhares com o rio de Maceyra. Nesta *freguesia* escalos, vogas e truytas *que* são tidas geralmente por todos de mais dura e melhor gosto que o salmão pella frescura e agoa batida nas penhas em que são criadas, e não terem o sustento de lodo e outras immundicias que tirão o gosto ao peyxe que dellas comem. He a caça desta *freguesia* toda livre, e se cassa com redes e da mesma sorte são as agoas e levadas com *que* os lavradores regão os seu campos *que* lhe servem de margens. Não tem nada do *que* se pergunta nos interrogatorios somente tem alguns moinhos. O seu nome he de Homem e sempre o conserva *que* depois de ter corrido oito legoas se mete no rio Cavado ao vão do Bico, e junto com elle se mete no mar. Da *freguesia* de Chamoim para bayxo tras o rio de Homem truytas mariscas, iris, lampreas, salmões, vogas e escalos.

Tinha na Portella de Homem este rio quatro pontes de pedra maravilhozas, obra romana *que* havia na estrada imperial da geyra; a magestade desta obra amostrão ainda os seus vestigios, e a segurança, prefeção e sumptuosidade se prova com a despeza *que* a gente de Terra de

Bouro fes de trinta mil reis *que* derão aos pedreyros no anno de 1640 *para* lhas demolirem pello receyo *que* tiverão de *que* o inimigo naquellas guerras entrasse por ellas. Herão as pedras acentadas sobre betume e *muitas* gateadas de ferro; em duas destas pontes estão hoje [1736] duas (peças) de traves e se passa por ellas; as outras duas, como são de grande largura, não tem passaje e por isso, de *tempo* do inverno se não passa esta estrada. Hua destas pontes tem o nome de S. Miguel por rezão de *que* antigamente, no *tempo* em *que* este reyno esteve de intredito, os moradores desta *freguesia* no estremo de Galliza levantarão huma ermida de S. Miguel e nella ouvião missa nos dias *santos*; depois *que* se levantou o interdito, mudarão a *dita* ermida *para* a Chaam adonde esteve a *dita* ponte e dahi por diante ficou com este nome e tambem a Chaam; e finalmente, como a ermida estivesse em ermo e sitio muy dezerto, a demolirão e trouxerão a imagem de S. Miguel *para* a ermida da *Senhora* das Mercês *que* está no lugar de Villarinho. A ponte de Albergaria, dizem, tomou o nome de huma caza *que* antigamente ali havia *que* servia de recolhimento aos passageyros, e a de Monção, por junto della estar huma maravilha fonte asim chamada, e a do arco por ser de *hum* só a ponte.

A igreja matriz *que* antigamente havia nesta *freguesia* tambem estava em sitio dezerto, ao pee dos montes do Gerez, e da outra banda do rio de Rodas, e remota do lugar do Campo pouco mais ou menos quinhentos passos de medida romana; esta igreja, ao *tempo* em *que* se fes, foy toda de pedraria romana, *que* antes disso tinha servido em *hum* grandiozo templo *que* neste mesmo sitio estava feito pellos romanos e não só nos dá essa *noticia* as *muitas* columnas grossas e delgadas, as cazas, capiteis e pedraria de lavores romanos, e sepulcros feitos de pedra, e outros de grandes tejollos de tal fabrico e grandeza *que* hoje em nossos *tempos* se não fazem daquelle genero, mas tambem o padrão *que* os annos passados ali se achou com huma inscripção *que* dis ser aquelle edificio dedicado a Ceres e tambem hu pedaço de huma columna delgada *que* foi trazida da *dita* igreja e nella se vê escripta a memoria do Emperador Constantino; e com *muita* rezão se pode dizer, por esta columna e tambem pella escriptura, *que* este Emperador, depois da gentilidade, mandou dedicar o tal templo a *Deus* e a seus *santos* = sed ubi Constatinum Imperator per baptismi sacramentum sanitatem salutem *que* cum (se autum) est, tum primum lege abeo lata concessum est, tota orbe terrarum christiani ut ecclesias edificarent, quos ille non solum edicto sed etiam exemplo ad sacram edificationem est, cohortatus, etc. = e por esta igreja estar em sitio tão dezerto e remota da povoação se mudou a quarenta annos *para* este lugar do Campo adonde estava huma cappella de *Santo Antonio* e se

acrescentou *muito* a ella com toda a pedraria *que* da *antiga* se conduzui, e finalmente no anno de 1718 se reedificou toda de novo e se fes de mayor grandeza de sorte que ficou hua linda e bem asseada igreja.

Tem o Gerez nos lemites da *freguesia* de Villar da Veyga os banhos das Caldas e são tres fontes, e cada huma dellas tem sua deversidade. No calor huma forte e outra brando e outra temperado, e parecem milagrosas pellas grandes maravilhas *que* obrão nos achaques, e por isso acodem a ellas gente de todas as partes do reyno, e he certo que sendo fraco sitio tão apertado e entalado entre aquellas montanhas *que* se havia de fundar huma solida villa, mas comtudo tem se feyto a menos de oito annos, *muitas* moradas de boas cazas *que* se alugam às pessoas *que* vem tomar os banhos. Há ali huma boa cappella de Santa Eufemia e nella se pos o anno passado, por ordem de sua Magestade cappellão com renda *para* dizer missa e confessar; e tambem cerurgião *para* curar, e se anda agora *para* fazer hum hospital. As mais circunstancias dará *noticia* o reverendo parochio de Villar da Veyga a *quem* pertence. Estes banhos ficão distantes desta *freguesia* de S. João do Campo huma legoa.

Por esta *freguesia* de S. João do Campo passa a estrada imperial da geyra, e pella Portella de Homem, e vay por Galliza dentro a cidade de Orense e à de Lugo e dahi se junta com outras estradas romanas, e conforme dizem os de Lugo, vay a França e finda em Roma.

Da cidade de Lugo say outra estrada *que* vay *para* a cidade de Astorga.

Esta estrada da geyra hera obra magestoza, asim mostra ainda hoje os paredoens ou sucalcos *que* por ella há; e tambem as *muitas* columnas redondas a *que* vulgarmente chamão padroens e os levantavão os romanos em louvor de seus emperadores *quando* alcançavão alguma victoria, ou tambem *quando* querião mostrar [se] seguirão as suas bandeyras e partidos, e não as de outros *que* *muitas* vezes se levantavão com *muitas* terras do império e se fazião emperadores. E como esta estrada fosse a mais publica e por onde passavão os exercitos, nos *ditos* padrões fazião publico a todo o mundo o nome do emperador a *quem* obbedecião; e *quantas* vezes tinha conseguido as dignidades asim de consul como de proconsul e servião juntamente os tais padroens de marcos com *que* demarcavão as milhas *que* começavão a contar da cidade de Braga como cabeça e principio daquella estrada. Esta do *tempo* dos romanos athe o de agora ficou sempre sendo o caminho comum da cidade de Braga *para* todas as *freguesias* deste concelho athe a Portella do Homem, ainda *que* algumas de suas voltas já ha annos se não usava dellas por abreviar o *caminho*, sojeytandose os modernos a mais a sofrer as subidas e descidas

dos montes do *que* a seguir o plano, e isto por pouca mais distancia *que* he hindo sempre pella geyra, porque da cidade de Braga athe a Portella do Homem, somente se troce indo por ella pouco mais de meya legoa, e nesta mesma conta vem a darnos *que* não seguem as voltas della pellas subidas e descidas *que* sofrem os *que* dellas se desviam. Esta estrada como disse he a *que* hoje se pratica e tambem todas as suas voltas *que* há annos se não uzavão e somente tres lavradores na *freguesia* de Chorense a tem embaraçado e huns quatro na *freguesia* de Chamoim com humas tapajes *que* a poucos annos fizerão, de sorte *que* nem por dentro por donde hia a estrada, nem por fora das tomadas, a dão aberta e não sey com *que* rezão sendo esta estrada tão regia e humas das antiguidades mais sump-tuozas e das melhores *que* tem este reyno e necessitava de humas grande pena a *quem* a uzurpase, furtase os seus padroens, pois he o *que* mais illustra a historia romana e com elles se acharão muitas couzas confusas.

Na *freguesia* de Covide está hum padrão com humas cruz em sima *que* terá tres palmos; o padrão está posto as vexas porque tem o pee para o ar e a inscrição para a terra e toda enterrada de sorte *que* só se vê o numero das milhas. Pedio o reverendo parochio a alguns de seus *fregueses* lhe dessem a volta e puzessem direyto para copiar a inscrição e ver se hera do emperador Trajano de *que* fas menção doutor Bernardo de Brito, e não quizerão, o *que* podião fazer com pouco trabalho.

Os mais dos padroens *que* na geyra estão, estavam naquellas voltas não uzadas e fechadas de mato, e outros nas partes em *que* ficavão remotos dos lugares *que* se asim não fosse já não havia de haver nenhum pello muito *que* os lavradores os destroem.

Os *que* há pellas outras *freguesias* darão noticia os reverendos parochos dellas, e os desta são os seguintes: em humas pequena volta *que* fas a geyra, quazi a volta do Campo adonde se deve este lugar do de Covide, estava hum padrão *que* os moradores do Campo já a muitos annos mudarão mais para diante, elle está servindo de pee ao cruzeyro e está na sua forma antiga, mas como foi trazido a tombos com trancas de ferros se gastou algumas couzas das letras e ficarão imperfeitas como se ve na inscrição:

IMP. CAES.
G.MESS. Q TR
DAC O NV
RIO FEL AVG
P MX TR P
P C IIII C II
P.P. ABRAC
M. P.
XXVII

Neste mesmo sito estavam dous padroens, hum delles estava inteyro e hum lavrador desta *freguesia* o trouxe e partio para no anno de 1722 fazer hum pee ao pulpito desta igreja. A parte *que* tinha a inscrição levarão os pedreyros para a dita obra, o outro pedaço meterão na parede do adro desta igreja da parte de dentro; o outro padrão se vê hoje somente

hum pedaço e he do pee, e foy partido a cunha já a muitos annos de *que* não há memoria de *quem* o partise, e deve de ser o *que* vio Frei Bernardo de Brito, e já *que* o tinha partido tinha tirado do sitio em *que* estavam os outros dous e mais *para* diante couza de 70 passos e posto no atalho e *caminho que* se praticava, e como os outros estavam na volta, he certo *que* esta naquelle *tempo* estava fechada de mato, rezão *porque* Frei Bernardo de Brito nem os vio nem delles teve noticia.

As letras destas inscriçoens vão toscas asim como estão escritas nos padroens *para* por ellas se emendarem os erros *que* poderão levar outras de outras partes, *porque* he *muito* differente lelas nos livros ou nas pedras, e *quem* as houver de copiar he *necessario que* tenha mais uzo de as ler nas pedras, do *que* nos livros e sabelas bem conhecer, *porque* de outra sorte trocarão *hum* letra por outra e farão da letra G *hum* O, como se vê do G romano *que* tem este feitio G, e asim em legis podem errar e escrever LEO, ou em AVG escrever AVO. No *tempo* mais moderno tambem escrevião os romanos o G desta sorte Ç, como se vê no padrao de Decenção, e tambem se quer *muita* advertência nas letras *que* estão cortadas *que* *hum* só serve de duas como se vê neste nome *AVG* e *quem* não tiver uzo dellas e não for advertido copiará NO, e o mesmo em NOVA e escrever NON, etc. e não sey se o pedreyro *que* insculpio a inscrição do *primeiro* padrão *que* hoje se acha na *geyra* dedicado a Marco Aurellius Caro cahio tambem no erro e pos P. M. X̄ T. P. e a risca *que* havia de dar na 3.^a perna do M a pos por sima do X e o fes numeral *que* da sorte *que* está escripto se lê Pontifice Maximo des vezes; e tribuno de poder e parece *que* *diferentemente* se deveria escrever P. MAX e des vezes foy este emperador Pontifice Maximo e tribuno do povo; tambem se quer *muito* sentido nos pontos e ver aonde fazem separação *hum* nome do outro. Se com *muita* mais cautela em letras *que* estão gastas do *tempo* aqui se forão seguindo todas as mais inscriçoens *que* há nesta *freguesia* athe o estremo de Galliza, excepto a de Magnencio e Constantino *porque* ainda não estavam descubertas.

H. 968.2

DE ANTIQUITATIBUS CONVENTUS

BRACARAUGUSTANI;

LIBRI QUATUOR,
VERNACULO, LATINOQUE SERMONE
conscripti,

ET AUGUSTISSIMO LUSITANORUM REGI

JOANNI V.

DICATI

A PATRE

D. HIERONYMO

CONTADOR DE ARGOTE,

Clerico Regulari.

Secunda Editio quinto Libro locupletata.



ULYSSIPPONE OCCIDENTALI,
Typis SYLVIANIS, Regalis Academiæ.



M. DCC. XXXVIII.

Cum facultate Superiorum.

A VIA MILITAR QUE IA PELO MONTE GERÊS*

por
JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE

CAPÍTULO V**

Da via militar que ia pelo monte Gerês ter a Astorga.

1. A terceira via militar, falo das que iam acabar em Astorga, corria por entre Norte e Nascente e pelo monte Gerês. Como logo direi, ia ter a El-Bierzo e a Astorga. Certo amigo meu, assaz erudito, pretendia que esta via militar, descrita em terceiro lugar por Antonino, era diversa da estrada que rodeava e passava pelo monte Gerês, e o fundamento era porque lhe parecia incrível que Antonino, na descrição daquela estrada, não fizesse menção do monte Gerês. Mas este douto varão não advertia que o intento de Antonino, naquela obra, não era declarar os montes ou rios, por que a estrada passava, mas somente medir a distância dos lugares e declarar o comprimento da via militar. De onde vem que não faz menção ainda de outros montes maiores de Espanha, como eram o Edubeda e o Orospeda e outros. E se fala nos Pirenéus e nos Alpes alguma vez, é porque estes serviam de divisão às províncias e regiões. Aliás, esta estrada de que Antonino trata em terceiro lugar, por boas razões se vê ser a mesma que

* *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani* (1738).

** Livro Terceiro.

a que rodeava pelo monte Gerês, porque a tal via se ajuntava com a segunda e quarta junto a El-Bierzo no passo de Ponferrada, as quais, segunda e quarta via, falo das que iam a Astorga, já vinham unidas desde Lugo, e assim a nenhuma das outras vias se pode acomodar as distâncias e lugares de Antonino senão a esta do Gerês. Saía, pois, a sobredita via de Braga e ia topar no rio Cávado, onde hoje chamam a Ponte do Porto, para diferença, de outras, e passado o rio, fazendo voltas por entre rochedos que para este efeito se cortavam, era lançada por montes e vales fragosos, até que chegando a Saliniana, que ficava a vinte e uma milhas de Braga, vencia o alto do monte Gerês, que hoje serve de divisão entre Galiza e Portugal. Era esta estrada mui larga toda de lajes tão firmemente entre si unidas, como ainda presentemente aparece. Finalmente era obra soberba magnífica e verdadeiramente digna de grandeza Romana.

2. Vencido o monte, corria por águas Querquenas, Origines, Geminas, Salientes e outras cidades e povoações até chegar a Bergido, que era El-Bierzo, onde no paço de Ponferrada se juntava com a segunda e quarta via militar, e todas três reduzidas a uma só iam buscar a Astorga.

3. Os nossos escritores dizem que Vespasiano Imperador foi o que edificou esta via militar. Não me desagrada a sua opinião. Gândara diz que foi Trajano. A solução desta matéria pende das colunas achadas nas vizinhanças ou margens daquela estrada.

4. Porém, estas colunas, por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa, se diz foram trazidas para Braga e postas no campo de Santa Ana, onde a meu ver, misturadas com outras, mal podem decidir a contenda, porque entre tanta multidão de cipos, esqueceu quais foram os conduzidos desta via militar, excepto uma que fala o Dr. Barros que vivia naquele tempo. Se bem não falta quem diga que todas as doze colunas que no Campo sobredito de Santa Ana permaneciam foram conduzidas da sobredita via militar.

5. Para decidirmos, pois, com segurança esta controvérsia é preciso recorrermos às colunas que em razão da distância e aspereza dos caminhos não poderam ser transportadas. Destas alega três o Cronista mor Fr. Bernardo de Brito. A primeira está na freguesia de S. João do Campo, tem as letras já mui gastas e ele as copia nesta forma:

IMP CAES VESP AUG
PONT. MAX. TRIB POT
IX IMP XIIX PP COS XIII
OPUS AMP V DD
A BRACARA AUG
MP XXVII.

Quer dizer: *Esta grande obra se dedicou ao Imperador, César Vespasiano Augusto, Pontífice Máximo do poder Tribunício nove vezes, Imperador dezoito, Pai da Pátria, Cônsul três vezes. Daqui a Braga Augusta são vinte e sete mil passos.*

6. Porém, certo Fidalgo de Braga versado em investigar antiguidades, me escreve que ele havia anos vira a tal inscrição e coluna e que não poderá nela descobrir o nome de Vespasiano.

7. A segunda coluna que traz Brito e diz a recebera copiada por outrem, estava na freguesia de Santa Marinha de Covide e tinha a seguinte inscrição:

IMP. CAES. AUG
G MISSIO
TRAIANO DACIO
INVICTO PIO FEL
AUG PONT MAX
TRIB POT COS II
TRIB POT PROC
CONS IIII COS II
P P A BRACHARA AUG
M P XXVI.

Quer dizer: *Esta memória se dedicou ao Imperador César Augusto, Germânico, Missio, Trajano, Dacio, Invicto, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo, do poder Tribunício Cônsul a segunda vez, do poder Tribunício Procônsul a quarta vez, Cônsul a segunda, Pai da Pátria. Daqui a Braga são vinte e seis mil passos.* Porém, bem se vê que esta inscrição está cheia de erros.

8. A terceira inscrição está num lugar perto do que chamam Portela do Homem, perto de uns banhos. Desta coluna faz também menção Gândara e diz assim:

IMP CAES
TRAIANO AUG
PONT MAX.
TRIB POT VIII PP
A BRACHARA AUG
M P XXXVIII.

Quer dizer: *Esta memória se dedicou ao Imperador César Trajano Augusto, Pontífice Máximo, do poder Tribunício dezoito vezes, Pai da Pátria. Daqui a Braga são trinta e oito mil passos.*

9. Das inscrições referidas fica bem claro que esta via militar foi fabricada ao menos imperando Trajano. O que também se prova de outra inscrição que dura no mesmo caminho, quando já vai correndo por Galiza e está junto à ponte do rio Vivi Dei, a qual traz Gândara e diz assim:

IMP. NERV
TRAIANO

Quer dizer: *Esta obra foi feita imperando Nerva Trajano.*

CAPÍTULO IV*

Do monte Gerês e sua descrição

1. No livro terceiro, capítulo quinto, tratamos da Via Militar que saía de Braga para Astorga, depois de ter corrido por Salaniana e passado por Lugo e outras terras. Então, como ninguém tinha notícia clara da sobredita estrada, por estar na maior parte coberta de mato, disse mui pouco dela. Agora, como com a indústria do P. João Ferreira de Matos¹ se investigasse e descobrisse muitas colunas romanas e ficasse inteiramente descoberta determinei descrevê-la largamente. Mas, primeiro, quero descrever a montanha do Gerês por onde ela corta e rodeia.

2. A poucas léguas de Braga se levantam uns montes que se vão continuando até ao interior da Galiza. Estes, uma vez brandamente levantados pouco a pouco, descaem para o plano, outras vezes, subindo com uma imensa altura, formam grandes vales e precipícios, a que por uma parte e outra rodeiam os cumes íngremes da montanha, de sorte que apenas permitem entrada por alguma apertada vereda.

3. Considerada a condição destes montes, de toda a sorte causa admiração. Porque se olharmos para os brutos, as feras, as aves e outros animais deste género que criam; se para as árvores, plantas e flores que produzem; se para as lagoas, os rios, as fontes que deles manam, acharemos que, ou a natureza os dotou de alguma propriedade singular, ou que só se dão nesta montanha. E verdadeiramente, não só se criam ali lobos, javalis, veados, mas também, feras de espécie desconhecida. No ano de mil setecentos e vinte e oito, Francisco Domingues, procurando uns bois que lhe faltavam, acompanhado de dois cães de gado, correu

* Livro Quarto.

¹ O nome correcto é P.º José de Matos Ferreira.

grande parte da montanha. Chegando ao sítio de Cabril, a três léguas de S. João do Campo, encontrou dois pastores que andavam também em semelhante diligência, esquadrinhando vales e montes. Estando praticando uns com os outros, eis que de repente os dois sabujos começam a ladrar e, furiosos, entram pelo mato e, passado pouco espaço de tempo, voltam, trazendo uma fera morta, de espécie que os dois não conheceram. O focinho era de javali, as mãos e pés com unhas ou garras encurvadas pareciam de gato, o tamanho de um cão de gado a pele muito galante e agradável aos olhos, enfiada de riscas a modo de fitas, umas de cor azul, outras brancas e correndo todas ao comprido. O mesmo pastor poucos dias antes tinha caçado no monte um javali pequeno.

4. Há também nesta montanha um género de feras do tamanho de veados, mas como as pontas são à semelhança das de cabras, os pastores lhe dão o nome de cabras monteses. Tem admirável faro, são mui ligeiras e dotou-as a natureza de particular instinto e sagacidade. De sorte que, quando andam pastando as manadas, algumas sobem às eminências e dali como atalaia estão vigiando e em sentindo coisa que lhe possa servir de risco ou dano às que andam pastando, dão sinal com os berros e todas velozmente fogem e se põem em seguro. O modo de as caçar e apanhar é o seguinte: elegem os pastores as eminências mais íngremes e precipitadas e sobre elas põem umas grandes tábuas em forma que a extremidade da tábua saia fora da terra ou rocha e a esta extremidade cobrem de relva. Disposta assim a armação, escondem-se. Quando, pois, as cabras monteses saem a pastar vendo a relva nas extremidades das tábuas, vão para ela e com o seu mesmo peso cai a tábua, precipita-se tudo e morrem as cabras. Os rústicos comem da sua carne e dizem tem o sabor da de veado. Este género de animais só nestes montes do Gerês sabemos que o haja.

5. Abunda também esta montanha de aves de rapina, como açores, bufos, gaviães e outras muitas, especialmente águias reais de excessiva grandeza, porque se tem achado algumas que abertas as asas tem de ponta a ponta, cinco côvados de comprimento. Fazem os seus ninhos num penhasco muito alto, formado com notável disposição da natureza, porque do chão de onde principia até ao meio vai sempre recolhendo-se e como inclinada para dentro, do meio, porém, para cima até ao cume, vai saindo para fora a modo de arco, de sorte que tem cem côvados de altura e aos que estão de frente dela causa grande pavor pela ruína que parece está ameaçando e que o rochedo está para cair e se despenhar. No meio do espaço da altura deste penhasco, está uma gruta, ou caverna em que as águias fazem os seus ninhos, mas como a boca da gruta, tanto

pela disposição como pela altura, só dá entrada às aves, os pastores, para apanharem às águias os filhinhos, sobem aos montes que por detrás se continuam com a da gruta e assim chegam à extremidade da altura da penha. Desde ali, em um cestão enleado de cordas, lançam abaixo um homem até chegar à boca da caverna e poder furtar à águia o ninho e os filhinhos. Dizem os moradores daquela montanha que têm por experiência de muitos anos observado que as águias, se os filhos não tratam de voar e sair do ninho até vésperas de S. João, vinte e três de Junho, então que a mãe à força os lança fora. E que também sabem por experiência ser falso o que dizem os Naturais da pedra Ethites, de que usa a águia para que se lhe não gorem os ovos, porque muitas vezes buscando com grande diligência os ninhos não encontraram mais que com juncos, peles de coelhos e outras coisas semelhantes.

6. Pelo que pertence às árvores, em nenhuma parte se acharam nem mais corpulentas nem de tão estranho género. Em nenhuma estação do ano perdem a folha. No monte em que dissemos se criavam as águias, há umas árvores do tamanho de carvalhos que têm a folha semelhante à dos lauros régios, e entre elas dão como frutos uns cachos formados de grãos vermelhos como corais. Não sei se esta árvore é a mesma a que os camponeses deste país chamam azereiros, que lançam umas flores brancas, as quais produzem um fruto a modo de cerejas e até aqui ninguém se quis arriscar a prová-los. O Sr. Francisco Xavier da Serra, Académico da Academia Real, afirma nos seus Comentários que nesta montanha do Gerês há grande número de árvores, de cuja espécie se ignoram os nomes, mas que cada um à sua vontade lhe põe o nome que lhe parece, dando por razão que correndo outras terras e peregrinando, viram árvores semelhantes, a que davam o tal nome e alega, por exemplo, a que ali chamam Teixo, estéril de flor e de fruto, mas que de suma confiança e madeira fortíssima de que usam para fabrico de leitos e que há outras de igual dureza e consistência que não cedem à madeira do Brasil na fortaleza. Eu ouvi dizer que a madeira de que se fabricara aquele poderoso e decantado galeão a que os nossos deram o nome de Santa Teresa, que acabou abrasado na batalha naval que se deram Espanhóis e Holandeses junto às Dunas, fora cortada das árvores desta montanha de cuja fortaleza admirado aquele grande Capitão, D. Lopo de Hofes, que governava o galeão, vendo que as madeiras não só resistiam mas cuspiam para fora as balas dos canhões, escrevem a El-Rei Filipe IV, que então governava Espanha, que os montes da Província Entre Douro e Minho e as árvores neles produzidas deviam ter-se em grande estimação.

7. Finalmente, poucas serão as árvores silvestres, ou das que dão fruto, das que se produzem em outras terras que se não encontrem ou nos vales, ou nos campos, ou nos montes e outeiros do Gerês, daqui lhe procede serem muito alegres e a serra opaca e sombria.

CAPÍTULO V

Prossegue a descrição

1. Assim como o Gerês é fecundo de árvores, igualmente o é de plantas e flores. Nascerem ali muitas ervas que se não acham em outra parte. Para não molestar os leitores tratarei só de uma, de que os moradores confessam não sabem o nome. Nas folhas parece-se com a planta que chamamos língua-de-ovelha, diferença-se em que esta de que tratamos tem as folhas pintadas com umas manchas quadradas de cor roxa, a raiz tem figura de nabo. No mês de Abril lança uma haste de altura de dois palmos, no fim da qual se produz uma pirâmide de flores formada à maneira de uma pinha de botões. Estes começam a abrir da parte inferior da pirâmide até ao cume e dão umas flores do tamanho de violas, porém de cor de fogo, salpicadas com pintas de cor roxo claro como as folhas.

2. Nem há que admirar da multidão das plantas, e flores, copa e corpulência das árvores, porque todas aquelas serras estão regadas de repetidas fontes e os penhascos brotam águas mui cristalinas e claras. Para onde quer que uma pessoa se volte, encontra e vê levadas de água, ou frigidíssimas, ou tépidas que vêm saltando e despenhando-se pelas fragas, rochedos e precipícios dos montes, até que caídas em baixo, ou juntas, formam lagoas ou com uma corrente, ora muito branda, ora mais apressada, segundo o requer a maior ou menor planície do terreno, encontrando-se umas com outras se incorporam e se fazem mais caudalosas. Na planície a que os moradores chamam o Chão da Fonte, mana uma de água tão fria que a não sofre a mão nem por espaço de uma Avé-Maria. Nem faltam ali também águas saudáveis e das que servem para curar as enfermidades do corpo. Porque desde um penhasco, que se compõe de outros muitos, brotam pouco a pouco e manam algumas águas que a breve espaço se dividem em três fontes, não muito distantes entre si, porque não excede o dito espaço a distância de sete côvados.

A primeira é mais abundante e quente que as demais, a segunda de menos calor e mais pobre corrente, a terceira e última cede às duas em uma e outra cousa. Cada uma nasce do interior da penha, e o lodo ou pó que sai incorporado com a água e que deixam por onde correm, é da cor de ouro e luz como se o fora. O mesmo sucede à prata, se depois de metida naquela água a tiram para fora. Estão situadas estas Caldas ou banhos na freguesia de Santa Ana de Vilar da Veiga. Foram estas Caldas conhecidas há poucos anos e muitos pretendem que são as melhores e mais proveitosas de todas quantas há em Portugal. Como quer que seja, é certo que são mui úteis aos enfermos e que no tempo do Estio concorrem já, hoje, ali muitos enfermos por ordem dos médicos. Certamente, se não fora o aperto do lugar fechado com aspereza dos montes e dos rochedos, o não impedisse, se poderia ali edificar uma boa povoação para cómodo dos enfermos. Contudo, de oito anos a esta parte se tem ali fundado algumas casas assaz acomodadas, as quais alugam aos enfermos que ali concorrem. Perto está uma ermida dedicada a Santa Eufémia. O que tudo chegando à notícia do nosso Augusto Monarca, D. João V, com a sua costumada piedade e providência para com os vassallos, ainda os mais remotos, ordenou o ano passado que houvesse ali e se assinasse ordenado a um Capelão para dizer missa e confessar e o mesmo mandou a respeito de um cirurgião.

3. Junto a estas Caldas jaz uma estrada subterrânea que vai dar a Rio Caldo, cuja descrição não faço, porque não tive quem me desse a notícia. Os moradores dizem ser fábrica de Mouros para levar a beber os cavalos ao sobredito rio, porém, eu entendo ser obra de Romanos.

4. Para a parte de Oriente, por onde estes montes correm continuados por espaço de seis léguas e correm até Barroso, não é cultivada de parte nenhuma e carece de aldeias e lugares e cercam algumas campinas de uma milha de comprido. As principais são as que chamam Lamas de Homem, Chão da Fonte, Chão das Mesas, Chão de Leonte e Chão Longa. Pelo meio destas campinas correm as fontes e rios que descem daqueles montes. Entre estes, tem o primeiro lugar o rio Homem, nasce no chão que chamam Lamas do Homem. Dali correndo direito ao Poente, precipitado por entre penedos e fragosidade dos montes, recebendo de um e outro lado diversos ribeiros com que se faz mais poderoso, vem a despenhar-se com grande estrondo no lugar a que chamam Portela do Homem. Donde voltando a corrente para o meio-dia dentro do espaço de meia légua, recebe e incorpora em si as águas de treze rios, com o que muito mais arrebatado, profundo e caminhado o espaço de oito léguas, a uma légua de Braga, desemboca no rio Cávado e se une com ele.

5. Também naquele espaço de país, que rodeiam os sobreditos montes, se encontram muitos monumentos e indícios de antiguidade. Porque ainda se divisam os vestígios de quatro Pontes que os Romanos fabricaram sobre o rio Homem, as quais ainda que já arruinadas, ainda conservam o nome de Pontes. Uma se chama Ponte do Arco, de um que tem somente. Outra, Ponte de Albergaria, em razão de uma que estava antigamente ali perto. A terceira, Ponte de Monção, em razão de uma fonte que ali nascia, cuja água se dizia ser muito sã ou salutífera. A última, Ponte de S. Miguel, por causa de uma Ermida que existia na mesma planície de onde está a ponte. Contam os moradores que no tempo em que Portugal estava interdito, os seus antepassados, para ouvir missa, fabricaram uma capela na raia fronteira de Galiza e que acabado o interdito transferiram a dita capela para o campo onde estava a ponte e correndo os anos, em razão de ser o sítio ermo, a derrubaram e trasladaram a Imagem do Santo para a Capela de Nossa Senhora das Mercês de Vilarinho. Não impugno, antes abraço a sobredita tradição e me parece ter acontecido o sucesso no tempo em que El-Rei D. Afonso, o Terceiro, governou este Reino.

6. Das sobreditas fontes, três constavam de um só arco, as outras, de três. Todas estavam fabricadas com bela arquitectura. As pedras eram primorosamente lavradas e ligadas com um betume mui tenaz. Dos lados do rio, saíam uns muros firmíssimos de pedra lavrada de almofadas e sobre cada fiada caía uma de juntouros da mesma sorte lavrados e do meio destes muros saía a obra de esquadria que eram os arcos. A firmeza da obra era tal que prometia tanto contra o ímpeto da corrente, como contra as injúrias do tempo, perpétua permanência que certamente conseguiria se não fosse que a petição e consentimento dos moradores e com ordem, como se diz, de Dom Gastão Coutinho, se demolissem as sobreditas Pontes no tempo em que os nossos Portugueses traziam uma sanguinolenta guerra com os Castelhanos, com o intento de que, cortadas estas pontes, ficasse a defesa do País fácil aos nossos e a entrada dificultosa aos inimigos.

7. Há grandes indícios de que na Veiga de Santa Eufémia existia algum notável edificio no tempo dos Romanos. São estas pedras lavradas ao modo Romano e espalhadas por todo aquele campo em grande número, principalmente na margem do rio, mas o principal fundamento neste particular é a inscrição de um cipo que há poucos anos se achou naquela Veiga e diz assim:

M. C. CAES. C. I. C.

AED. M.

Confesso que não percebo o sentido da inscrição. Só parece que trata de um certo César e de um edifício ou Templo dedicado a Marte, em forma que o último verso se pode interpretar: *Templo de Marte*. Ou aliás, digámos que as letras AED, significam a ocupação de Almotacel ou Edil. Como quer que seja, o cipo, uma coluna que tem sete palmos de altura. A quinhentos passos de distância se vêem uns seis baluartes de figura redonda distantes entre si o espaço de cem passos, os lados dos quais defendia de cada parte sua muralha.

8. Na planície chamada Chão de Linhares, se vêem vestígios de uma antiga aldeia ou lugar, mas deles se infere, não havia nada de Nobreza. As casas eram poucas e pequenas, as ruas calçada de pedra miúda, o que tudo demonstra a pobreza dos moradores.

9. Na Veiga de Santa Eufémia, existe um duríssimo e grande penedo, em que se vêem impressos os sinais de joelhos e pés como de uma donzela. Tem-se por tradição que foram milagrosamente gravados quando a Santa ali orou pronta a padecer o martírio pela Fé de Cristo.

10. Em distância de mil passos da dita Veiga, jaz e se levanta um monte altíssimo para a parte do Nascente, muito fragoso pela multidão dos penhascos, mas agradável aos olhos em razão das árvores que o povoam e das águas que por ele correm permanentemente. Na coroa dele, dizem existira uma cidade por nome Calcedónia. Porém, considerada a fragosidade e altura do monte e a condição do cume e do lugar, a melhor opinião assenta que não houve ali cidade alguma. Em que houvesse algum castelo, convém todos, porque ainda permanecem umas muralhas de pequeno circuito, cujo espaço as penhas interpostas ou suprem ou aperfeiçoam. Dentro do muro se levanta o cume do monte por modo de pirâmide, em que ainda se vêem os fundamentos das atalaias. Era o Castelo, segundo a natureza do sítio, em qualquer ocasião de guerra muito acomodado pela sua eminência a vigiar os desígnios dos inimigos e pela aspereza do caminho para defesa dos soldados e presidio. Em que tempo se edificasse, o não sabemos, mas presumo não existiu antes do Império de Vespasiano, porque de sua ordem se abriu e calçou a Via Militar que passava por baixo: donde suspeito que foi edificado contra as invasões das gentes Setentrionais, que, como no livro acima fica dito, sucederam no princípio do quinto século, porque de Idácio e Santo Isidoro consta que os Espanhóis ocuparam então as eminências e desde ali, com todo o vigor, pelejaram contra os Bárbaros, até que prostrado inteiramente e acabado o poder dos Romanos, dali a muitos tempos, pactearam com os Bárbaros.

11. Pouco distante do rochedo em que dissemos criavam as águias a uma légua da Via Militar, em uma baixa existem umas silhas de pedra mármore muito bem fabricadas, quase da altura de sete côvados. Principiam em baixo em circuito pequeno e acabam em maior âmbito e assim estão as suas paredes inclinadas para fora, em forma que parecem querer cair. O motivo desta forma de edificio foi para que nenhuma fera, ainda por salto, pudesse ali entrar. Eram estas silhas grande remédio contra os assaltos dos ursos, que antigamente se criavam e discorriam por aquelas serras, porque toda outra forma de muros venciam saltando e introduzidos dentro das silhas se abraçavam com os cortiços e com eles tornavam a saltar para fora e os conduziam aos rios e lagoas de que abunda, como dissemos, aquele país, onde tirados os tampos metiam os cortiços na água e mortas com esta indústria as abelhas comiam o mel.

12. Já hoje se acha inteiramente extinto este tipo de feras naquelas serranias de sorte que, desde o ano de mil seiscentos e cinquenta, em que os camponeses mataram um, nunca mais appareceu animal desta espécie em toda a montanha. A causa da sua extinção foram os fogos que os pastores repetidamente lançam ao monte, os quais, muitas vezes agitados dos ventos, produzem na montanha grandes incêndios. E também o industrioso exercício que tinham de lhes armar e era assim: punham no tronco de uma árvore uma porção de mel, de que são muito gulosos os ursos, e armavam um maço de pau com tal artifício que, quando o urso ia a comer o mel, o maço lhe batia e dava na cabeça e o matava.

13. Não é razão que deixemos de tratar também de algumas memórias da antiguidade que existem perto da Igreja de S. João do Campo de que recebe o nome a dita planície. Pois consta que a Igreja velha, que os fregueses haverá pouco mais de trinta anos desampararam e demoliram por terem edificado outra nova, foi domicílio dos Templários o que bem mostram as Insígnias daquela Ordem Militar gravadas e penduradas nas paredes. Debaixo da terra se acharam alguns lugares mui bem lageados e com pedras lavradas e túmulos magníficos em que jaziam os cadáveres dos cavaleiros e segundo o primor e formosura da obra, bem se mostrava o pouco que se reparara na despesa.

14. Não falta quem se persuada a que os Romanos antigamente fabricaram ali algum edificio e o seu fundamento é que perto da área da Igreja velha cavando a terra, se tem achado pedras de lavor Romano e pedaços de colunas e no circuito da Igreja espaços ladrilhados de tijolos quadrados de côvado e meio de comprimento e grossura correspondente e tão compactos tenazes e bem cozidos, que igualam na dureza a qual-

quer mármore. E também um cipo que transferido dali servia na parede das casas de um lavrador e tem a seguinte inscrição:

O _____
P.C _____ T.Q
VAL _____ O
C O N S T A N T
R. F.
INV _____ TO.

Eu não a percebo claramente. Parece tratar de Constâncio ou Constantino. Mas não tenho dúvida que os Romanos tivessem ali edificado algum templo aos deuses silvestres.

CAPÍTULO VI

Da terceira Via Militar que saía de Braga para Astorga e corria pelo Gerês

Descrito o monte Gerês e os monumentos antigos que nesse se acham, segue-se tratarmos da Via Militar que por ele corria. No capítulo quinto do terceiro livro desta obra, tínhamos na primeira impressão tocado confusamente esta matéria, segundo as notícias que nos tinham dado pessoas fidedignas, quando há mais de vinte anos estivemos em Braga. Agora havemos de tratar e descrever difusamente a sobredita Via Militar, porque casualmente nos chegou às mãos um tratado escrito neste particular pelo Reverendo Padre Joseph de Matos Ferreira, sobrinho do reverendo abade de S. João do Campo, pessoa muito versada na lição da História e singular investigador da antiguidade, o qual pessoalmente andou vendo esta estrada. E para a examinar exactamente e se livrar do impedimento que havia de encontrar na opposição e malícia dos rústicos daquelas montanhas, obteve ordem do Corregedor de Viana, na qual se mandava que ninguém se atrevesse a impedi-lo no dito exame, antes fossem todos obrigados a concorrer para o que fosse necessário. Pelo que, aos dezasseis do mês de Agosto do ano mil setecentos e vinte e oito, entrou o dito Reverendo Padre com outras pessoas curiosas que o quiseram acompanhar a averiguar o terreno por onde corria a sobredita Via Militar Romana, que ali chamam a Geira. Estava pela maior parte

coberta de mato e silvados e também a espaços desfeita e cortada pelos rústicos e lavradores do país. Contudo, em virtude do trabalho e indústria com que se executou a averiguação, começaram a aparecer claramente vestígios e sinais evidentes da Via Militar antiga, isto é, paredes e colunas enterradas e usando logo de uma medida exacta do passo romano, se veio a conseguir o intento, porque entre quebradas e inteiras se acharam e descobriram setenta colunas que a seus passos sinalavam as milhas do caminho, segundo o dito Padre refere no Tratado alegado. Descreveremos, pois, a dita Via Militar, primeiro sumariamente, depois relataremos as colunas que nelas se encontraram.

2. Começava, ou por melhor dizer, saía a dita Via Militar de Braga e tomando o rumo do Norte Oriental corria por espaço de uma légua e ia bater no rio Cávado; passado este com uma ponte discorrida pelo lugar de Amares e freguesia de Caires, desde ali continuava por cima de Paredes Secas e daqui rodeando pelo alto do monte para o Nascente até vencer a volta, vencida a qual, buscando novamente o rumo do Norte, prosseguia até ao lugar de Santa Cruz. Em todo o sobredito espaço não sei que se ache coluna alguma Romana e a causa tenho por sem dúvida que é a vizinhança da cidade de Braga, a barbaridade dos rústicos e o descuido da nossa Nação, porque, como já disse, consta que o arcebispo Dom Diogo de Sousa desta e de outras vias militares, mandou conduzir, para Braga grande número de colunas Romanas, para que estes ilustres monumentos da antiguidade não se perdessem como já a outros muitos tinha sucedido.

3. Da freguesia de Santa Cruz prosseguia a Via Militar pela de S. João da Balança e no lugar a que chamam os Teichugos, fazia quatro léguas desde onde continuava circulando até entrar na freguesia de Choreense, no recinto da qual, no sítio a que chamam Segunda Repreza, fazia mais um quarto e no de Vale de Fojos mais dois quartos de légua, segundo se mostra das colunas que nos ditos sítios existem. Dali ainda dentro da mesma freguesia se prolongava pelo campo ou planície debaixo do lugar de Saím até ao sítio chamado os Lajedos, onde as colunas denotavam mais outro quarto de légua.

4. Passada a freguesia de Choreense, chegava a Via Militar à de Moimenta, onde contava cinco léguas e logo entrando na de Vilar, perto do lugar de Travassos, nas vizinhanças do qual ficava a povoação de Saliniana, sobre as cinco léguas contava mais uma milha e estendida depois pela freguesia de Chamoim e um sítio a que chamam a Ervosa fazia cinco léguas e meia. Da Ervosa tornava a continuar e no sítio a que dizem os Esporões, junto ao lugar de Padrós, contava outra milha mais

de distância e prosseguindo por outra mais, feitas seis léguas, junto à aldeia de Sá de Covide, se sinalava mais um quarto e junto ao lugar de Covide, mais dois quartos de légua pelas colunas que ali existiam. E sem mais demora prosseguia até chegar aonde se dividem os termos do lugar do Campo dos de Covide, onde se marcava uma milha de mais. E dali continuada até ao sítio a que chamam Leira dos Padrões, se demarcava a sétima légua, a que se acrescentava um quarto mais, passada a Ponte dos Eixões no sítio a que chamam a Casa da Guarda. Daí outro, outro e outro quarto de légua nos lugares chamados Barbeses, Bico da Geira e Volta do Covo, onde completava oito léguas, passando sucessivamente um quarto adiante na Albergaria, e acabando oito léguas e meia na vila de Portela do Homem, onde terminam os fins da Província de Entre Douro e Minho e do nosso Reino. As terras por onde depois corria até chegar à cidade de Astorga dissemos no livro e capítulo acima citado.

5. Causava grande admiração aos passageiros por todo o caminho, o artifício e magnificência da estrada que cortava pela montanha, vencia o alto dos montes e sempre corria com igualdade, em virtude das voltas que fazia. Servia-lhes também de grande gosto e recreação e espessura dos bosques e a multidão e corpulência das árvores que a cercavam, porque, no Verão, com a sombra, os defendiam do ardor do sol, e no Inverno, com a oposição dos troncos, da violência dos ventos.

CAPÍTULO VII

Dos padrões e colunas Romanas desta Via Militar

Nos limites da freguesia de Santa Cruz, no sítio chamado Cantos da Geira, na distância de quinze milhas da cidade de Braga, se acharam diversos pedaços de colunas enterrados no chão e além destes, duas colunas, das quais uma tem de alto sete palmos com inscrição gasta do tempo a outra tem ao todo doze palmos de alto, sete fora da terra e de grossura dez e meio, com a inscrição seguinte:

IMP. CAES. M.
AUR. CARO:::
.... INVICTO-:::
P. C. P. M XTR. P.
:....AUG. P. P. XV.

Quer dizer: *esta coluna se dedicou ao Imperador César Marco Aurélio Caro Invicto, Procônsul, Pontífice Máximo do poder Tribunício dez vezes. Daqui a Braga são quinze mil passos.*

2. Na freguesia de Choreense, junto ao ribeiro intitulado do Campo de Cabaninhas, se acharam três colunas, das quais deixaram duas enterradas e a outra a tiraram para fora da parede do campo em que estava, e a colocaram por onde agora vai a estrada. Tem de altura treze palmos, onze e meio de grosso e a seguinte inscrição:

IMP. CAES. DIVI. SEVERI. PII. FIL.
DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP.
DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP.
DIVI. ADRIANI. ABNEP.
DIVI. TRAIANI. PAR. ET DIVI
NERVAE. ADNEP.
M. AURELIO. ANTONINO PIO III. FEL. AUG
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO. MAX.
PONTIFICI. MAX.
TRIB. POT. XVII IMP. III
COS IIII. P. P. PROCOS.

Quer dizer: *esta coluna se dedicou ao Imperador César Marco Aurélio Antonino, Pio, Felix, Augusto, Parthico Máximo, Britânico Máximo, Germanico Máximo, Pontífice Máximo do Poder Tribunício dezassete vezes, Imperador três, Cônsul quatro, Pai da Pátria, Procônsul, filho de Divo Severo, Pio, Felix, neto de Divo Marco Antonino, bisneto de Divo Antonino Pio, terceiro neto de Divo Adriano, quarto neto de Divo Trajano Parthico, e de Divo Nerva.*

3. Na mesma freguesia, no sítio a que chamam Val de Fojos, por baixo do lugar de Nazaré, se achou outra coluna com a inscrição comida pela maior parte, nesta forma:

.....
.....VII
C. CALPETANO. RANTIO
QUIRINALE. VALERIO FESTO
LEG. AUG. PRO PR. VIA
NOVA. M. P. XVIII.

O sentido desta inscrição ficará claro quando produzirmos abaixo outras semelhante. Cada uma delas nos dá a notícia de que esta Via Militar foi aberta e fabricada por ordem do Imperador Tito Vespasiano.

4. No sítio a que chamam os Lajedos, por baixo do lugar de Saím, há poucos anos existiam quatro colunas, das quais uma furtaram os moradores do dito lugar, despedaçaram outra e permanecem duas. A inscrição de uma, já consumida do tempo, ainda se lhe vê as letras seguintes:

.....NI
NINI
ANI . . .
N.
 PAR.
 ANTONINO . . .
 . . MAX. BRIT. MAX . .
 III.
 COS $\overline{\text{III}}$. . . PROCOS
 A BRACARA. M. P. $\overline{\text{XVIII}}$

O que é bastante para se conhecer muito bem que esta inscrição continha o mesmo que a penúltima acima.

5. A outra inscrição, tirado o primeiro verso, o sexto e sétimo, mandados riscar de propósito em razão de tratarem de Dominiciano, está inteira na forma seguinte:

..... N.
 DIVI.VESPASIANI
 VESPASIANO AUG.
 PONT. MAX. TRIB. POT.
 $\overline{\text{VIII}}$. IMP. XV. P. P. COS
 $\overline{\text{VIII}}$. CAESARE DIVI. . .
 PASIA.
 COS VII
 G. GALPETANO. RANTIO
 QUIRINALE. VALERIO
 FESTO. LEG. AUG.
 A BRACARA. M. P. XIX.

Quer dizer: *esta coluna se dedicou ao Imperador César Tito Vespasiano Augusto, Pontífice Máximo do Poder Tribunício nove vezes, Impe-*

rador quinze, Pai da Pátria, Cônsul oito vezes, filho de Divo Vespasiano, sendo Legados do Imperador Gaio Calpetano, Râncio Quirinal, Valerio Festo. Daqui a Braga são dezanove mil passos.

6. Por baixo do lugar de Travassos, junto a um ribeiro que cai do monte na estrada, andando-se concertando esta, se achou uma coluna quebrada em dois pedaços e neles a seguinte inscrição:

IMP. CAES. DIVI. SETIMI.
SERVERI. NEPOTI. DIVI
ANTONINI. PII. MAGNI. FILIO
M. AURELIO. ANTONINO. PIO. FEL. AUG.
PONT. MAX. TRIB. POT. II.
COS. PROCOS. P. P.
FORTISSIMO. FELICISSIMO. QUE
PRINCIPI
A BRAC. AUG.
M. P. XXI.

Quer dizer: *esta coluna se dedicou ao Imperador César Marco Aurélio Antonino, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo do Poder Tribunício a segunda vez, Cônsul, Procônsul, Pai da Pátria, fortíssimo e felicíssimo Príncipe, neto de Divo Septimio Severo, filho de Divo Antonino Pio, Magno. Daqui a Braga são vinte e um mil passos.*

7. Na freguesia de Chamoim, por baixo do lugar de Felgueiras, perto de um ribeiro que do alto do monte cai na estrada no sítio a que chamam Ervosa, estão duas colunas, uma com a inscrição de todo apagada, a outra assina o número das milhas, o demais, apenas se lê nesta forma:

.....
.....
BARCARA. AUG
.....
.....
A BRAC. AUG
M. P. XXII.

Com razão notou o Padre José de Matos Ferreira, no seu tratado que acima citámos, de que nesta inscrição se referia alguma coisa particular

pertencente à cidade de Braga, além da distância das milhas, porque o nome Braga estava nela repetido e não só gravado na última regra, como nas demais, mas também posto na quarta regra. Existia, no mesmo sítio, outra coluna de excessiva grandeza, pelo que os moradores, haverá vinte anos, a levaram para o adro da Igreja e fizeram dela um Cruzeiro.

8. No sítio chamado Esporões, perto da aldeia de Padrós, se achou outra coluna com a inscrição já apagada. Adiante um quarto de légua, num sítio em que começa um atalho que vai para Cabaninhas e Pergoim, se acharam duas colunas, uma com a inscrição totalmente gasta, a inscrição da outra parte desfeita, e parte sem ofensa como aqui se mostra:

D C N N. VAL
... CICINIANO
... CICINLO. N N
ORI.

Muito pouco se percebe o que diz. Contudo, a mim me parece insinuar que a dita coluna fora dedicada ao Imperador Caio Valério Licínio e a seu filho Flávio Valero Liciniano. Além destas, consta que havia ali outras colunas que os moradores furtaram há poucos anos.

9. Na aldeia de Sá de Covide, em uma horta, se achou uma coluna enterrada e os moradores a extraíram da horta e puseram na estrada e em cima uma cruz. A inscrição é a que se segue:

IMP. CAE
C. MES. QUINTO
TRAINO. DECIO
INVICTO. PIO. FEL. A/G.
PONT. MAX. T. P.
PROCOS IIII
COS. II. P. P.
A BRAC. MIL
P. XXV.

Quer dizer: *Ao Imperador César Gaio Messio, Quinto, Trajano, Decio, Invicto, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo do Poder Tribunício. Pro-cônsul a quarta vez, cônsul segunda, Pai da Pátria. Daqui a Braga fazem vinte e cinco mil passos.* No livro terceiro, capítulo quinto, número sétimo destas antiguidades, falámos de outra inscrição semelhante e assentámos estar cheia de erros. Não mudamos de parecer, mas advertimos que

ainda estas inscrições e outras do mesmo teor, que havemos de copiar abaixo, estão erradas por negligência do oficial, mas que não são fingidas. Que estejam erradas, claramente se vê de ter numerado o Proconsulado, que não sejam fingidas, se mostra que foram achadas por pessoa muito verídica e estavam enterradas no chão e as letras pelo que mostravam, já abertas de muitos anos. Finalmente, com estas e outras razões muito fortes nas nossas memórias do Arcebispado de Braga, defendemos as ditas inscrições de toda a suspeita e ficção.

10. Em uma pequena volta que faz a Via Militar no sítio onde se dividem os termos do lugar de Covide e do Campo, permanece uma coluna que de antes estava ali erguida e há poucos anos, os moradores a mudaram mais para diante e fizeram dela Cruzeiro. Tem a inscrição seguinte:

IMP. CAES.
G. MISSO. TRA
DACO. NUTO.
PIO. FEL. A/G
PONT. MAX. TR. P.
PC. IIII. C II
P. P. A BRAC
M. P.
XXVII.

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador César Gaio Messio Trajano Decio, Invicto, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício, Procônsul a quarta vez, Cônsul a segunda, Pai da Pátria. Daqui a Braga são vinte e sete mil passos.*

11. No sítio a que do grande número de padrões que ali havia chamam a leira dos Padrões, estavam duas colunas que arrancadas dali, se conduziram para a Igreja de S. João e na reedificação dela, de redondas que eram, se tornaram quadradas.

12. Este presente ano de mil setecentos e trinta e seis, conforme o aviso que tenho, por carta, do Reverendo Padre José de Matos Ferreira, andando os rústicos roçando o mato junto da margem da Via Militar, apareceu no mesmo sítio um pedaço de coluna com estas letras:

A BRACARA AUG
XXVIII.

CAPÍTULO VIII

Prossegue a descrição da Via Militar

1. No sítio em que a Via Militar começa a encaminhar-se para a planície de Linhares, se achou grande número de colunas debaixo da terra. A primeira tem treze palmos de comprido e a inscrição seguinte:

MP. CAES
M. AUR.
PRO.
AUG
I.M.P.M.N.L.

Esta dizer: *Esta coluna foi dedicada ao Imperador César Marco Aurélio, Augusto do Povo Romano. A quem não parecer bem esta interpretação, dê outra melhor. A última regra não percebo o que quer dizer.*

2. A segunda coluna tem de alto, descoberto da terra, nove palmos, com esta inscrição:

IMP. CAESARI
TRAIANO HADRIANO
C. AUG
PONTIF. MAX.
TRIB. POTEST. XIIX
COS III. P. P.
A BRACARA
M. P. XXXI.

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador César Trajano, Adriano Augusto, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício dezoito vezes, Cônsul três, Pai da Pátria, daqui a Braga são trinta e um mil passos.*

3. A terceira coluna como tem apagada totalmente a inscrição, não se pode ler.

4. A quarta coluna está partida em dois pedaços e em um deles se lhe vê esta inscrição:

IMP. CAES. C. MES
QUINTO. TRA.

DECIO. PIO.
FEL. AUG.
PON. MAX. TRIB. POT.
COS II. P. P.
A BRAC. AUG.
XXXI

Quer dizer: *Ao Imperador César Gaio Massio Quinto Trajano Decio, Pio, Feliz, Augusto, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício, Cônsul a segunda vez, Pai da Pátria. Daqui a Braga são trinta e um mil passos.*

5. Outras colunas e pedaços dela existem na mesma parte de que não fazemos menção, por terem comidas as letras.

6. Quando a Via Militar faz o rodeio a que chamam Volta do Covo, se vêem ruínas de uma casa antiga e a pouca distância, grande número de colunas, em uma das quais se vêem ainda estas letras:

.....
MIR
..... O I I
A BRAC. AUG
M. P. XXXII.

Quer dizer: *Daqui a Braga são trinta e dois mil passos.*

7. Em outra coluna se encontra a inscrição seguinte:

D N
MAC, IVO
DECENTIO
NOBELISSIMO
F. CORENTISSI
MO. CAESARI
B. O. P. NATO
M. XXXII.

Quer dizer: *A nosso Senhor Magno Decencio Nobilíssimo Florentíssimo César, nascido para bem da república. Daqui a Braga são trinta e dois mil passos.* Eu tenho por sem dúvida, ser esta a verdadeira interpretação da sobredita inscrição, que tem muitos erros nas letras. Desta inscrição se colhe, que já nestes tempos, as colunas medidas de caminho,

VETUSTATIS. COLAPS.
RESTITUERUNT. CURANTE
Q. DECIO. LEG. AUG.
PRET. PREF. BRAC. AUG.
M. P. XXXII.

Quer dizer: *O Imperador César Caio Júlio Vero Maximino, Pio, Augusto, Germânico máximo, Dacico máximo, Sarmático máximo, Pontífice Máximo, Imperador a sexta vez, Pai da Pátria, Cônsul, Procônsul e Caio Júlio Vero Maximino, Nobilíssimo César, Germânico máximo, Sarmático máximo, Príncipe da mocidade, Filho do nosso Senhor o Imperador Caio Júlio Vero Maximino Pio Felix Augusto, reedificaram os caminhos e pontes arruinadas com a velhice do tempo, sendo superintendente da obra Quinto Decio, Legado do Imperador, Prefeito do Pretório. Daqui a Braga fazem trinta e dois mil passos. Colijo desta inscrição, que é segura, que os Prefeitos do Pretório, algumas vezes eram legados e que se enganou Holtenio em afirmar o contrário. Quem quiser, veja o que dissemos no livro segundo, Capítulo sétimo, número segundo destas Antiguidades.*

11. Junto da Coluna acima, se acha um pedaço de outra com duas regras da inscrição somente ilesas, nesta forma:

.....
VALERINO. LI
PR. PR. C. V.

Nada entendo. Parece fala de um Pro-Pretor.

12. De outras muitas colunas e pedaços delas que ali estão não tratamos, porque não tem coisa que nos sirva para notícia das Antiguidades.

13. Trataremos, porém, agora, das que existem no sítio chamado Albergaria, em razão de antigamente haver ali uma casa que servia de agasalhar os passageiros. Acharam-se, pois, ali quatro colunas inteiras e quantidade de pedaços de outras. A primeira coluna das inteiras, tem de alto doze palmos e esta inscrição:

IMP. CAESARI
MARCO AURELIO
CARINO. PIO
... AV.
.....

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador César Marco Aurélio Carino Pio.*

14. Entre os pedaços de colunas que existem se acha um com a inscrição seguinte:

IMP. CAES. G. MES
QUINTO. TRA
DECIO. PIO. FEL. AUG
PONT. MAX. TR
PROCOS IIII COS II
A BRAC. AUG.
M. P. XXXIII.

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador César Gaio Méssio, Quinto Trajano Decio, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício, Procônsul a quarta vez, Cônsul a segunda. Daqui a Braga são trinta e três mil passos.*

15. Outro pedaço tinha estas letras:

. . . . AVIP. F. AUG. CUR.
. . . . IO. DECIO. VAL. . .

Quem as quiser interpretar não conseguirá nada.

16. A segunda coluna das inteiras mostra esta inscrição:

IMP. CAES. CLA. TACI.
. . . . INVICTO. AUG.
. . . . MAX. TRIB. POTEST.
. . . . S. PAT. PAT. PRO COS
. . . . AC. BRAC. M. P.
XXXIII.

Quer dizer: *Ao Imperador César Cláudio Tácito, Invicto, Augusto, Pai da Pátria, Procônsul. Daqui a Braga são trinta e três mil passos.*

17. Finalmente, chegava a Via Militar a *Portela do Homem*, povoação situada na raia da Província de Entre Douro e Minho e do nosso Reino. E, certamente, é digno de sentimento que tantas memórias Romanas, quantas agora se acharam entre os matos e bosques que rodeiam

este lugar, enterrados e ocultos pela incúria da nossa Nação, estivessem tantos anos e séculos ignorados dos nossos Antiquários. Achou-se pois aqui também, grande cópia de colunas.

18. A primeira coluna, tem de alto doze palmos e igual grossura com a inscrição já quase toda apagada, nesta forma:

.....
..... TRAIANO
.....
A BRAC.....
M. P. XXXIII.

Quer dizer: *Daqui a Braga são trinta e quatro mil passos.*

19. A segunda coluna, que colocaram de frente da que ultimamente dissemos, tem de alto quatorze palmos e dez de grosso e se lhe lê a inscrição seguinte:

IMP. CAES. C. IULIS. VERUS. MAXI
PIUS. AUG. GERM. MAX. DAC.
SARM. MAX. PONT. MAX.
IMP. VI. P. P. COS. PROCOS.
ET C. IULIUS VERUS. MAX. NO
BELISSIMUS. CAES. GERM.
MAX. SARM. MAX. PRINCIPI
IUVENTUTIS. FILIUS. D. N. IMP.
C. IULII. VERII. MAXIMINI
..... QUINTO ...
..... O. LEG. AUG. G.

Quer dizer: *O Imperador César Caio Júlio Vero Maximino Pio, Augusto, Germânico Máximo, Dacico, Sarmatico máximo, Pontífice Máximo, Imperador a sexta vez, Pai da Pátria, Cônsul, Procônsul. E Caio Júlio Vero Maximino, Nobilíssimo César, Germânico máximo, Sarmatico máximo, Príncipe da mocidade, filho de nosso Senhor o Imperador Caio Júlio Vero Maximino: : : Quinto. : : : Legado dos Imperadores.* O que falta nesta inscrição se deve suprir conferindo-a com outras semelhantes que ficam ditas.

20. A terceira coluna, ou por melhor dizer, pedaço de colunas, tem de alto sete palmos, oito de grosso e gravada esta inscrição:

IMP. TITO. CAESARE. DIVI
 VESP. F. VESPASIANO. M.
 PONT. MAX. TRIB. POT. IX
 IMP. XV. P. P. COS VIII. . . .
 CAESARE. DIVI. VESP. S. . .
 COS VII
 GAIO. CALPETANO. RANTIO
 QUIRINALE. VALERIO
 FESTO. LEG. AVG. PRO. PR.
 VIA NOVA. A BRAC. AUG.
 M. P. XXXIII.

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador Tito César Vespasiano, filho de Divo Vespasiano, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício nove vezes, Imperador quinze, Pai da Pátria, Cônsul oito vezes e a : : : César, filho de Divo Vespasiano: : : Cônsul sete vezes. Sendo Superintendentes da obra Gaio Calpetano, Rância Quirinal, Valério Festo, Legado de Augusto Pro Pretores. Pelo caminho novo fazem daqui a Braga trinta e quatro mil passos. Muito se deve estimar esta inscrição, porque serve para regular outras semelhantes, que estão mal gravadas e declara também que aquela magnífica estrada foi novamente aberta e edificada, o que não faltava quem o duvidasse.*

21. A terceira ou quarta coluna, tem de alto quatorze palmos, treze de âmbito e esta inscrição:

IMP. CAES. G. MESSIO
 QUINTO TRAIANO
 DECIO. PIO. FEL. AUG.
 PONT. MAX. TRIB. POT.
 PROCOS. IIII. COS III
 A BRAC. AUG.
 XXXIII.

Quer dizer: *Ao Imperador César Gaio Messio Quinto Trajano Decio, Pio, Felix, Augusto, Pontífice Máximo do Poder Tribunício, Procônsul a quarta vez, Cônsul a terceira. Daqui a Braga são trinta e quatro mil passos.*

22. A última coluna mostra esta soberba inscrição:

IMP. CAES. DIVI. SEVERI. PII. FIL
 DIVI. MARCI. ANTONINI. NEP.

DIVI. ANTONINI. PII. PRONEP.
DIVI. ADRIANI. ABNEP.
DIVI. TRAIANI. PART. ET DIVI
NERVAE ADNEP
M. AURELIO. ANTONINO. PIO III. FEL AUG
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO. MAX.
PONT. MAX.
TRIB. POT. XVII. IMP. III
COS IIII. P. P. PROCOS.
A BRAC. AVG. M. P. XXXIIII.

Quer dizer: *Esta coluna se dedicou ao Imperador César, filho de Divo Severo, Pio Felix, Neto de Divo Marco Antonino, Bisneto de Divo Antonino Pio, terceiro Neto de Divo Adriano, quarto Neto de Divo Trajano Partico e de Divo Nerva, Marco Aurélio Antonino Pio, Felix, Augusto, Partico máximo, Britânico máximo, Germânico máximo, Pontífice Máximo, do Poder Tribunício dezassete vezes, Imperador três, Cônsul quatro, Pai da Pátria, Procônsul. Daqui a Braga são trinta e quatro mil passos.*

23. Existem, aqui também, muitos pedaços e fragmentos de colunas de que não tratamos, porque nem contém nada que seja útil para a História, nem dão notícia de coisa alguma.

24. Na freguesia do Vale, que é a primeira de Galiza, a respeito dos que por esta parte saem do nosso Reino, existe uma coluna partida em três pedaços, os quais tem letras gravadas e dizem ser a mesma de que trata o Padre Fr. Bernardo de Brito e que copiamos dele, no livro terceiro, capítulo quinto, número oitavo, mas ali nos enganamos em dizer, que a tal coluna estava junto da Portela do Homem nem o Padre Fr. Bernardo o diz, mas somente que vindo ele de Lóbios para a Portela do Homem vira a tal coluna no sítio chamado *Os Banhos*.

25. Os de mais Lugares, espaços, mansões e mutações por onde esta Via Militar corria até chegar a Astorga, fica dito brevemente no livro e capítulo acima citado.

DICCIONARIO GEOGRAFICO (1751)

por
LUIZ CARDOZO

LUIZ CARDOZO, *Diccionario Geografico ou Noticia Historica de todas as cidades, villas, lugares e aldeas, rios, ribeiras e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras que nelle se encontrão, assim antigas como modernas*, Tomo II, Officina Sylviana, Lisboa, 1751.

BALANÇA, ou Balance. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana, Concelho do Bouro. É Donatário dela Luís Manuel de Azevedo: tem cento e quarenta e quatro vizinhos.

Está situada na serra de Santa Isabel do monte do Bouro, da parte do Norte. Consta de treze Aldeias, que cercam a paróquia, ficando a Igreja no meio, com pouca distância de cada uma delas.

A Igreja de uma só nave, está situada num alto, povoado de muito arvoredos, que faz o sítio ameno, e de Verão delicioso, com dilatada vista para toda a parte, é seu Orago S. João Baptista: tem três Altares no corpo da Igreja, um de S. Bento, outro de Nossa Senhora do Rosário, e outro do Nome de Deus. Na Capela maior está a Imagem de S. João Baptista, e o Santíssimo Sacramento, com sua Irmandade erecta modernamente.

O Pároco é Abade, apresentação do Ordinário; terá de renda quatrocentos mil réis; paga de pensão cento e cinquenta. Tem as Ermidas de Santa Catarina, Nossa Senhora do Amparo, Santa Apolónia, S. Sebastião, e uma dos três Reis.

De todos os frutos tem esta terra abundância, principalmente milho grosso. É governada por um Juiz ordinário, eleito pela Câmara, com a aprovação do Corregedor de Viana.

É bem provida de caça, que lhe dá a serra de Santa Isabel, que fica nas suas vizinhanças: e não é menos abundante de peixe, que colhe no rio Homem, que por aqui vai lançando a sua corrente: com ela faz o terreno abundante de frutos; e pela frescura deleitoso no Estio.

BRUFE. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana pelo Secular, e pelo Eclesiástico de Braga, Concelho de Vila Garcia, termo de Vila de Pica de Regalados: e Del' Rei: tem dois Lugares, e trinta e cinco vizinhos: está situada em monte, do qual se descobre a ribeira de Homem até à Vila de Prado. A Paróquia está fora do Lugar: seu Orago é o Espírito Santo, que se venera no Altar maior; um dos colaterais é de Nossa Senhora do Rosário, com sua Irmandade, o outro é do Menino Deus. O Pároco é Vigário: tem cem mil réis de renda: recolhem os moradores milho, e centeio. Governa-se por Juiz ordinário, e Câmara, com dois Vereadores, Procurador, Meirinho, Carcereiro, e um Quadrilheiro. Tem esta Freguesia privilégio de não se fazerem nela Soldados, com obrigação de guardarem à sua custa o porto, e guarda da serra Amarela, que confina com o Reino da Galiza. Tem bastantes águas de que usam quotidianamente.

CAMPO. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, concelho das terras de Bouro, e Comarca de Viana: tem cinquenta vizinhos, moradores nos Lugares do Campo, e de Vilarinho de Furnas. A Paróquia está dentro do lugar do Campo: é seu Orago S. João Baptista; além do Altar mór, em que está a Imagem do Santo Patrono, tem dois colaterais, um de Nossa Senhora do Rosário, outro de Santo António, com sua Confraria, e Jubileu perpétuo, concedido pelo Sumo Pontífice Gregório XV. Vêm a esta Paróquia todos os anos em procissão com clamores as Freguesias de Aboim, S. Salvador de Touvedo, Santa Maria de Azias, S. João de Vila-Chã, S. Miguel de Entre ambos os Rios, S. Vicente de Germil, S. Silvestre da Ermida, e outras: e no dia do Baptista, S. Paio da Carvalheira, e a de Santa Marinha de Covide. O Pároco é Abade, apresentação do Padroado Real: tem de renda duzentos mil réis: os passais desta Igreja estão no Lugar de Sequeirós da Freguesia de Chamoim, distante desta mais de uma légua, e deles paga pensão ao Senhor da Casa de S. João de Rei duas pipas de vinho, onze alqueires de pão, e duzentos e vinte réis em dinheiro. Todos os frutos do Lugar de Pergoim se partem pelo meio, a metade para o Pároco de S. João, o mesmo é no Lugar de Padrós, da Freguesia de Santiago de Chamoim; além disso pagam os moradores do dito Lugar ao Pároco de S. João

do Campo, em dia de Natal, dois mil e quatrocentos réis em dinheiro. Também no Lugar da Infesta, na Freguesia de S. Paio de Carvalheira, tem esta Igreja muitas terras, de que os moradores partem os dízimos com o Pároco de S. João do Campo. Os frutos, que os moradores colhem em maior abundância, são: centeio, milho grosso, e miúdo, vinho e mel de singular bondade; colhem também feijão, nabos e toda a casta de hortaliças. Tem esta Freguesia o privilégio de não se fazer nela Soldados, com obrigação de defenderem a Portela do Homem à sua custa. As fontes desta Freguesia, e dos montes de Gerês são muitas e saudáveis: a gente que bebe de sua água é muito sadia. É esta Freguesia Praça de Armas: na raia de Galiza não tem torre, nem fortaleza alguma: no sítio em que se faz o corpo da guarda há um muro, feito de pedra miúda, entulhado de terra: tem de altura cinco palmos e quatro de grosso, e de comprimento quinhentos palmos: tem mais duas casas térreas pequenas, em que se recolhem as sentinelas do Concelho de terra de Bouro, e do de Santa Marta de Bouro, que são os Soldados que defendem esta terra no tempo da guerra pelo contrato mencionado. Compreende esta Freguesia grande parte da celebrada serra do Gerês, de que se dará notícia em seu lugar: confronta esta Freguesia com as Freguesias de S. Marinha de Covide, S. Paio de Carvalheira, S. João da Cova, S. Martinho da Ventosa, S. Lourenço de Cabril, S. Mamede de Lindoso, S. Miguel de Entre ambos os Rios, S. Maria de Rio Caldo e S. Salvador de Manim em Galiza: entre o Norte e poente lhe fica Lindoso. Os homens desta Freguesia são de corpo agigantado e fortes; as mulheres também robustas e muito trabalhadeiras em suas terras. Acham-se pelos limites desta Freguesia muitos monumentos do tempo dos Romanos. Passa por aqui o rio Homem, ao qual devem os campos a sua fertilidade.

CARVALHEIRA. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado, e Comarca Eclesiástica de Braga, e Secular de Viana, Concelho de Sequeirós de terras de Bouro: tem noventa moradores. A Paróquia está dentro do Lugar da Carvalheira: seu Orago é S. Paio Mártir: tem quatro Altares, o maior, o de Cristo Crucificado, o de Nossa Senhora do Rosário, e o de Santo António. O Pároco é Abade, apresentação do Ordinário: tem de renda seiscentos mil réis. Os frutos, que em maior abundância recolhem os moradores, são: milho, centeio e vinho verde. Está sujeita às Justiças de Sequeirós, e como tal goza o privilégio concedido ao dito Concelho e terras de Bouro, para não dar Soldados nem concorrerem para as guerras com cousa alguma. Passam por aqui

os rios Homem e o chamado Rio pequeno, de cujas águas usam os moradores livremente: e nestes limites entra nele o rio de Ferveda, no sítio do Pontido.

CHAMOIM. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana, Concelho de Bouro: consta de cento e dezasseis moradores. A Igreja Paroquial, dedicada a Santiago, está no Lugar do Assento: tem quatro Altares, o maior, o do Nome de Jesus, o de Nossa Senhora do Rosário e o de S. Gonçalo; e as Confrarias do Senhor, e do Subsino. O Pároco é Abade, apresentação de Mitra de Braga: rende quatrocentos mil réis. Produz de toda a casta de frutos, e em maior quantidade centeio, milho, vinho verde e azeite; frutas de toda a casta. É de bom clima e saudável, abundante de águas boas e sadias. Corre por esta Freguesia uma Via Militar do tempo dos Romanos, a que chamam a Geira, e o rio Homem, o qual neste sítio recolhe em si o rio Pequeno, e ambos morrem no Cávado.

CHORENSE. Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana, Concelho de Bouro: tem cem vizinhos, e seu assento em vale. A Igreja Paroquial, dedicada a S. Mariinha, é um Templo muito Sumptuoso; consta de quatro Altares, o maior, o de Nossa Senhora do Rosário, o de *Ecce Homo*, e o de Cristo crucificado, com uma Irmandade das Chagas. O Pároco é Abade, da apresentação do Padroado Real: rende trezentos mil réis. Há na freguesia duas Ermidas, uma de Nossa Senhora da Nazaré, outra de S. Sebastião. São obrigados os moradores a defender este Reino da invasão dos Galegos pela parte da Portela do Homem, pelo que se lhe concedeu o privilégio de não contribuir cousa alguma para a Milícia, nem se fazerem aqui Soldados. É abundante de águas boas e sadias: traz muita criação de gados, e nos montes caça miúda e rasteira, de coelhos, lebres e perdizes. Corta esta Freguesia uma Via Militar dos Romanos, a que chamam a Geira, e vêem-se por aqui muitos monumentos de quando eles habitavam estas terras.

CIBÕES DA RIBEIRA DE HOMEM, Freguesia na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, comarca de Viana, Termo de Regalados, da Vila da Ponte da Barca e de Vila de Garcia. A Igreja Paroquial está situada no Lugar de Cibões: é seu Orago S. Mamede Mártir: tem quatro Altares, o maior, o de Nossa Senhora do Rosário, o do Nome de Jesus, o de Santo António e outro que ainda está por acabar.

O Pároco é Abade, apresentação do Padroado Real: tem quinhentos mil réis de renda. Os frutos, que produz em maior abundância, são: milho, centeio, vinho, e de todos os mais com mediana. Passa por esta Freguesia o rio Homem, abundante de águas, de que os moradores usam livremente.

COVIDE. Lugar na Província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, Comarca de Viana, Concelho de terra de Bouro: está situada entre serras, e tem setenta e cinco fogos. A Igreja Paroquial, dedicada a Santa Marinha, tem três Altares, o maior, o de Nossa Senhora, com a Irmandade das Almas, e o de Deus Menino. O Pároco é Vigário da apresentação de S. Paio da Carvalheira: tem de cômgrua nove mil e duzentos réis em dinheiro. Há aqui uma Ermida de Santa Eufémia, frequentada de romagem. Milho, centeio e vinho, são os frutos desta terra, tudo em pouca abundância. Tem seus moradores privilégio para não serem Soldados, por se obrigarem a guardar, à sua custa, a portela de Homem da invasão dos inimigos.

PARA A HISTÓRIA DA REAL FÁBRICA DE VIDROS DE VILARINHO DA FURNA

por
MANUEL DE AZEVEDO ANTUNES *

Na primeira década do século XIX, foi construída, na Chã de Linhares, perto do lugar de Vilarinho da Furna, da freguesia de Campo do Gerês, no Concelho de Terras de Bouro, uma importante fábrica de vidros, de seu nome completo, com a grafia original a «*Real Fabrica de Vidros de Villarinho da Furna de Gomes, Mattos, Araújo, e Companhia*».

Trata-se, no dizer de Vasco Valente, no seu livro *O Vidro em Portugal*, de algo «que, para a época, constituiu um dos maiores empreendimentos industriais no nosso País» ¹.

O Alvará da criação dessa empresa vidreira, aprovado no palácio de Mafra pelo então Príncipe Regente, que viria a ser o nosso Rei D. João VI, tem a data de 15 de Abril de 1807 ².

«Construída muito perto de Vilarinho, na extensa chã de Linhares, margem esquerda do rio Homem, ainda à vista de Bargiela, que é o mais importante maciço florestal espontâneo do Gerez, não havendo, portanto, receio de falta de combustível, e tendo à mão abundância de

* Sociólogo/Prof. Universitário, natural de Vilarinho da Furna.

¹ Vasco VALENTE, *O Vidro em Portugal*, Portucalense Editora, Porto, 1950, p. 71.

² Cf. Documento n.º 1.

feldspato e de quartzo, o que lhe permitiria fabricar vidro como o da Boémia, não poderia, realmente, ter sido mais feliz a escolha do local»³, como afirma Vasco Valente.

Eram sócios da mencionada fábrica Manuel Gomes da Silva e Companhia, Pedro Gomes da Silva, Constantino Joaquim de Matos, Joaquim José Fernandes da Silva, Félix José Pereira Lima e Clara Vitória de Araújo e Azevedo, irmã do 1.º Conde da Barca, António de Araújo e Azevedo, que era ministro, nessa altura, e, nessa qualidade, sancionou a autorização, como consta do alvará.

A primeira tentativa para arrancar com a Fábrica de Vidros de Vilarinho vem de alguns anos antes. De facto, já por indulto de 20 de Março de 1805, foi concedido pelo Príncipe Regente a Félix José Pereira Lima, da cidade de Braga, a autorização para o estabelecimento de uma fábrica de diversas qualidades de vidros na planície de Linhares, tendo como demais sócios Manuel António Vieira Guimarães, José António da Silva Reis e José Mendes Braga. Mas, como estes não fornecessem os fundos necessários, o próprio Félix José Pereira Lima requereu a exclusão deles e a constituição de uma nova sociedade ainda que, agora, como sócio minoritário⁴.

A fábrica foi finalmente construída por 1807. Como a descreve Tude de Sousa, «era um edifício grandioso para a época e para o local; tinha vasto andar térreo, um pavilhão com janelas de sacada e sobre ele outro de janelas ordinárias»⁵. Este mesmo autor fornece-nos a planta baixa da fábrica, que aqui reproduzimos, com a devida vénia, não obstante a sua deficiente qualidade. Por onde andarás hoje o original dessa planta? Em carta de 4 de Outubro de 1908, endereçada a José Gomes da Silva Matos de Sousa Cardoso, um dos descendentes dos sócios fundadores da fábrica de Vilarinho, Tude de Sousa agradece-lhe o empréstimo da planta da fábrica, que devolve, dizendo que não pôde tirar cópia dela, tendo apenas mandado fazer uma reprodução fotográfica⁶.

³ Vasco VALENTE, *op. cit.*, p. 73.

⁴ Cf. Manuel Artur NORTON, *Fábrica de Vidros no Gerez (1807-1808)* (Separata de *O Distrito de Braga*, 4, 2.ª Série), Braga, 1979, pp. 3 e 5.

⁵ Tude Martins de SOUSA, *Serra do Gerez: Estudos – Aspectos – Paisagens*, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Porto, 1909, p. 129.

⁶ Cf. Manuel Artur NORTON, *op. cit.*, p. 2, com a transcrição da referida carta na p. 10.

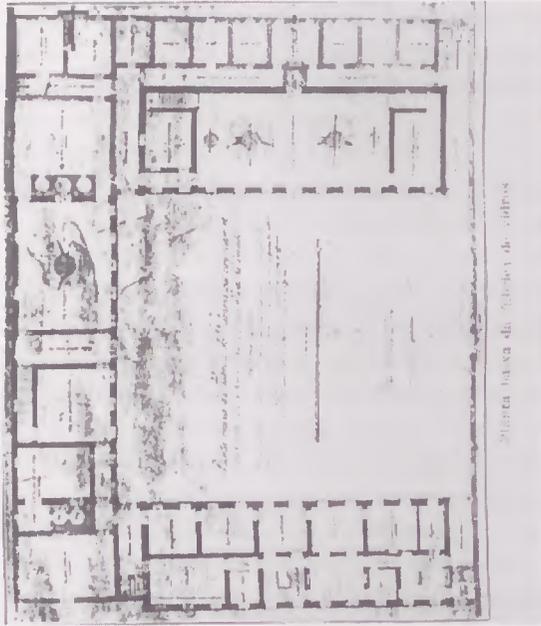


Foto n.º I: Planta baixa da Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna.
Fonte: Tude Martins de SOUSA, *Serra do Gerez ...*, entre as pp. 128 e 129.

Como refere Vasco Valente, «a fábrica laborava com três fornos hemisféricos. Nas peças fabricadas no Gerez, e de que temos conhecimento, o vidro peca por uma coloração bastante esverdeada»⁷. A marca da fábrica, segundo informações várias, era uma figura de veado.

Também José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Professor Decano do Liceu Central de Braga, que, como o próprio confessa, foi professor do referido José Gomes da Silva Matos de Sousa Cardoso, bisneto do Manuel Gomes da Silva, principal fundador da Fábrica de Vilarinho, afirma que «a erecção e manutenção dessa FÁBRICA PRESTIMOSA, que durante dois anos chegara a produzir variados artefactos de NÍTIDA VIDRARIA — com auspiciosos prelúdios de longo alcance industrial; sendo só mal vista sempre de refalsados portugueses para quem nada era a indústria pátria, ao passo de ser tudo para eles a indústria inglesa»⁸.

⁷ Vasco VALENTE, *op. cit.*, p. 73.

⁸ Pereira CALDAS, *ALVARO de BRAGA e não Alvaro Velho como Auctor Plausível do roteiro da Viagem que em descobrimento da Índia...*, Typographia e Papelaria Costa Braga, & C.ª, Braga, 1898, pp. 12-13.

Mas a laboração da fábrica não ultrapassou os dois anos. Na opinião de Tude de Sousa, «a ignorância e a má vontade dos povos próximos, que não viam com bons olhos a sombra de tão poderosa vizinhança, cuja importância e benefícios não sabiam medir e a intriga que intensamente se forjou, dispuseram mal pelo futuro da fábrica e assim foi que, com o pretexto de entrada dos franceses pela Portela, e capitaneados pelo abade de Carvalheira, seduzido por influências inglesas, que odiavam os progressos industriais do país, os povos assaltaram e saquearam a fábrica, lançando-lhe fogo em 11 de Julho de 1808. Destruída, não mais pensaram os seus possuidores em a relevantar, caindo-lhe os últimos restos de parede, que ainda podiam ver-se em 1855-56»⁹.

Segundo Lopes de Oliveira, o abade de Cavalheira, na altura, seria o Padre Joaquim António Vieira Rebelo¹⁰. Mas, em nota crítica ao *Serra do Gerês*, de Tude de Sousa, o Padre Martins Capella, embora reconhecendo que os franceses eram os mestres que trabalhavam na fábrica, observa que o abade de Carvalheira era jacobino pró-francês e que, portanto, não poderia ter capitaneado tal assalto. Mais ainda, a sua própria residência paroquial teria sido invadida, ficando a louça e os móveis quebrados¹¹.

Também para desfazer qualquer equívoco sobre a lealdade de Manuel Gomes da Silva, o principal accionista da fábrica, fora este, no dizer de Pereira Caldas «agraciado por S. A. o Príncipe Regente (...) com Régia Provisão em Resolução do mesmo Príncipe D. João em 23 de Agosto de 1809, (...) declarando-se nessa Provisão o reconhecer o Príncipe Regente — em Manuel Gomes da Silva como vassalo — a honradez, fidelidade, e patriotismo do seu proceder na ocasião da invasão francesa no norte do país»¹². E, mais adiante: «foi essa REAL FÁBRICA AUSPICIOSA «de novo aqui o repetimos», causa efectiva da obtenção dessa Régia Provisão de 1809, como desagravo oficial do NUNCA DESMENTIDO PATRIOTISMO de Manuel Gomes da Silva (...)»¹³.

Hoje parece não haver dúvidas que, para além da mão mais ou menos visível do «lobby» inglês, nada interessado no desenvolvimento de

⁹ Tude Martins de SOUSA, *op. cit.*, p. 130.

¹⁰ Cf. A. Lopes de OLIVEIRA, *Terras de Bouro*, Câmara Municipal de Terras de Bouro, Braga, s/d, p. 232.

¹¹ Cf. P. Martins CAPELLA, «Através dos Prelos», in *Estudos Sociais*, Revista Catholica Mensal, Anno VI, n.º 4, Julho 1910, pp. 115 a 120, cit. por José V. CAPELLA, «Os Povos da Serra do Gerês em Luta contra a Mata e os Serviços Florestais (1888-1910)», in António AFONSO *et al.*, *Terras de Bouro: Passado com História*, Série Cadernos de Cultura 3, Câmara Municipal de Terras de Bouro, Braga, 2000, p. 31.

¹² Pereira CALDAS, *op. cit.*, p. 12.

¹³ *Idem, ibid.*

uma indústria nacional concorrente dos seus produtos, a movimentação das gentes locais, que não viam de bom grado a intromissão de uma empresa estranha no seu território para explorar os seus recursos, foi determinante para a destruição da fábrica. De facto, basta atentar na IV condição do Alvará, para compreender a revolta das populações:

«Será lícito à Sociedade extrair sem reserva, embaraço, ou ónus algum as lenhas, giestas, e mais materiais, que lhe forem precisos de todos os bosques, e montes maninhos das circunvizinhanças, seja qual for a distância; e os Juizes territoriais auxiliarão a requerimento do Administrador da Fábrica todos os cortes, que a Direcção mandar fazer, assim como quaisquer investigações para juntar as diversas qualidades de pedra, e seixo branco em quantidade tal que nunca falte ao diário fabrico: ficando desde já vedada, em consequência do privilégio exclusivo da Sociedade, a concessão de outro qualquer empreendimento, que precise para a sua laboração destas mesmas matérias, as quais só devem ser comuns entre a mesma sociedade, e os Povos do distrito para os seus gastos domésticos»¹⁴.

Segundo o testemunho das pessoas mais idosas de Vilarinho, que eu próprio tive oportunidade de ouvir, ficaram bem na memória da gente os abusos do pessoal da fábrica.

Outra questão que se põe é a da data da destruição da fábrica. A generalidade dos autores, de Pereira Caldas a A. Lopes de Oliveira, passando por Tude de Sousa e Vasco Valente, é unânime em apontar o dia 11 de Julho de 1808 como a data em que a fábrica foi incendiada pela população. Nesse aspecto, penso que Pereira Caldas foi o autor em quem todos os outros se inspiraram. No entanto, Artur Norton, citando um documento, que ele diz encontrar-se «no núcleo de manuscritos, da colecção denominada Conde da Barca, existente no Arquivo Distrital de Braga»¹⁵, e que ele próprio transcreve, aponta a data de 29 de Junho de 1808¹⁶, tendo Manuel Gomes da Silva ido de Vilarinho para Braga, alguns dias antes, a 24-6-1808, conforme se lê à margem do referido documento¹⁷. Seja como for, o incêndio da fábrica terá ocorrido por meados de 1808, no conturbado período das invasões napoleónicas, numa altura em que se receava que os franceses pudessem também entrar no nosso país pela Portela do Homem.

¹⁴ Documento n.º 1.

¹⁵ Manuel Artur NORTON, *op. cit.*, p. 1.

¹⁶ Cf. *idem*, *op. cit.*, p. 2.

¹⁷ Cf. *idem*, *op. cit.*, p. 6.

Segundo Tude de Sousa, os últimos restos da parede da fábrica, que ainda se podiam ver em 1855-56, acabaram por cair¹⁸. E Vasco Valente, em 1950, testemunha que «esses restos da parede ainda nós os vimos, nos últimos anos do século passado. No local aparecem escórias de vidro»¹⁹. Algumas dessas escórias ainda eu próprio as encontrei no local, nos idos de 1960, tendo-as recolhido para o que veio a ser o actual Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna, assim como tive o cuidado de documentar fotograficamente o pouco que ainda restava das antigas construções. Pois muitas das pedras da velha fábrica foram aproveitadas pelos moradores de Vilarinho para a reparação de muros nas suas propriedades. Uma dessas pedras, que em tempos foi o «pé do moinho» da fábrica, encontra-se hoje em Turiz, Vila Verde, partida em duas, para onde foi transportada pela «família Francisco», originária de Vilarinho da Furna. Dado o seu valor simbólico, aqui se apresenta a foto de uma das metades da referida pedra:



Foto n.º 2: Parte da pedra do «pé do moinho» da Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna.

¹⁸ Cf. Tude Martins de SOUSA, *op. cit.*, p. 130.

¹⁹ Vasco VALENTE, *op. cit.*, p. 74.

Uma pergunta que naturalmente surge é a de saber porque é que nunca mais se voltou a pôr a fábrica a funcionar. Sobre essa matéria, Artur Norton diz-nos que «a verdadeira razão, de se não ter refeito a fábrica, foi porque os principais accionistas, tinham que pagar a arrematação do Consolado, das Dozimarias, Terço da Patriarcal, etc., na altura das invasões, em que a ordem por ter sido subvertida, impossibilitara a recolha das respectivas contribuições. Estas, por arrematação, já tinham sido pagas à fazenda, resultando naturalmente que os capitalistas se retraíssem, em matéria de novos investimentos»²⁰.

Visto à distância de quase dois séculos, o episódio da fábrica de Vilarinho da Furna afigura-se-me como o princípio de um processo de intromissão de um poder estranho nas nossas comunidades serranas, contra o qual essas mesmas comunidades reagiram para defesa dos seus recursos. Esse processo assumirá novas formas, nomeadamente com a instalação dos *Serviços Florestais*, na Serra do Gerês, a partir de 1888, os quais, desde o princípio, constituíram um dos maiores focos de desestabilização e de luta, incluindo o recurso às armas, na nossa terra. Para culminar com a construção de barragens, no nosso Concelho, já na segunda metade do século XX, que arrasaram completamente aldeias inteiras, como Vilar da Veiga e Vilarinho da Furna.

Dado o interesse de que se reveste o Alvará da *Real Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna*, para compreender, além do mais, todo este processo, aqui o dou à estampa, mantendo a grafia original. A sua análise detalhada mereceria um outro estudo.

²⁰ Manuel Artur NORTON, *op. cit.*, p. 2.

Documento n.º 1

Alvará da Real Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna

EU o PRÍNCIPE REGENTE Faço saber que aos que este Alvará virem , que em Consulta da Minha Real Junta do Commercio , Agricultura , Fabricas , e Navegação destes Reinos , e seus Domínios , Me foi presente que Manoel Gomes da Silva , e Companhia , Pedro Gomes da Silva , Constantino Joaquim de Mattos , Dona Clara Victoria de Araújo e Azevedo , Joaquim José Fernandes da Silva , e Felix José Pereira Lima , tendo fundado com licença Minha na planicie de Linhares da Província do Minho , huma Fabrica de Vidros , a que Eu fôra servido conceder todas as graças , privilegios , e isenções outorgadas á fabrica de Vidros da Marinha Grande , pelos Alvarás de sete de Julho de mil setecentos e sessenta e nove , e de onze de Dezembro de mil setecentos e oitenta , Me pedião de novo que Houvesse de individuar as mesmas graças , como se achão decla-radas nas onze condições , que apresentam ; incluindo a outra graça da Mercê dos Hábitos da Ordem de Christo , que supplicavão á Minha Real Magna-nimidade , a exemplo dos que Eu fôra servido conceder aos Accionistas da Companhia de Fiação , e Torcidos de Sedas ; e aos da Fabrica de papel feito de Vegetaes sem dependência do trapo. E Tendo consideração ao que Me foi ponderado na mesma Consulta , com que Sou servido conformar-me ; e a que a empresa dos supplicantes , levada á extenção a que se propõem de fabricarem vidros crystallinos da primeira qualidade , não he de menos importância , do que as dos outros agraciados : Hei por bem , e Me praz confirmar as ditas onze condições , que baixão assinadas por António de Araújo de Azevedo , do Meu Conselho d'Estado , Ministro Secretario d'Estado dos Negócios Estrangeiros , e da Guerra , e Presidente do sobre dito Tribunal as quaes farão parte deste Alvará , para serem guardadas tão inteiramente como nellas , e em cada hum dos seus onze Capítulos se contém ; não obstante quaesquer Leis , Disposições , ou Ordens em contrario , que Hei por derogadas para este effeito somente , como se de cada huma dellas fizesse especial menção , sem embargo da Ordenação do Liv. 2.º tt. 44. Pelo que Mando a todos os Tribunaes , e Magistrados , a que o conhecimento deste Alvará pertencer , que o cumprão , e guardem , como nelle , e nas suas condições se contém ; o qual valerá como Carta , não obstante a Ordenação do Liv. 2.º tt. 40 em contrario. Pagárão-se de Novos Direitos cento setenta e quatro mil cento e oitenta reis , que forão carregados ao Thesoureiro delles , a folhas cento sessenta e nove , do Livro terceiro de sua Receita , como constou de hum conhecimento em fôrma , registado a folhas cento e sete do Livro septuagésimo quarto do Registo geral. Dado no Palacio de Mafra em quinze de Abril de mil oitocentos e sete.

PRÍNCIPE

António de Araújo de Azevedo P.

Alvará , por que Vossa Alteza real Ha por bem confirmar as onze condições , com que se estabelece a Fabrica de Vidros na planície de Linhares , da Província do Minho.

Para Vossa Alteza Real ver.

Por immediata resolução de Sua Alteza real de 25 de Fevereiro de 1807.

Nesta Secretaria do Registo Geral das Mercês fica registado este Alvará. Lisboa 4 de Maio de 1807 ; e pagou quatrocentos e oitenta reis.

Pedro Caetano Pinto de Moraes Sarmiento.

Francisco Soares de Aratijo Silva o fez escrever.

Manoel Nicoláo Esteves Negrão.

Pg. cento e setenta e quatro mil cento e oitenta reis ; e aos Officiaes cincoenta e dois mil e cincoenta e dois reis. Lisboa 5 de Maio de 1807.

D. Miguel José da Câmara Maldonado.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Livro de Officios , e Mercês a fol. 160. Lisboa 5 de Maio de 1807.

António Joaquim Serrão.

Pg. quarenta e oito mil reis de Sello a saber vinte e quatro mil reis pela Mercê dos privilégios , e isenções do estabelecimento da Fabrica ; e vinte e quatro mil reis pela Mercê dos Hábitos , com renuncia. Lisboa 2 de Maio de 1807.

Oliveira.

João Camillo da Silva Soiza e Bastos o fez.

Condições , com que se estabelece a Fabrica de Vidros na planície de Linhares , na Provincia do Minho , á maneira da Fabrica de Vidros da Marinha Grande , com as graças , privilégios , e isenções que vão declaradas.

I.

SUA ALTEZA REAL concede a sua Alta , e Immediata Protecção a esta Sociedade , e Fabrica intitulada *Real Fabrica de Vidros de Villarinho da Furna de Gomes , Mattos , Araújo , e Companhia* commettendo ao zelo , e cuidado da Real Junta do Commercio , Agricultura , Fabricas , e Navegação destes Reinos , e seus Domínios , os meios de a fazer prosperar , deferindo promptamente ás súplicas da Sociedade nos casos ordinarios , e consultando de officio em todos aquelles , que dependerem de Authoridade Soberana , que não lhe esteja delegada.

II.

A Sociedade durará por tempo de dez annos , a contar da data da Real Approvação , conforme a Escritura Social ; e durante este prazo , gozará não só do privilegio exclusivo , que já lhe foi concedido para não se estabelecer outra semelhante Fabrica naquella Província , mas tambem a isenção de Direitos de entrada para todas as maquinas utensis , e materiaes , que lhe forem precisos do Reino , ou de fóra d'elle , e bem assim de entrada , sahida tanto no Reino , como nas Colónias de todos os Vidros , que fabricar , e se consumirem no mesmo Reino , e Conquistas , ou se exportarem ainda para Paizes estrangeiros , ficando as vendas , passagens dos ditos vidros para o commercio interno inteiramente livres por mar , ou por terra , e sómente sujeitos aos manifestos , e registos nas Alfandegas , ou Casas de Despacho por onde transitarem com as competentes guias , ou attestações da Fabrica , pelas quaes se fará o despacho livre não só de direitos , encargos , e tributos , mas até dos emolumentos dos Officiaes : applicando-se em beneficio desta manufactura , e em toda a sua extensão as Providencias dadas pelo Decreto de 24 de Maio de 1775 a respeito dos algodões.

III.

Os Mestres , Officiaes , e Aprendizizes empregados nesta Fabrica , serão obrigados a cumprir o tempo , e encargos de seus ajustes , durante o qual hé prohibido a outra Fabrica , ou a pessoa alguma recebellos , ou admittilos sem bilhete dos Directores , por que conste estarem quites de todos os empenhos contrahidos ; com a comminação de se proceder contra elles , e contra quem os receber com as penas estabelecidas contra os desencaminhadores do tabaco , e sabão.

IV.

Será licito á Sociedade extrahir sem reserva , embaraço , ou ónus algum as lenhas , giestas , e mais materiaes , que lhe forem precisos de todos os bosques , e montes maninhos das circunvizinhanças , seja qual for a distancia ; e os Juízes territoriais auxiliarão a requerimento do Administrador da Fabrica todos os cortes , que a Direcção mandar fazer ; assim como quaesquer investigações para juntar as diversas qualidades de pedra , e seixo branco em quantidade tal que nunca falte ao diário fabrico : ficando desde já vedada , em consequência do privilegio exclusivo da Sociedade, a concessão de outro qualquer empreendimento , que precise para a sua laboração destas mesmas matérias , as quaes só devem ser communs entre a mesma sociedade , e os Povos do districto para os seus gastos domésticos.

V.

Os caminhos para o serviço da mesma Fabrica serão sempre conservados em estado de poder fazer as conducções sem perigo ; cuja diligencia Manda Sua Alteza Real recommendar , especialmente ao Inspector Geral das Estradas do Minho , e na falta deste , ao Juiz Conservador da mesma Fabrica em Braga , a fim de evitar quebras de vidros , e outros damnos , que assim ficão acautelados.

VI.

O preço dos referidos Vidros será á convenção das Partes ; e os Directores terão o maior cuidado não só em levar a mão de obra á maior perfeição , mas em minorar os preços , quanto possível for. Preenchido este desejo da Sociedade , espera ella continuar a negociação findo o decennio , se lhe convier , e Sua Alteza Real o permittir , dignando-se de prorogar-lhe o exclusivo , isenção , e mais liberdades , se assim parecer vantajoso á utilidade Pública.

VII.

Para o edificio da Fabrica , Armazéns , Officinas , e decente domicilio dos Erectores , he o mesmo Senhor servido , que a Direcção possa demarcar na planície de Linhares a porção de terreno baldio , ou maninho que julgar conveinete ; podendo outro sim annexar-lhe por titulo de compra os terrenos , ou prédios de auqlquer natureza que forem precisos para a laboração dos engenhos , conducção das aguas , e mais commodidades da Fabrica , pagando aos proprietários os preços em que se ajustarem : e quando seja necessário avaliação judicial , pagarão aos donos a terça parte mais na forma da Lei , do justo valor em que forem avaliados os ditos terrenos , ou prédios , que logo lhe

serão summariamente adjudicados: cujos terrenos, ou prédios assim comprados, e adjudicados, ficarão juntamente com o terreno demarcado, conservando a natureza de Prazo Fateusim perpétuo, e annexos ao fundo da mesma Fabrica, que sempre se conservará illeso na sua integridade; como foi concedido à Fabrica de Leiria.

VIII.

Para as dependências judiciaes da fabrica, e observância de seus direitos, e privilegios, se Digna Sua Alteza Real de dar-lhes por Juiz Conservador hum dos Ministros da Cidade de Braga, que a Sociedade poderá propor-lhe, conferindo-se a esse Conservador a Jurisdicção civil e crime, que necessária for, para os negócios de pessoas da Fabrica, com a exclusão de qualquer outra Jurisdicção em primeira instancia. Na Cidade do Porto, será conferida esta authoridade ao Juiz Conservador da Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro: nas mais terras do Reino, aos Provedores das Comarcas; e no Brazil ás Mezas de Inspeção; e onde as não houver, aos Provedores das Comarcas. Finalmente na Corte será Juiz Conservador o da Real Junta do Commercio; dando-se nas Províncias as devidas appellações para elle; e nos casos sobre a economia da Fabrica para a mesma Real Junta, como se concedeo ás Fabricas de papel, e de fiação de linho, e algodão.

IX.

Sua Alteza Real he Servido conceder o privilegio executivo para a cobrança de todas as dividas provenientes desta Fabrica por qualquer título que seja: Permittindo igualmente que os Directores, Officiaes, e Aprendizes, e mais pessoas empregadas nellas, gozem todos os privilégios concedidos atéqui ás Fabricas mais favorecidas, incluindo o de apozentadoria passiva, nos quaes se comprehenderão todas as pessoas que por conta da Fabrica venderem os vidros em qualquer parte destes Reinos; mandando-lhes dar toda a ajuda, e favor de que carecerem para as suas conducções: que os Officiaes, e Operários referidos, logo que mostrem titulo expedido pelo Conservador, sejam isentos do serviço Militar de mar e terra; de alojamento de Tropas, Tutelas, e Curadorias, como os da Fabrica de Sá; e finalmente que nenhum dos ditos empregados, em quanto permanecerem no serviço da Fabrica, seja obrigado a deixar o seu trabalho, para comparecer perante outro Ministro, que não seja o Juiz Conservador em Braga, o qual só, e privativamente poderá conhecer de todas as causas cíveis, ou crimes, e em que forem Authores, ou Réos: concedendo-lhes outrosim a graça de serem admittidos a Livramento dos crimes, que não forem capitaes, sob Alvarás de fiança, e que estes lhes sejam concedidos, segundo o disposto no Regimento do Desembargo do Paço.

X.

Havendo na Fabrica alguns motins , ou desordens , poderão os Directores , e na sua ausência o Administrador segurar , e remetter os culpados ao Juiz Conservador em Braga para serem castigados como merecerem : e o Juiz da Vintena do districto com seu Escrivão estarão sempre promptas para os conduzir , da mesma forma que se pratica na Real Fabrica da Covilhã , e que igualmente se concedeo á da Marinha Grande.

XI.

Para distinguir , e premiar os Erectores desta Fabrica , do mesmo modo que o forão os das Fabricas de Alenquer , e de Sá , e os da Companhia das fiações , e torcidos das Sedas : He Sua Alteza Real servido fazer Mercê do Habito da Ordem de Christo a cada hum dos seis actuaes Empreendedores , com a faculdade de poderem renuncialla : havendo-lhes outrosim como feitos á Coroa , os serviços , com que fizerem prosperar hum tão útil Estabelecimento.

Palácio de Mafra quinze de Abril de mil oitocentos e sete.

António de Araújo de Azevedo P.

Na Impressão Regia.

(Fonte: Torre do Tombo, *Leis do Reino*, vol. 9, Ate 1811, Série Preta n.º 2235)

TOMBO DA FREGUESIA DE SÃO JOHÃO DE RIO CALDO – II

por
DOMINGOS ALVES *

1. Estas são as herdades que apresentam os do Assento

Em Sá apresenta João Eanes um campo que se chama o «Baceiro», que confirma da banda do nascente com herdades a que chamam «Alvite», do poente, com Pedro Pires de Sá, e do sul com Sebastião de Sá, herdade do mosteiro de Bouro, e do norte com a estrada; leva de sementeira três alqueires¹; tem este campo quatro macieiras e cinco uveiras² que darão, um ano por outro, um almude³ de vinho. Apresenta, igualmente Pedro Pires de Sá, outra leira que está na «Cortinha», a par da eira que também está a par do castanheiro, que fica no meio da herdade pertencente ao mosteiro de Bouro; leva de sementeira dois alqueires, e pagam ambos, João Eanes e Pedro Pires de Sá, de tudo isto, cinco alqueires de milho pelo S. Miguel, e ainda uma galinha e um dia de trabalho cada um. Apresenta Gonçalo Pires do Paço uma leira chamada «Cachafotinho», no meio da qual há uma pedra; esta leira fica situada a meio da herdade pertencente ao mosteiro de Bouro — tudo isto apresenta o referido Gonçalo Pires do Paço — paga de cada um, sem título algum, um alqueire e dois frangos, e leva de sementeira um alqueire.

* Professor da Escola Secundária Sá de Miranda, Braga.

¹ Antiga medida para cereais, que corresponde, mais ou menos a 13 litros/kilos.

² Árvores a que se prendem os braços das videiras.

³ Medida de capacidade para líquidos, de 12 canadas ou 48 quartilhos.

2. De Covas

Apresenta Pero Vaz uma leira que está debaixo da eira da «Cova», abaixo da oliveira que está à porta de João Vaz, e debaixo da casa de António Lopes; fica por detrás da adega de João Vaz, ao longo da sebe do «Chão da Fonte», da Cova; confina com a herdade do mosteiro de Bouro, e leva de sementeira meio alqueire; paga cada ano dez reais e ainda um dia de trabalho por altura do S. João; João Vaz da Cova paga um dia de trabalho à igreja pelos carvalhos que cortou um pouco abaixo da igreja.

3. Paredes

Tem Afonso Álvares, de Paredes, em seu poder um campo que se chama o «Vile da Igreja», o qual confina do nascente com o logradouro público⁴ — ao fundo do campo há dois castanheiros — e do poente confina com o caminho que dá para o fojo⁵ da igreja; leva de sementeira três alqueires; tem, ainda, em seu poder o dito Afonso Álvares uma leira que se chama «Leira da Pedra», que confina com uma herdade de João Pires, de Paredes, do lado do nascente; e do poente com a «Quelha das Chaves»; da outra parte, sul, com um campo que se chama a «Lameira dos Casais», que pertence a Afonso Álvares; aí existe, a meio, uma ribanceira com trinta e duas varas⁶ de comprimento; leva de sementeira meio alqueire, e é terra de muita boa qualidade; tem água de lima e de rega que vem pelo rego público da aldeia; paga cada um deles à igreja dois alqueires de milho branco, um par de frangos, vinte reais em dinheiro, e um dia de trabalho; Sebastião Afonso, do «Curral», e Sebastião Gonçalves, de «Contipo», ambos apresentam uma leira que se chama a «Leira da Igreja de Várzea», e que fica logo abaixo do «Chão da Várzea»; confina de nascente com um campo da Viúva (de Paredes) que é pertença do mosteiro de Bouro, e de sul com o «Outeiro de Chão»; leva de sementeira meio alqueire, e tem de comprimento noventa e sete varas; e de largura duas varas ao longo da parede; pagam ambos, por ano, vinte e sete reais, isto é, «Contipo», doze; e «Curral», quinze reais, e ainda um frango e um dia de trabalho cada um.

⁴ Baldio; terreno público.

⁵ Sorverouro de águas.

⁶ Medida de comprimento correspondente a 1,10 metros.

4. Vilar da Veiga

Apresenta Branca Garcia, viúva de João Preto, uma leira que se chama a «Leira das Ameixieiras», a qual confina com uma leira de João Martins, da qual dá o dízimo ⁷ a Deus; está ao longo da «Ribeira», frente a Rio Caldo; a de João Martins fica mais acima, frente à eira do Vilar; confina, do lado Sul, com a herdade de Domingos Eanes, fidalgo, e do norte com Pedro Afonso e com João Garcia; tem dezoito varas de comprimento, e de largura quatro e meia, leva de sementeira um quarto de centeio; por trás, mais outra leira na «Costa da Eira» que se chama a «Costa da Eira», que do nascente confina com o caminho que vai para a eira, do poente com a Veiga, e do norte com uma vinha pertencente à Nossa Senhora da Oliveira ⁸ de Guimarães; aí existem três oliveiras e sete pés de macieiras, um carvalho e uma uveira nova; tem esta leira doze varas de comprimento e sete de largura; mais a sul, aparece (já fora) um castanheiro que é de Afonso Eanes; este paga à igreja quinze reais e um frango.

5. Parada

Apresentam Gonçalo Vaz e João Garcia, de Parada, uma leira na «Quinta dos Vales», que confina com herdades sujeitas a dízimo, de Branca Martins; João Lourenço, de Parada, com um chão que se chama a «Leira da Pereira», que confina da banda do poente e do nascente com herdades dos «Vales», de Gonçalo Vaz; e João Garcia, de Parada, um campo que se chama «Lavatives», o qual confina do lado nascente com o mesmo campo de João Garcia, e que igualmente se chama «Lavatives»; e do poente parte com a estrada e fonte de «Mogeirol», frente ao ribeiro e à fonte; aí existem quatro pés de uveiras que darão, um ano por outro, um almude de vinho, e levará de sementeira um alqueire; apresenta o dito João Garcia, de Parada, seis carvalhos no chão do «Caudal» e algumas videiras; pagam ambos, Gonçalo Vaz e João Garcia, cada ano à igreja quinze reais e ainda uma galinha cada um, bem como um dia de trabalho. Apresenta Sebastião Gil, de Parada, o campo das «Ínsuas», que confina de nascente com dois penedos, ou pedras grandes, que estão ao fundo do campo, e do poente com o «Campo de Lavatives», que é per-

⁷ Contribuição que se pagava à igreja, e que consistia na décima parte dos frutos colhidos.

⁸ A mais famosa Colegiada no território português; data do séc. XI ou séc. XII.

tença de João Garcia, e do norte parte com outro campo que igualmente se chama «Ínsuas», também propriedade de Sebastião Gil, frente aos «Agrelas» de Gonçalo Vaz, herdades do mosteiro de Bouro; a sul confina com o ribeiro que passa entre ele e o «Caudal», de João Garcia; leva de sementeira um alqueire; apresenta outro campo que se chama «Terços», o qual fica do lado de cima da estrada, que parte da fonte do «Mogeirol»; confina do nascente com outro campo, mais pequeno, do mesmo nome, e que se situa frente ao «Mormeiral», e do poente (confina) com o «Souto de Sá»; do lado norte confina com a fonte do «Mogeirol»; leva de sementeira três alqueires; tem um castanheiro cheio de rebentos frente ao «Mogeirol», e à volta está cercado de carvalhos de ramadiço⁹; paga de pensão, cada ano, à igreja, dois alqueires de pão, um de centeio e outro de milho, e duas galinhas, bem como um dia de trabalho. Apresenta Gonçalo Lourenço, de Parada, uma leira na «Cortinha», que vem da estrada do portal da «Ria Cova»; confina de nascente com a estrada do Portelo da «Via Cova»; do poente, com herdades do mosteiro de Bouro, e do norte com a horta do mesmo Gonçalo Lourenço, e que igualmente pertence ao mosteiro de Bouro; leva de sementeira dois alqueires, e paga cada ano à igreja um alqueire de centeio, se se semear centeio; se se semear milho, um alqueire de milho, dois frangos, e um dia de trabalho.

6. Da Seara

Apresentam Afonso Eanes e João Eanes, seu irmão, o seguinte: um castanheiro em «Xamilho», bem como outro castanheiro no Souto da «Pereira», e outro ainda no «Boqueiro do Sudro», o temporão¹⁰ do «Codeçal», e o Bolecal da «Mó»; o Eirão da Portela da Rodrigues, e o Bolecal do «Souto da Gémea». As uveiras que apresentam, são as seguintes: uma uveira de castanheiro na «Pedrulha»; três carvalhos e um castanheiro que são as uveiras nos «covatos»¹¹ da Gémea», e que darão, um ano por outro, um almude de vinho. Também uma leira da herdade a que chamam dos «Quebrados», que confronta do nascente com herdades dos referidos João Eanes e Afonso Eanes, e da outra parte com Lourenço Afonso. Ainda outra leira que se chama «Leira da Pena», que confronta do nascente com a «Batoca do Gavião», e com outra leira da igreja, de Sebastião

⁹ Espécie de carvalho baixo e frondoso.

¹⁰ Que dá frutos muito cedo.

¹¹ Covas pequenas.

Pires, que confronta do poente com o «Carreiro dos Penedos», e do norte com as herdades dos já referidos Afonso Eanes e João Eanes, e que levam de sementeira um quarta¹². Ainda outra leira, a que chamam «Leira da Igreja», que confronta do nascente com as herdades de Sebastião Garcia; do poente com Lourenço Afonso, e do norte com os mesmos; esta leva de sementeira meia quarta. Ainda um padieiro¹³ que confronta do nascente com umas uveiras do Sapateiro, e do poente com a eira; tem, paralelamente a si, uma mata de castanheiros que fica logo acima da casa de Maria Eanes, a «Manca». Ainda um palheiro coberto de colmo que tem de comprimento oito côvados¹⁴, e de largura nove, que confronta do nascente com a estrada, e do poente com o caminho que vai para a «Eira de Cima»; do norte, com a eira. Aí existe uma cabana, paralela a ele e frente à eira. Pagam à igreja, cada ano, quarenta e cinco reais em dinheiro, e uma quarta de castanhas secas, duas galinhas e, ainda, um dia de trabalho cada um.

Sebastião Pires apresenta, igualmente, um castanheiro caído no chão, quatro castanheiros no, «Souto da Gémea», a saber: um nos «Cutros», outro no quintal da Gémea do Sapateiro; outro, ainda, na «Pereira Bolecal», e ainda outro no «Carreiro de Codeçal», a par do temporão da igreja, que João Eanes e Afonso Eanes apresentam. Apresenta, ainda, uma leira que se chama a «Leira da Pereira», onde há uma pereira, e que confronta com a herdade de Sebastião Garcia, do lado nascente; do poente, com Afonso Eanes e seu irmão, e ainda Lourenço Afonso; dos outros lados, com o já referido Sebastião Pires — esta leira leva de sementeira uma quarta. Também outra leira que confronta do nascente com a «Batoca do Gavião», do poente com os penedos de Lourenço Afonso; e do norte com outra herdade da igreja, que Afonso Eanes e seu irmão apresentam, e que leva de sementeira uma quarta.

Também uma vinha que se chama a «Vinha do Cabo» e que dará, um ano por outro, dois almudes de vinho; esta confronta do nascente com o referido Sebastião Pires, do poente com Sebastião Garcia, Sapateiro, e do norte com Lourenço Afonso. Ainda mais uma casa que serve de celeiro e que foi telhada¹⁵ por Sebastião Pires, e da qual metade pertence à igreja; a dita casa tem quinze côvados de comprimento e sete de largura. Também um palheiro de colmo que se chama «Roteia», que tem

¹² Quarta parte de um alqueire.

¹³ Casa em ruínas; edifício velho.

¹⁴ Medida antiga de comprimento equivalente a 0,66 metros.

¹⁵ Coberta de telhas.

nove côvados de comprimento e sete de largura; este confronta de nascente com a estrada e do poente com outro do Sapateiro que é pertença da igreja. Ainda um castanheiro temporão no «Portelo da Gémea», de Lourenço Afonso. De tudo isto paga à igreja, cada ano, cinquenta reais em dinheiro e mais uma quarta de castanhas secas, duas galinhas, e um dia de trabalho; ainda mais um castanheiro doado pela mãe de Sebastião Pires, por sua devoção, e que fica no «Souto da Gémea», que está logo abaixo do caminho, e que foi derramado ¹⁶ para a capela de S. Pedro para lhe dizerem cada Domingo um «pater noster» ¹⁷ à estação ¹⁸. Também apresenta Sebastião Garcia, Sapateiro, uma leira que se chama a «Leira dos Quebrados», que leva de sementeira uma quarta, e que confronta do nascente com a «Batoca do Gavião», e do poente com herdades de Afonso Eanes. Apresenta, ainda, três pés de uveiras, no «Torrão», que ficam em uma leira que se pensa pertencer à igreja, e que darão de vinho, um ano por outro, oito canadas. Ainda um pedaço de vinha que tem duas vides e um recanto que fica por detrás da corte de Sebastião Pires, e no qual há uma laranjeira e dois salgueiros com vides que darão três canadas de vinho, um ano por outro; este confronta do nascente com o caminho e do poente com Sebastião Pires.

Também mais uma casa de cozinha em que vive o dito Sebastião Garcia, Sapateiro, que tem de comprimento catorze côvados e de largura oito, e é telhada; confronta com o caminho, que passa diante da porta; do poente com outra casa de Sebastião de Pires, e da qual metade pertence à igreja; e do norte com outra casa pertencente ao referido Sebastião Garcia.

Ainda mais uma corte de gado chamada «Corte do Carreiro», que tem dezassete côvados de comprimento e oito de largura; esta confronta do nascente com a casa de Sebastião Pires, do poente com a estrada, e do norte com o caminho. Ainda mais um palheiro de colmo que se chama da «Roteia», que tem mais ou menos nove côvados, tanto de comprimento, como de largura, e que confronta do nascente com outro de Sebastião Pires, do poente com a «Roteia», e do norte com o caminho que vai para a «Eira Velha». Apresenta, também, os seguintes castanheiros: um, na «Pereira», de Sebastião Pires; outro, no «Lourinhal»; outro, pequeno, mais baixo, no «Ribeiro»; outro no «Codeçal»; um outro, tem-

¹⁶ A quem foi lançada uma derrama (espécie de imposto ou tributo local proporcional aos rendimentos de cada contribuinte).

¹⁷ Um «pai nosso».

¹⁸ Visita de devoção às igrejas.

porão, na «Broca», e ainda mais outro, que serve de uveira, e que está no quintal da «Gémea» — paga de pensão cada ano à igreja cinquenta reais e duas galinhas; uma quarta de castanhas e um dia de trabalho. Apresenta, ainda, Lourenço Eanes uma casa de colmo, com cozinha, e em que vive, e que tem de comprimento onze côvados, e de largura oito — esta confronta de nascente e de poente com herdades de Freitas, e do norte com uma latada¹⁹ do Sapateiro. Ainda mais uma leira da igreja, que se chama «Leira do Pomar», e que confronta do nascente com herdades do mosteiro de Bouro, do poente com as herdades que pagam o dízimo a Deus, de Afonso Eanes, da Seara, e de seu irmão João Eanes, e do norte com o monte dos «Cubos» — esta leva de sementeira meio alqueire. Quanto a castanheiros, apresenta os seguintes: o castanheiro do «Paparote», que está junto à casa de Joana Eanes; um outro, na «Tomadinha»; um outro, temporão, na «Cisterna do Fugeiro»; outro na «Rechã da Pereira»; outro na «Revolta da Castela»; finalmente, um outro no quintal da Gémea. Disto tudo paga cada ano à igreja, de pensão, quarenta e cinco reais em dinheiro, duas galinhas, meia quarta de castanhas, e um dia de trabalho.

(Continua)

¹⁹ Ramada.

GERÊS: CONFERÊNCIA FLORESTAL E A FESTA DA ÁRVORE EM 1916

por
MANUEL PEREIRA*

Introdução

As primeiras referências bibliográficas conhecidas sobre a serra do Gerês datam do século XVI¹. No entanto, é a partir do século XVIII que as caldas e a serra começam a ter alguma notoriedade, quer graças à intervenção mecénica de D. João V², quer devido às primeiras expedições à serra do Gerês, contando-se cerca de vinte e sete expedições, em 1939³.

Todavia, é na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do seguinte que o Gerês é calcorreado por uma infinda plêiade de personalidades ilustres dos vários sectores da nossa sociedade e até estrangeiros, motivados por razões de ordem científica e/ou de ordem terapêutica⁴, sócio-cultural⁵ e até desportiva⁶, daí se compreenda a afir-

* Vereador da Câmara Municipal de Terras de Bouro.

¹ Cfr. Lúcio André de Resende, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Edições Évora, 1593.

² Cfr. Joaquim Vicente Pereira de Araújo, *Diário Filosófico da Viagem ao Gerês*, Velho manuscrito publicado, prefaciado e anotado por Celestino Maia, Liv. Figueirinhas, Porto, 1949.

³ Cfr. Celestino Maia, *O Gerês e as Suas Termas*, Separata da revista «Clínica, Higiene e Hidrologia», n.º 6, Junho de 1947, Liv. Figueirinhas, Porto, 1947.

⁴ Cfr. José Pinto Rebello de Carvalho, *Notícia Topographica e Physica do Gerez e das Suas Agoas Thermaes*, Typographia Commercial, Porto, 1848.

⁵ Se o fim do século XIX convidava às investigações e expedições defendidas pelas sociedades científicas e naturalistas, como é o caso da Sociedade Portuguesa de Geografia, também

mação de Tude de Sousa, segundo o qual «o excursionismo de simples dilettantismo e o de intuítos científicos se tem desenvolvido, trazendo para o Gerez uma corrente de curiosidade e de investigação importantes»⁷. A toda a serra interessava sobremaneira, não só pelos motivos da sua investigação, mas também pelos encantos, dada a «incomensurável superioridade duma vegetação luxuriante e variada, água que jorra por toda a parte em cascatas tumultuosas, fauna e flora riquíssimas, algares e vales encantadores que ombreiam com as mais célebres da Suíça e do Tirol»⁸.

No primeiro caso, sobressaem os naturalistas portugueses e estrangeiros que se especializaram nos mais ínfimos aspectos da botânica, zoologia, geologia ou mineralogia, percorrendo a serra de lés-a-lés. A título de exemplo, enumeraremos alguns: Link, Hoffmannsegg, Júlio Henriques, Alfred Tait⁹, Guilherme Tait¹⁰, Biel, J. H. Capelo, Antero Seabra, J. C. Alves Sobral, Barbosa du Bocage, Adolfo Moller, Afonso Luisier, Gonçalo Sampaio, Silva Tavares, Carlos França, Guilherme Felgueiras, etc.

Além disso, muitos foram os médicos hidrologistas¹¹ que visitaram, estudaram e recomendaram as águas do Gerês, deixando-nos um legado

é certo que, seguida da moda dos banhos no mar e das idas para a quinta, veio a procura de novos ares onde também se encontrasse alguma distração. Temos neste caso as termas que, aos olhos do tempo, «conciliam tudo: copinho, peregrinação, entretenimento, *vita nuova!*» (Júlio César Machado, «Introdução», in J. D. Ramalho Ortigão, *Banhos de Caldas e Águas Minerais*, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1944). Para isto contribuía a mudança de alimentos, as diversas modalidades de distração organizadas pelos clubes dos aquistas, desde os saraus, jogos de salão ou de jardim, os passeios, os piqueniques e os desportos ao ar livre ou as viagens e o contacto com a natureza tão propício a «uma cura da Supercivilização» (António Machado Pires, «Natureza e Civilização nos escritores naturalistas portugueses», in *Colóquio Letras*, n. 22, Nov. de 1974, p. 36).

⁶ Cfr. Rev. Ilustração Portuguesa, de 25 de Novembro de 1907 e n.º 127; 132 de 1908; Paulo Pina, «Ramalho Ortigão e o Gerês nos primórdios do Campismo Nacional» in *Giesta*, Ano I, n. 1, pp. 23-35.

⁷ «Caldas e Serra do Gerês: A Serra», in *Ilustração Portuguesa*, 6 (128), 3 de Agosto, de 1908. Cfr. também Abílio Campos Monteiro (?), *O Gerez, estância de cura, de repouso e de turismo*, Porto, 1929, pp. 18-20.

⁸ Silva Tavares, citado por Celestino Maia, *op. cit.*, p. 19.

⁹ Barão de Soutelinho, membro da colónia britânica do Porto, mas que passava grandes temporadas no Gerês. Soutelinho era o nome da propriedade onde o Sr. Tait possuía o seu chalé. O título foi-lhe atribuído por D. Luís que ali estivera instalado, aquando da sua estada no Gerês, com a restante família, durante três dias do mês de Outubro de 1887. Cfr. Tude de Sousa, «Naturalistas no Gerez – Alfred Tait», in *Comércio do Porto*, 9 de Set.º, 1937.

¹⁰ Irmão de Alfred Tait, grande amigo do Gerês e de Portugal, patrocinando a edição de *Os Lusíadas*, na Alemanha. Cfr. Tude de Sousa, «Naturalistas no Gerez – Guilherme Tait», in *Comércio do Porto*, 13 de Set.º, 1937.

¹¹ Cfr. Ricardo Jorge, *Caldas do Gerez – Guia Termal*, Typ. Casa Editora Alcino Aranha & C.º, Porto, 1891; Augusto da Silva Carvalho, *Memórias das Caldas do Gerez*, Lisboa, 1943; Celestino Maia, *op. cit.*

extenso, embora nem sempre fácil de encontrar, dado se tratar de bibliografia «quase toda feita de publicações periódicas ou de escassa tiragem esgotadas e de aquisição difícil»¹² e, julgamos nós, outro tipo de registos que, em muitos casos, foi parar às mãos de bibliófilos e amantes do Gerês, não se encontrando em arquivos ou bibliotecas públicas com facilidade.

Igualmente muitos prosadores, quer em crónicas, quer em diários e memórias ou impressões de viagem cantaram o Gerês e a sua serra que, «Arrogante de cumieiras, quebrada de precipícios, reúne no mesmo abraço o alpestre e o idílico, o ímpeto das cristas penhascosas e o suave das sombras murmurantes. Abrupta, convulsionada de rochedos, atinge afabilidade romanesca nas bordas dos prados e cascatas em que folhagens formam docel»¹³, sendo certo que «a poesia lhe presta também as suas homenagens»¹⁴. Assim, entre muitos, escreveram sobre esta terra: A. Herculano, D. C. Sanches de Frias, Ramalho Ortigão, Manuel Arriaga, Antero de Figueiredo, Carlos Malheiro Dias, A. Campos Monteiro, J. Magalhães Lima, J. M. Ferreira, Matias Lima, Sousa Costa, Miguel Torga, Saramago e os pintores como Artur Loureiro¹⁵ e Veloso Salgado inspiraram-se nas belezas da serra, havendo sido instituída uma «Bolsa de Arte» pela Academia Portuguesa de Belas-Artes¹⁶ que patrocinou a vinda ao Gerês, em Setembro de 1914, dos finalistas mais distintos desse ano, Joaquim Lopes e José Maria Soares Lopes que, em Novembro desse ano, expuseram os seus trabalhos sobre as paisagens geresianas, dando a imprensa rasgados elogios¹⁷.

Pelos factos atrás referenciados, facilmente se observa que o Gerês foi um local de passagem de pessoas ilustres, pólo de investigação científica e de difusão cultural, quer pelo convívio de personalidades variadas, quer pela realização de eventos.

¹² Celestino Maia, *op. cit.*, p. 12.

¹³ Sousa Costa, *No Gerez - a Natureza e o Homem*, Edição da Liga de Defesa do Gerez, 1934, p. 24.

¹⁴ A. Magalhães, *Gerez ao Seu Estatismo e Vilar da Veiga em Sua Recordação*, Tipografia Vitória, Barcelos, 1953, p. 97.

¹⁵ Mestre Artur Loureiro viveu muitos anos no Gerês, vindo a falecer, em Leonte, em 1932. Cfr. Celestino Maia, *op. cit.*, 26.

¹⁶ «Sim, foi em Setembro de 1914, que pela primeira vez, entre nós, dois alunos da Escola de Belas-Artes foram subsidiados para ocupar as suas férias grandes numa missão estética. Foram eles o meu ilustre colega já falecido, José Maria Soares Lopes e eu próprio. (...) Lá nos mantivemos, isolados do mundo, cêrea de uma semana, a pintar, entusiasmados, aqueles maravilhosos aspectos da paisagem. (...) Felizmente, os hoteleiros, apesar disso, nunca deixaram de nos enviar a comida que, bem me recordo, era abundantíssima, chegando avonde para o nosso apetite juvenil, estimulado pelo ar das montanhas.» (Missões Estéticas de Férias, 5 Minutos de Conversa com o Mestre Pintor Joaquim Lopes», in *Primeiro de Janeiro*, de 30 de Junho de 1943).

¹⁷ Cfr. *Idem*, p. 25.

Tendo em conta as palavras do regente florestal e polígrafo do Gerês, Tude de Sousa, de que «Por mais que se investigue e por mais que se rebusque, aparece, sempre, quando menos se espera, alguma coisa de novo para acrescentar ao que já foi dito a respeito de Gerez¹⁸», é nossa intenção, na Primeira e Segunda Partes deste modesto trabalho, noticiar, respectivamente, o encontro científico realizado no Gerês: **A 3.^a Conferência Florestal e a Festa da Árvore na Escola Primária em 1916.**

Com efeito, a Lei n.º 26, de 9 de Julho de 1913, no âmbito da Direcção Geral da Agricultura, instituiu a organização de Conferências anuais, em separado, sobre Agronomia e Floresta. Assim, a 3.^a Conferência Florestal (possivelmente a última) foi realizada no Gerês e decorreu entre 29 de Abril e 4 de Maio de 1916¹⁹, tendo sido apresentados, entre outros, muitos trabalhos de Tude de Sousa.

Para além das conferências propriamente ditas, do programa constou o passeio pela serra registado por Tude de Sousa com o título «Excursões dos Conferencistas Florestais»²⁰ que neste trabalho queremos reproduzir por se descreverem, de modo agradável, as jornadas dos conferencistas pela serra, testemunhando-nos muitos factos relevantes para a memória cultural do Gerês.

E, como prova da vitalidade cultural e do apreço com que a Conferência Florestal foi acolhida, na II Parte, reproduziremos o programa da Festa da Árvore, desse ano, realizada pela Escola Primária que, propositadamente, comemorou a efeméride, no dia 30 de Abril, de modo a fazer inveja aos nossos dias, dando prova do empenho dos agentes educativos do tempo²¹.

¹⁸ Tude de Sousa, «Gerez» (Notas Diversas I), in *Comércio do Porto*, 3 de Julho de 1941.

¹⁹ Cfr. *Boletim da Secretaria de Estado da Agricultura*, ano I, n. 1, Julho de 1918, 37-74.

²⁰ *Idem*, pp. 57-64, cuja paginação foi adaptada.

²¹ *Idem*, pp. 64-65.

I PARTE

EXCURSÕES DOS CONFERENTES FLORESTAIS

Como fôra estabelecido em 1915, reüniu êste ano no Gerez a Conferência Florestal, para uma vez mais, desde a sua instituição, se dar cumprimento à lei que criou tais convocações de carácter profissional e técnico.

Assim foi que em 29 de Abril partia de Braga para aquela Serra, pela ponte do Pôrto, a caravana de automóveis, conduzindo quantos funcionários das matas ali iam, na maior comunhão de interêsses pelos serviços em que mourejam, trocar ideas, discutir assuntos, estabelecer votos pelos progressos e pelo futuro da silvicultura portuguesa.

E difficilmente melhor escolhido poderia ser o local do que aquele do Gerez, onde se levanta uma das mais ricas maravilhas da montanha de Portugal, onde a vegetação é mais fértil, mais variada e mais forte.

Já o trajecto desde Braga impressiona pela diversidade e pelo encanto, quer se olhe pelos vales e pelas quebradas, onde a cultura agrícola se enche das manchas de arvoredo por onde a vinha trepa, quer se apreciem os núcleos de pinhal pelas encostas e arvoredos rompendo das ravinas, muito ao longe do horizonte os dorsos de montanha nua a gritar pela companhia e pelos abraços amoráveis de muitas árvores.

Entretanto, o Cávado lá em baixo ora sussurra e canta docemente, ora se despenha com loucura em alucinações de suicídio . . .

Chegados à povoação, pela tarde, todos se instalam e os primeiros preparativos são tomados para os trabalhos a seguir.

As Caldas do Gerez são de moderna data em agregação de povoado, povoado sem brilho e sem estética, feito de hotéis enfileirados, sôbre os quais se debruçam à cavaleiro miseráveis casebres de pastores e gente pobre.

Nem dos romanos que por ali passaram, nem dos portugueses dos séculos XIII, XIV e XV, que por lá andaram, existe obra ou vestígio de permanência e depois disso mesmo, só resta a tradição do cirurgião de Covido, do século XVIII e o ressurgimento das termas com fidalgos e grandes do século XVII, que ali foram às nascentes milagrosas retemperar os fígados e arejar os pulmões nas lufadas sadias da serra, autênticas riquezas da hidrologia e da terapêutica, que a distância e o isolamento, as dificuldades do trânsito e a aspereza dos caminhos deixaram perduravelmente indevassáveis.

Mas sente-se desde logo a pequenez da alma humana, apoucada cá em baixo na estreita fita onde dois lombos altos se veem quasi unir em V, só separados pela lingua de água clara e marulhenta que um e outro alimentam toda a vida.

Já aqui e desde que ao sul das Caldas e acima de Vilar da Veiga transpõem as extremas de Porcas e da Assureira, que veem da Pedra Bela e do Esecuredo e Françós, que veem de Lamas, se nota a influencia do trabalho desde 1888, heróico e persistente — heróico, pelas dificuldades vencidas, persistente pela tenacidade exercida — dos Serviços Florestais, semeando, plantando, defendendo, pois toda aquela garganta que até a Preguiça se avista e dali para cima se adivinha, está já verde, do verde variado dos pinheiros, dos medronheiros, dos carvalhos e doutras árvores.

Na primeira manhã, antes de almôço, excursiona-se pela primeira vez, subindo ao velho viveiro da Pereira, velho remoçado em 1906 por um longo muro circundante, que tem a seu lado o observatório meteorológico, desde os primeiros tempos instalado para os estudos que tem tido a desempenhar.

Para transpor o rio, à saída das Caldas, a ponte de cimento armado feita a meias em 1912 pela Câmara Municipal e pelos Serviços Florestais.

No viveiro, canteiros vários povoados de essências em criação, nacionais e exóticas, resinosas e não resinosas; cá fora uma diversidade grande de vegetação, acácias, eucaliptos, padreiros, *cupressus* e, destacando-se, um grupo de pinheiros silvestres das primeiras experiências do silvestre de Portugal, plantados em 1898 ou 1899, de semente dos sobreviventes de Montalegre, colhida por 1896.

De onde a onde, uma pseudo *Tsuga Douglassi* a robustecer-se na meia sombra dalguma clareira de pinhal e pelo caminho, por onde agora se desce até a ponte da Assureira, vêem-se com frequência *cupressus*, o do Buçaco e outros, com porte senhoril de quem quere vir a ser dominador.

Boas promessas tudo duma boa adaptação.

O rio transpõe-se por uma ponte de cimento armado de 14 metros de vão, construída em 1914 pelos Serviços Florestais, por necessidade dos seus trabalhos e por atender à necessidade dos vizinhos, e, uma vez na estrada à vista a primeira casa florestal indo do sul, tem-se logo à direita a primeira sementeira do pinhal que o Estado fez no Gerez, em 1890. A segunda foi no Estriz, no ano imediato, e ambas têm vindo

a viver a vida angustiada dos primeiros anos de luta, anos de fixação, e a vida mais desafogada de depois, à parte um ou outro incêndio que passa, deixando sobrevivências.

Veem depois pequenas voltas pelos arredores próximos.

Ao parque da Sociedade de Melhoramentos do Gerez, ainda na fase de criação, para onde os viveiros da mata forneceram bastantes plantas há poucos anos; ao edificio da repartição florestal, concluído por 1904, onde em 1913 se montou uma pequena, mas muito interessante instalação eléctrica para iluminação; e aos campos do Videeiro.

Aqui, onde já havia uma casa de guarda, das mais antigas das construídas pela mata com terreno anexo, vieram juntar-se em 1910 os campos denominados de Videeiro e Palas, adquiridos por expropriação amigável, os quais, por especiais condições de situação, de direitos de usos de águas que possuíam e outros requisitos, tinham para o presente e mais ainda para o futuro dos trabalhos da exploração florestal da bacia de Leonte para sul uma assinalada importância.

Nos terrenos anexos à antiga casa traçou-se em 1907 um pequeno parque, onde, respeitadas árvores existentes, se plantaram muitas outras, que pela sua diversidade tornam já interessante e procurado aquele ponto.

Plátanos, padreiros, bétulas — a *lenta* americana ao desafio com a *alba* indígena, mas não a levando de vencida — ulmos, freixos, cedros, ciprestes, pinheiros variados, abetos, taxódios, etc., e um belo grupo de *Sorbus aucuparia*, que de verão enche de alegria o local com a alacridade vermelha das suas bagas.

Nos campos de Videeiro, destinados a serem o *rond-point* futuro, veem-se executando trabalhos para a sua melhoração e apropriação ao que depois vier.

Ali já há um belo estábulo, e montureira adjunta, tudo construído de Fevereiro a Agosto de 1911 e ali terão porventura de vir a levantar-se outras edificações, quando imperiosas necessidades o exigirem, desde a turbina geradora de força e de luz, até as oficinas de uma grande mata.

Com muito terreno de cultura e muita água, já ali há um espaçoso viveiro, que sobejamente tem por onde se alargar, não faltando ricos pedaços de arborização espontânea da que a serra cria.

Noutro dia a caminhada à Pedra Bela, que sobranceira à povoação se levanta a 829 metros acima do nível do mar e a cêrea de 400 acima das Caldas do Gerez.

O trajecto faz-se pelo novo caminho florestal, que a tornou acessível a carros e automóveis. Começada em Agosto de 1907, veio a acabar-se, com várias paragens e recomeços, em 1913, com um percurso de 5:020 metros, desde a sua derivação da estrada nacional, no curral de Videiro, e um custo total de 5.260\$90(5).

O estudo e reconhecimento deste caminho foi dos últimos do falecido silvicultor Lopes Vieira, que o realizou com o regente em meia dúzia de dias em Julho de 1907, marcando em penedos a tinta vermelha vários pontos de referência, únicos orientadores que serviram para a sua construção.

Tal caminho é de alta importância, quer pelo lado de puro turismo, que sempre e em toda a parte deveu às matas, principalmente em montanha, um dos seus mais valiosos cooperadores na salvaguarda e vigilância de sítios pitorescos, quer pelo lado dos trabalhos, formando só por si uma extensa linha de rápido acesso para toda a encosta que corta, em casos de urgências a acudir.

Dia 3 de Maio, de homenagem ao Brasil, a Conferência suspendeu os seus trabalhos, dedicando-o a simples passeio para todo o dia, aquele



Festa da Arvore na Serra do Gerez

FONTE: A. Campos Monteiro (?), *O Gerez, estância de cura, de repouso e de turismo*, Porto, 1929, p. 50.

que mais deveria edificar a todos, a todos revelando a alma plena da serra nas suas mais amplas, mais vivas e mais pitorescas manifestações.

Do Gerez, por Vidoeiro à Preguiça, — antes da Preguiça ficando em Sicelo as duas grandes pereiras bravas — fecha-se a garganta que se abre depois sobre Leonte, onde em 17 de Agosto de 1888 o inspector dos Serviços Florestais enviado ao Govêrno, hoje director dos mesmos Serviços, presidindo aos trabalhos da Conferência, assinou com o administrador do concelho de Terras de Bouro o auto de posse da Serra para o Estado e onde desde os primeiros anos se levanta uma das mais antigas e elegantes casas dos nossos guardas.

O planalto de Leonte é o ponto culminante de duas bacias hidrográficas, despejando sobre o Homem e sobre o Cávado. Ali os dois *currais*, ou chãs de apascentamento de gados, de Vilar da Veiga e S. João do Campo, cada qual com seu característico *forno*, ou cabana de abrigo dos pastores e um outro tendo grandes carvalheiras aqui e ali, para sombra do armentio.

No curral de baixo, o do campo é o melhor exemplar de pilriteiro, de notável forma arbórea e, já recolhido na ravina, talvez o mais volumoso tronco de carvalho.

Pelo nascente a importante encosta de carvalhos, que um caminho ziguezagueia pelo Vidoal até a Borrageira, um dos pontos máximos de altitude, tendo a seus pés os primeiros zimbros, que só dali para cima se alastram; pelo poente o bífido do Cabril, de cuja altura, custosa de atingir, se alcança um dos mais vastos e mais apreciáveis horizontes.

Depois dum lado e doutro, a encosta sempre povoada de velho arvoredado ali pôsto pela maior fôrça de vegetação que já se viu em natureza; é a água da adega e depois Maceira, esta ravina, bifurcada ao fundo por outras que de águas o alimentam.

Lá está recolhido um bom curral de Rio Caldo e mais para cima, quási inacessível, um bellissimo teixo, que só para ser visto merecia as honras de um carreiro aberto para pé e para cavallo, a não ser que o torná-lo conhecido o fizesse correr riscós...

Cagademos, Rio do Fornó, águas vertentes para o rio de Maceira, que em Albergaria se funde com o rio Homem, que ali passa.

O rio Homem, irmão gémeo do Cávado — filhos dilectos da serra — quer quando vem da raiz das Abrótegas, o mais alto e dos mais vastos *currais* da serra ali por 1:500 metros, a que as asperezas de S. Miguel para cima e o bucolismo verdejante e sombreado da Ponte Feia a jusante dão um particularissimo encanto.

Albergaria, com a sua antiga casa florestal, centro do futuro na exploração da serra, a que as águas vizinhas darão eficaz ajuda, é uma clareira aberta, onde vários vales se vão fundir, dando ao local um conjunto de beleza apreciável.

Melhor local não se podia por isso escolher para levantar a espumante taça de saúdação à natureza e a todos quantos ali e ausentes, graduados e modestos funcionários das matas tem dado ao Gerez o seu trabalho e o seu amor.

Melhor local se não poderia escolher também para assinalar a passagem da Conferência, plantando-se, como plantadas foram, as árvores comemorativas: a do director, a dos silvicultores e a dos regentes.

Ali perto passou a *geira*, a velha geira dos legionários de Roma, de milha em milha assinalada pelos marcos que os imperadores lá puseram, para que a dureza da pedra rija de granito pudesse pelos séculos fora vincular a tradição, o poderio de uma das maiores raças da velha humanidade.

E eles lá estão de pé, acompanhando-nos sempre pela Bargiela adiante até as Bouças da Mó, velho barracão de madeira, nova casa de guarda florestal.

Já antes ficara a Portela do Homem, a histórica Portela que nos separa da Galiza, ali tendo o quartel do fisco e perto d'êle, de pé, majestoso e imponente, como sentinela vigilante, um dos mais perfeitos marcos miliários, de poucos anos depois de Cristo.

Passada a Bouça da Mó transpõe-se a linha extrema do Estado e encontra-se na desoladora nudez do monte baldio, nu de vegetação, quasi nu de terras em muitos sítios, deixando a rocha descarnada.

Sobe-se passado o Sarilhão, alto e profundo, onde a água rial faz ninho, sobre S. João do Campo, à vista de Vilarinho da Furna, aquela furna de Vilarinho onde se acantona um dos mais rudes povos da Serra, hoje um tanto conformados com a vizinha floresta.

Depois as duas ou três carvalhas e *forno* de curral, anunciando a vasta planura de Lamas—lá em baixo Covide, mais adiante Carvalheira, ao longe Brufe—com o morro da Calcedónia à vista, e galgada ela a cavalgata descendo de roldão pela encosta da Pereira ao observatório e viveiro, à Cascata das Caldas e à povoação das termas, onde toca a dispersar e aos preparativos para o último prândio confortador.

E aqui está alinhavada por mau cronista o que foi a excursão florestal da Conferência de 1916 à Serra do Gerez.—O Regente Florestal.
Tude Martins de Sousa.

II PARTE

A FESTA DA ÁRVORE NO GEREZ EM 1916

Por amabilidade da Comissão da Festa da Árvore do Gerez, foi ela transferida do dia em que ela se celebrou no resto do país para o domingo, dia 30 de Abril, em homenagem à Conferência Florestal.

Este facto, muito para notar, significa bem a disposição que no Gerez se tem vindo a criar em favor dos serviços de arborização da serra, que notavelmente aumentam à estância o seu valor.

Da referida comissão recebeu o director dos serviços florestais o seguinte officio, a que respondeu como adiante se transcreve :

Ex.^{mo} Sr.—A comissão promotora da patriótica Festa da Árvore, no Gerez, tem a honra de comunicar a V. Ex.^a que propositadamente e em homenagem à Ex.^{ma} Conferência Florestal que visita o Gerez, em 28 de Abril, resolveu transferir a festa para o dia 30 do mesmo mês; convida V. Ex.^a e toda a Ex.^{ma} Conferência Florestal a tomar parte na mesma festa, sessão solene e sarau.

Saúde e Fraternidade.

Gerez, 9 de Abril de 1916.—A Comissão, *Maria de Nazaré Barbosa*, professora oficial — *Palmira dos Anjos Barbosa* — *Ivo da Costa Ribeiro* — *Afonso Roberto Pinto*.

Ex.^{ma} Comissão Promotora da Festa da Árvore no Gerez.—A Comissão da Conferência Florestal do corrente ano económico de 1916, hoje reunida, muito reconhecidamente agradece a V. Ex.^a a cativante amabilidade com que se dignou honrá-la, transferindo para o dia 30 do corrente a sua patriótica Festa da Árvore, proporcionando-lhe assim o júbilo de a ela assistir.

Saúde e Fraternidade.

Lisboa, 17 de Abril de 1916.—O Presidente da Comissão, *Pedro Roberto da Cunha e Silva*.

Apesar da chuva constante, fez-se a plantação de quatro árvores na Avenida Central, onde já em anos anteriores houvera igual solenidade.

Para ali tinham vindo em animado cortejo as crianças da escola, acompanhadas de numerosas pessoas, que assim se associavam àquele acto de verdadeira propaganda pelo facto.

Após a plantação, fez-se uma luzida sessão solene, presidida pelo director dos Serviços Florestais, secretariado pela zelosa professora oficial Sr.^a D. Maria da Nazaré Barbosa e pelo inspector do círculo escolar, Sr. José Ferreira Amado.

Muito grande era o salão, apesar disso cheio das pessoas da terra e dos arredores.

Aberta a sessão, usou da palavra o Sr. Cerqueira Machado, como representante da classe silvícola, fazendo uma erudita conferência florestal adaptada à arborização das serras e à exploração pastoril; seguindo-se-lhe o silvicultor Mendes de Almeida, que proficientemente demonstrou as vantagens das árvores como fontes de acumulação de riqueza por uma constante, metódica e progressiva capitalização, descrevendo também as associações mutuais e escolares florestais; o regente Tude de Sousa, falando ao coração dos povos do Gerez, apelou mais uma vez para o seu amor pela serra e pelos trabalhos nela realizados e a realizar, pela certeza que, amando a serra e as árvores, concorriam para a maior valorização da sua terra e para o melhor futuro dos seus filhos.

O Sr. José Amado, que, como sempre, se quis associar à Festa da Árvore do Gerez, renovou os seus entusiasmos pelas árvores e pelo que estas festas representam de educativo para as crianças; a Sr.^a D. Maria Barbosa, incansável sempre e distintíssima professora, agradeceu como professora e como presidente da Comissão da Festa da Árvore a comparência da Conferência Florestal, perante a qual reafirmava todo o seu cuidadoso empenho em inentir no espírito dos seus pequenos alunos todo o affecto que se deve ter pelas árvores.

Por último o Sr. Ivo Ribeiro, como gereziano, que muito ama a sua terra e muito se empenha pelos seus progressos, vinha também com os seus agradecimentos à Conferência, por se encontrar ali, pedir aos seus patricios que auxiliassem com o seu bom critério toda a obra florestal de autênticos benefícios para todos.

Procedeu-se depois à distribuição de prémios e livros às crianças da escola, bem como à distribuição de bilhetes postais oferecidos pela Associação do Culto da Árvore e à entrega, em nome da mesma associação, de um prémio de 5\$ ao pastor que durante o ano maior interêsse e respeito demonstrar pelas sementeiras e plantações; seguidamente foi servido às crianças um jantar, o primeiro fornecido pela Cantina Escolar de João Soares, que naquela ocasião se inaugurava, benefício que era devido aos esforços do amigo do Gerez, o Deputado Sr. João Soares.

A noite celebrou-se um alegre sarau, cujo programa é o que se segue e em que todos os números, menos os da música, foram cumpridos por crianças e muito bem, como revelação de carinho, competência e zêlo da ilustrada professora do Gerez, D. Nazaré Barbosa.

FESTA DA ÁRVORE, NO GEREZ, EM 1916

SARAU

PROGRAMA

1.ª PARTE

1. — «Hino Nacional», pelo Grupo Musical.
2. — «O Sapo», de Vitor Hugo, por M. Barbosa.
3. — «Oração à Pátria», pelo menino João Barbosa.
4. — «Amor de Zíngaros», de Franz Lear, pelo Grupo Musical.
5. — «A Natureza», diálogo pelo menino João Barbosa e menina E. Ribeiro.
6. — «Aos estudantes», versos pelo menino Vitor Hugo Ribeiro.
7. — Versos, pela menina Eugénia Guimarães.
8. — «Paso Calle» de Gounod, pelo Grupo Musical.
9. — «Novas alvoradas», versos por P. Barbosa.
10. — «Diálogo sôbre botânica», pelo menino Vitor Hugo e menina Helena Ribeiro.

2.ª PARTE

1. — «Saudação à Bandeira», pelo menino João Barbosa.
2. — «Bohème», de Puccini, pelo Grupo Musical.
3. — «Canção das aves», soneto pela menina Úrsula.
4. — «Anjos», versos pela menina Laura Ribeiro.
5. — «Já sou rica», monólogo pela menina Elvira Ribeiro.
6. — «Serenata», de Schubert, pelo Grupo Musical.
7. — «Alma de Anjos», comédia por cinco meninas e um menino.
8. — Versos, pela menina Alice da Piedade.
9. — «Diálogo infantil», pelas meninas Helena e Eugénia.
10. — «Carmen», de Bizet, pelo Grupo Musical.

3.ª PARTE

1. — «Hino à Árvore», versos pela menina Maria de Jesus.
2. — «A esmola», versos pela menina Albina Matos.
3. — «Sphinx», de Francis Popy, pelo Grupo Musical.
4. — «Ser Homem», pela menina Virgínia Pereira.
5. — Passo Calle, «Do Gerez ao Buçaco», de Abílio Dias, pelo Grupo Musical.
6. — «Viva Portugal», soneto pelo menino João Barbosa.
7. — «Hino Nacional», pelo Grupo Musical.

Gerez, 30 de Abril de 1916.

Mais deve aqui dizer-se que o grupo musical é todo formado por professores primários do círculo escolar de Amares, que assim aproveitam útilmente os seus dias de descanso, dedicando-se à música, sendo

nesta iniciativa, como em outras, auxiliados pelo inspector Sr. José Amado, que ao seu círculo imprime uma notável acção pedagógica, cultivando ao mesmo tempo a melhor solidariedade profissional. E assim terminou o dia da árvore no Gerez, em 1916, deixando em toda a Conferência as melhores impressões de reconhecimento pela homenagem que lhe foi prestada, pelo agrado e pela maneira distinta com todos os actos decorreram. — O Regente Florestal, *Tude Martins de Sousa*.



Escola Primária do Gerez

FONTE: A. Campos Monteiro (?), *O Gerez, estância de cura, de repouso e de turismo*, Porto, 1929, p. 45.

O CONCELHO DE TERRAS DE BOURO NA OBRA DO P.^e JOSÉ CARLOS ALVES VIEIRA

por
LUÍS DA SILVA JÁCOME

Em boa hora o Dr. António Afonso pensou em inserir em «Cadernos de Cultura» as páginas da monografia «Vieira do Minho – Notícia Histórica e Descritiva» de José Carlos Aves Vieira que versam as freguesias de Rio Caldo, Vilar da Veiga e Valdozende. Na verdade, não é possível, hoje, refazer a história destas importantes freguesias do concelho de Terras de Bouro, até ao ano 1923, sem recorrer a essa monografia, recentemente reeditada em edição fac simile pelo «Jornal de Vieira». «Uma monografia singular no contexto dos livros do género». Assim a definiu Viriato Capela, na sessão pública do seu lançamento¹.

Isto, apesar da nota introdutória, que precede a apresentação destas três freguesias, assinada pelo Dr. Jayme Carvalho de Abreu e da transcrição de uma carta dos eleitores da freguesia de Vilar da Veiga, a pedir aos Deputados e Senadores da Nação Portuguesa a extinção do conce-

¹ «Uma obra que ultrapassa em rigor interpretativo o quadro de abordagem, estilo literário, tópicos tratados, o quadro normal em que se escreviam a generalidade das monografias portuguesas. Gostaríamos que este modelo de trabalho exercesse uma influência na maioria das monografias concelhias que víamos, e ainda vemos, em muitos casos, presas a meras descrições das respectivas freguesias seguindo um esquema que se repete de freguesia a freguesia, sem grandes enquadramentos ou interpretações de conjunto que permitiam uma visão mais ampla das terras e dos problemas locais.» In «O Jornal de Vieira», ano XXVIII, n.º 645, 1/04/2000, p. 11.

lho de Terras de Bouro e a integração daquelas freguesias no concelho de Vieira ².

Fazer coincidir os limites do concelho de Vieira do Minho com os da Comarca, nele fazendo integrar as três freguesias do Vale do Cávado do Concelho de Terras de Bouro que já pertenciam à Vieira Judicial e para as integrar na Vieira Administrativa e Concelhia e que por duas vezes, ainda que por pouco tempo (cerca de dois anos), haviam sido integradas no concelho de Vieira do Minho, foi, de facto, uma luta persistente do citado Dr. Jayme d'Abreu, acompanhado dos «povos do Gerez» que «passada a velleidade de vir a ser *concelho autonomo*, novamente pensaram em passar-se para o concelho de Vieira» ³.

A passagem destas freguesias pelos vários concelhos limítrofes, como aconteceu com muitas outras do nosso país, foi uma constante ao longo de vários séculos. Rio Caldo, que pertenceu ao Julgado Medieval de Bouro, nos alvares da Nacionalidade, pertenceu ao concelho de Santa Marta de Bouro até 1853, ano da sua extinção e da Comarca de Viana do Castelo. Passou depois para a Comarca de Vila Verde e hoje pertence à de Vieira do Minho.

Quanto a Vilar da Veiga, segundo os testemunhos citados por Alves Vieira, a sua origem parece ser bem mais recente. Famílias de Príncipes, Condes e Fidalgos, oriundos da Capital, terão pedido a sua integração na freguesia de Rio Caldo e dada a não aceitação «no seu grémio de gente de fora nem se matrimoniarem com mulher que não fosse das mesmas freguesias» ⁴, os primeiros habitantes de Vilar da Veiga foram incorporar-se na freguesia de Ventosa, do extinto concelho da Ribeira de Soaz ⁵.

² «Pedem os abaixo assinados a V. Ex.^{as} attem em que a vitalidade das importantíssimas Termas do Gerez, situadas nesta fréguezia, necessita de se ver livre do Município de Terras de Bouro, que só explora em seu detrimento para beneficiar as restantes freguezias desse concelho, e em que o Município de Vieira poderá desenvolvêr e auxiliar as mesmas Termas do Gerez, não só porque as suas circunstâncias económicas são mais desafogadas do que as do Município de Terras de Bouro, mais ainda porque em Vieira ha um punhado de homens que com afincio e inteligencia teem promovido nestes ultimos anos o desenvolvimento e progresso da sua terra. Covas - sede do concelho de Terras de Bouro - será sempre a sertaneja Cóvas (...). Alves Vieira, José Carlos, *Vieira do Minho, Noticia Histórica e Descritiva*, Ed. «O Jornal de Vieira», Braga. 2000, p. 451.

³ Alves Vieira, *o.c.*, p. 450.

⁴ Alves Vieira, p. 482.

⁵ «Andam fóra do nosso concelho, ainda que pertencentes á Comarca de Vieira, as 3 freguezias d'Alem Cávado: Valdozende Rio Caldo e Vilar da Veiga, com a povoação do Gerez», Alves Vieira, *o.c.*, p. 446.

«Não se obtendo essa autonomia, como era de crer, todos concordam em trabalhar, com dedicação e denoto, pela união a Vieira das 3 freguezias da margem direita do Cávado» (*idem*, p. 449).

Também as Caldas do Gerês, há cerca de 150 anos, seriam, na estação do Inverno, uma aldeia fantasma com as suas reduzidas habitações abandonadas. «Acabada que fosse a estação termal, se fechavam as casas e todos se retiravam aos seus lares; ninguém ficava lá de Inverno»⁶.

Mas apesar destas referências pouco abonatórias das boas intenções do autor de *Vieira do Minho, Notícia Histórica e Descritiva*, que parece defender a extinção do Concelho de Terras de Bouro, o editor de Cadernos Culturais, manifestando uma elevada isenção, não quis ignorar este contributo para a riqueza histórica e cultural do concelho.

Mas o P.^o Alves Vieira, verdadeiro poeta, cantor das belezas naturais e das virtudes do povo deixa-nos nestas páginas uma notícia descritiva, mais do que uma notícia histórica, numa descrição neo-romântica que segue de perto o modelo descritivo de Almeida Garrett e dos neogarrrettianos⁷; um verdadeiro cultor dos campos das árvores e da natureza: «ainda que outras consolações não tivéramos em Valdozende, bastava-nos a de ver as lindas e sedutoras oliveiras por todos os cantos e recantos» ... «por entre a penedia, cresce pujante e graciosa a árvore da paz, de azeitona já ao tempo quasi madura»⁸.

⁶ Alves Vieira, *o.c.*, p. 483.

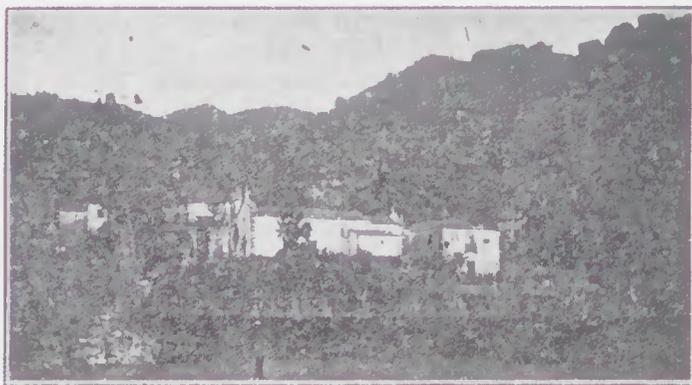
⁷ O paradigma literário e descritivo desta obra, é aliás bem patente: *As Viagens da Minha Terra* de Almeida Garrett, as *Jornadas em Portugal* de Antero de Figueiredo. *A Notícia Histórica e Descritiva* é a viagem pela terra de Vieira, um descritivo e literário que Garrett e muitos neogarrrettianos usam nas suas descrições de viagens pelo país» *O Jornal de Vieira, o.c.*, p. 11.

⁸ Alves Vieira, *o.c.*, p. 453.

Valdozende, Rio caldo e Villar da Veiga

(Circumscripção judicial de Vieira)

Como se depreheende dos três capitulos em que, a páginas 299, dividimos a 2.^a parte d'esta obra, não era nossa intenção estular as três freguezias de Valdozende, Rio caldo e Villar da Veiga, visto só judicialmente pertencerem a Vieira, pois que administrativamente estão subordinadas a Terras de Bouro.



(195)

Valdozende. — Igreja parochial.

Lembrando-nos, porém, que tão grandes esforços teem empregado, e continuam empregando, para se annexarem a Vieira, entendemos ser dever nosso, e até como prova de reconhecimento, inclui-las nesta monographia, e por isso assim o faremos.

Ao Sr. Dr. Jayme d'Abreu, a quem este concelho deve relevantes serviços, e este livro muitas notas que o seu esclarecido espirito e o seu amôr á terra natal contribuíram para tornar interessante, devemos os apontamentos que se seguem sobre a lucta das 3 freguezias para conseguirem a sua annexação a Vieira, e por isso aqui lhe deixamos o nosso agradecimento.

«Andam fóra do nosso concelho, ainda que pertencentes á comarca de Vieira, as 3 freguezias d'Alem Cavado: Valdozende, Riocaldo e Vilar da Veiga, com a povoação do Geraz.

E, todavia, estas freguezias formam como que um prolongamento natural do concelho de Vieira, pela dependencia d'ele, a que estão ligadas por uma soberba ponte: communhão de interesses e relações commerciaes; afinidade de caracteres ethnicos, agricolas e climatologicos.

De cá e de lá, o mesmo céu, o mesmo vale, o mesmo rio a serpentear aos pés.

As aldeias, vilares, casais e choupanas erguem-se em frente, quasi ao alcance da voz, numa e outra margem, contemplando-se a todos os instantes, justificando plenamente, esta simpatia mutua, d'origem, entre nós e as povoações limitrofes do Cavado.

E', por isso, sincero e mais arreigado, de dia para dia, o desejo de vivermos unidos, formando um unico organismo administrativo, quér como comarca, quér como concelho.

Esta tão legitima aspiração foi, em parte, satisfeita em 12 de novembro de 1875, graças á manifesta influencia politica e moral de Guilherme d'Abreu, senão tambem ás suas estreitas relações d'amizade com o egregio ministro que referendou o respectivo decreto (Barjona de Freitas).

Criou-se, então, a comarca de Vieira, com todas as freguezias do concelho e as de Vilar da Veiga, Riocaldo e Valdozende, mantendo-se indestrutivelmente, esta autonomia, desde ha 49 anos.

Já em 1867, tambem por influencia de Guilherme de Abreu, sendo igualmente Barjona de Freitas ministro da justiça, se havia decretado não só a criação da comarca, assim constituida, mas até a incorporação no concelho das mencionadas freguezias.

Era a solução integral do nosso desideratum.

Essa medida, porem, com a divisão judicial e administrativa de que fazia parte, ficou sem effeito, devido aos tumultos de 4 de janeiro de 1868, no Porto e Lisboa (Janeirinha).

Até que em 14 d'agosto de 1895 conseguiu o mesmo Guilherme d'Abreu, pelo ardor com que advogou a causa junto do ministro do reino, sr. João Franco, seu correle-gionario, como regeneradores que ambos eram, alem de amigos muito particulares, a incorporação no concelho de

Vieira, pela segunda vez, das 3 freguesias na margem direita do Cavado.

Assisti á sessão solene nos Paços do Concelho, celebrada, por tal motivo, dois dias depois, e presidida pelo sr. dr. Alvaro de Magalhães, na qual tive a honra de falar: sessão congratulatoria e de homenagem, que terminou com grande entusiasmo e por todos os assistentes acompanharem o deputado do circulo, Guilherme d'Abreu, á casa de sua residencia, num percurso de 2 quilometros.

O concelho apenas gosou a sua plena integridade durante cêrca de 2 anos, desde que se extinguiu até que foi restabelecido, por um ministerio progressista, o actual concelho de Terras de Bouro: essa anomalia que para aí vegeta miseravelmente, como um parasita inutil, nada produzindo de beneficio e só cuidando em explorar, até á medula, as suas mais que heterogeneas freguesias, irradiadas por 3 comarcas diversas (Vieira, Amares e Vila Verde).

Ao contrario da divisão administrativa, a judicial atendeu ás comodidades dos póvos e distancias comparativas entre as sédes das freguesias e cabeça das comarcas: distancias menores, entre Vieira e aquelas sédes, alem de servidas por uma excelente ponte e estrada distrital (uma e outra devida aos infatigaveis esforços do mesmo deputado); enquanto que as interceta de Covas a abrupta montanha do Formigueiro, através carreiros inovios, por vêzes inacessiveis, com as neves ou torrentes de inverno.

O cidadão que tiver a infelicidade de ser preso em qualquer ponto das referidas 3 freguesias e pretenda livrar-se, por meio de fiança ou termo de residencia, tem de palmilhar esses carreiros, para a administração de Covas e d'esta para Vieira, o minimo de dois dias, quando esteja bom tempo e não lhe suceda ter de esperar por ele, durante uma semana e mais.

Entretanto, cumpre a pena de prisão porventura por alguns dias, ainda que venha a reconhecer-se que estava completamente innocente!

Se acontece tratar-se d'uma venda de bens de raiz, em Riocaldo, Vilar da Veiga ou Valdozende, as partes interessadas tem de vir á Conservatoria, para se informarem da situação juridica dos predios e requererem certidão, quando estejam descritos; vão depois a Covas, satisfazer a contribuição de registo; e voltam a Vieira, para celebrar a escritura ou documento bastante, perante o notario.

*E' preciso que haja muita necessidade de vender!
Como estes, muitos outros casos tanto ou mais anor-
mais.*

Pela implantação do novo regime no concelho, encontrando ainda bem gravadas as pisadas de meu pae, desvaneceu-me poder e dever segui-las de pleno acôrdo com as minhas ideias politicas de velho republicano, mas em absoluto respeitador de quanto de bom, honroso e belo nos legou a monarquia.

Vi, tambem, que o enfésado e mais que raquitico concelho de Terras de Bouro não podia, por deficiencia da população e recursos economicos, subsistir independentemente d'aquelas 3 freguesias, em plena conformidade com a orientação da lei administrativa actual.

Esta lei — n.º 621, de 23 de junho de 1916 — não permite decretar, pelo poder legislativo, mudança de freguesias, quando o concelho d'origem não fique, pelo menos, com 10:000 habitantes e com os recursos economicos necessarios para satisfazer os seus encargos obrigatorios, precisando, ainda, de ser requerida por um terço e votada por dois, não menos, dos respectivos cidadãos eleitores.

Alem do concelho de Terras de Bouro não atingir, sequer, aquele minimo demografico, é manifesto que a falta de qualquer das mencionadas freguesias, de que vive principalmente, o deixaria privado de tais recursos.

Impunha-se, assim, a unica solução: extinguir esse organismo administrativo, por influencia dos 3 concelhos de Vieira, Amares e Vila Verde e acôrdo das freguesias a incorporar em cada um d'elles.

Foi por isso, que, como presidente da comissão municipal de Vieira, me diriji em novembro ou dezembro de 1910, ás municipalidades de Vila Verde e Amares, propondo-lhes uma sessão conjunta na séde do concelho inter-medio, para assentarmos na melhor efectivação do nosso comum desejo.

E oficiêi, tambem, ás juntas das nomeadas freguesias, convidando-as a pedir a sua anexação ao concelho de Vieira.

Do presidente da comissão municipal d'Amares veio um telegrama, acedendo á proposta da sessão conjunta e designando, para esta, determinado dia e hora.

Mas a sessão não chegou a realizar-se, em consequencia de telegramas ultimos da mesma proveniencia, apelan-

do ora para um plebiscito, ora para uma representação dos povos interessados.

E, entretanto, tratei de consolidar as mais que favoráveis disposições com que as 3 juntas receberam o meu convite, indo ao Gerez, em missão de propaganda pela mesma causa, acompanhado do vereador e meu amigo sr. Augusto Faria de Sales.

Encontrei-me ali, em fins de Janeiro de 1911, com diversos elementos em destaque nas mesmas freguesias, entre elles o falecido e também meu amigo sr. Ivo Ribeiro, que foi administrador d'aquelle concelho de Terras de Bouro: concluindo, após uma animada e cordeal discussão, por aguardar o resultado da muito platonica espetativa que alguns mantinham ainda, feita a promessa d'um concelho autonomo no Gerez.

Não se obtendo esta autonomia, como era de crêr, todos concordaram em trabalhar, com dedicação e denodo, pela união a Vieira das 3 freguesias da margem direita do Cavado.

Em 1918, voltando á camara municipal, apresentei um programa largo de melhoramentos de proxima realisação e medidas a tomar no solicitar, do qual fazia parte o seguinte numero:

«Convi-lar as freguesias já pertencentes á comarca, «mas que estão fóra do concelho, a fazerem parte d'este, «sem agravamento da contribuição municipal; e despertar «nos concelhos d'Amares e Vila Verde o desejo de fazer «rem igual conrite ás freguezias de Terras de Bouro tam- «bem já pertencentes a cada uma das comarcas d'aqueles «nomes».

Só no ano immediato, por ocasião dos cumprimentos officiais ao sr. Presidente da Republica, me foi possivel reunir, no gabinete da direcção do estabelecimento termal, por obsequio d'esta, os principais proprietarios, comerciantes e industriais do Gerez, a quem expôs o motivo da reunião e a muito carinhosa proposta de esponsais que o concelho de Vieira me encarregara de fazer ás freguesias a que, desde 1675, nos prendiam indestrutíveis laços de organisação judicial.

O sr. P.^o Paiva, director do Hotel do Parque, tomando seguidamente a palavra, foi gentil, muito claro e terminante, pelo decidido e entusiastico apoio que prometeu dar-me.

De novo, porém, surgiu o sonho da autonomia do Gerez, invocndo por um dos proprietarios do Hotel Ribeiro e

com a agravante de se pretenderem estabelecer diferenças entre gerezianos nativos e adotivos.

Acalmado este esbôço de conflito, reconheci, como declarei, que o nosso tão auspicioso consórcio ainda não estava para já, tendo de continuar esperando que desaparecesse, por completo, a espuma da bola de sabão da autonomia gereziana.

E, assim, permaneceu este caso de tão vital importância, até que saí da camara municipal, em fins de 1923.

Lanço estas notas a pedido do meu illustre amigo sr. P.^e José Carlos Alves Vieira, convencido, como sempre, de que o problema pôsto só tem a solução que eu procurava e meu pae conseguiu, por algum tempo».

Dr. Jayme Rodolpho de Carvalho Abreu.

O sr. Dr. Jayme d'Abreu ahi nos narra, em primorosa linguagem, o que, relativamente ás três freguezias — Valdozende, Rio-caldo e Villar da Veiga —, se passou até fins de 1923 para conseguirem a sua annexação ao concelho de Vieira.

Pouco mais temos a acrescentar.

Apenas que, em começo de 1924, a freguezia de Villar da Veiga, á qual pertence a povoação do *Gerez*, pondo de parte a velleidade de vir a ser *concelho autonomo*, novamente pensou em passar-se para o concelho de Vieira. E, nesta esperança, apresentou no Senado e Camara dos Deputados a seguinte representação :

Ex.^{mos} Snr.^s

Deputados e Senadores da Nação Portuguesa

Os abaixo assinados, cidadãos eleitores pela fréguezia de Vilar da Veiga, concelho de Terras de Bouro, veem perante V. Ex.^{as} pedir a desanexação da sua fréguezia do concelho de Terras de Bouro e a sua anexação ao concelho de Vieira do Minho.

E fundamentam este seu pedido com a posição topografica da sua fréguezia ; Com a distancia a que ella está da séde do concelho de Vieira, que não é mais de — 13 kilómetros — e a distancia a que está da séde do concelho de Terras de Bouro que é superior a — 34 kilómetros — e em rumo oposto ao da sua comarca de Vieira ; A inconveniencia da separação do poder administrativo do judicial ; A interposição entre ella e a séde do concelho de Terras de Bouro da ingreme montanha do Formigueiro que lhes interceta as relações e a afinidade e lhes distancia e dificulta as communicações.

Pedem os abaixo assinados a V. Ex.^{as} attem em que a vitalidade das importantissimas Termas do Gerez, situadas nesta fréguezia, necessita de se ver livre do Município de Terras de Bouro, que só as explora em seu detrimento para

beneficiar as restantes freguezias dêsse concelho, e em que o Municipio de Vieira poderá desenvolvêr e auxiliar as mesmas Termas do Gerez, não só porque as suas circumstancias económicas são mais desafogadas do que as do municipio de Terras de Bouro, mais ainda porque em Vieira ha um punhado de homens que com afino e intelligencia tem promovido nestes ultimos anos o desenvolvimento e progresso da sua terra. Cóvas — séde do concelho de Terras de Bouro — será sempre a sertaneja Cóvas, como era ao tempo em que o Homem lhe escavacou, pela vez primeira as fraldas do comoro, em que solitaria se dependura. Cóvas, quér lhe continue a pertencer esta freguezia de Vilar da Veiga, quér não, será sempre a mesma, como o Sahará sempre foi e hade ser o deserto do Sahará.

Acresce ainda que os povos da freguezia de Vilar da Veiga, oprimidos como estão, nunca deixarão de pugnar ardentemente pelos seus comodos pesscais, locais e económicos, e estes aconselham-os a não descansar enquanto os não conseguirem.

O Municipio de Terras de Bouro e os povos desta freguezia são dois elementos heterogenios.

Pelos motivos expostos, e porque é da mais elementar justiça dar liberdade a cada um para se acolher debaixo das telhas que melhór o abriguem e mais conforto lhe dispensem, é que os abaixo assinados por si, e como representante dos povos da freguezia de Vilar da Veiga a sua Junta de Freguezia, vem perante V. Ex.^{as} pedir atendam esta justissima pretenção.

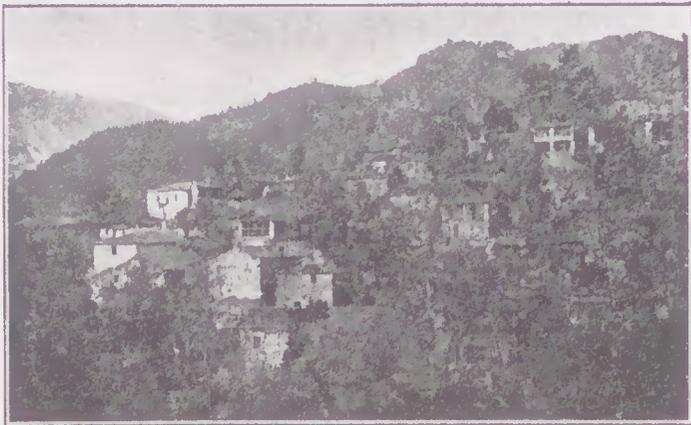
E. R. J.

A Junta de Freguezia.

Vilar da Veiga, 21 - I - 1924.

(Seguem-se as assinaturas dos cleitores da freguezia e documentos).

Agora... o remedio é esperar que os *paes da patria*, tomando em consideração o pedido das três importantes freguezias e da próspera povoação do Gerez, convertam em realidade a velha aspiração d'esses povos, ligando-os a Vieira.



(199)

Villar da Veiga. — Vista parcial.

Valdozende. — Orago : Santa Marinha

Valdozende é uma modesta freguezia acantonada á sombra de ingreme serra e estende-se até ao Cavado, fronteira a Caniçada.

Não nos consta que tenha importancia historica. A sua importancia vem-lhe principalmente de ficar bem situada, exposta ao sol, e de ser atravessada pela estrada do Gerez.

Trepamos para a estrada a começar do rio. Tramontada a soberba ponte de Parada, de cimento armado, enveredamos pelos pinheirões que cobrem a encosta, entresachados com algumas robustas oliveiras, que parecem não estranhar a terra brava e inculta.

Uma vez na estrada, seguimos por ella, sempre admirando bellos e robustos exemplares de oliveiras e de laranjeiras. Com grande admiração nossa, a azeitona já está madura, e são começos de Novembro ; as laranjas também já começam a *apintar*, a doirar-se levemente.

Logo adiante desperta a nossa hilaridade um reclame de loja de negocio que pôde servir de modelo. Na parede, entre a esquina da casa e a 1.^a porta, escreveram á mão :

Merçaria. i Bons

Vinhos

Entre a 1.^a e 2.^a porta, o chamariz melhor, em duas linhas:

Barato

i bon ?

O que tem mais graça é o ponto de interrogação.

A poucos metros uma casa que deve ser escola. Mas se o é, estava ás moscas naquella dia, como tantas escolas nossas. A casa ergueu-se em obediencia ás determinações testamentarias de João Baptista Garcia, que para tal fim deixou legado.

Nunca tínhamos passado por alli. O que é novo — disse uma poetisa italiana — tem sempre para nós o attractivo irresistivel de um iman. Por isso o nosso olhar ia sempre inquieto na ancia de descobrir bellezas, de se saciar de bellezas.

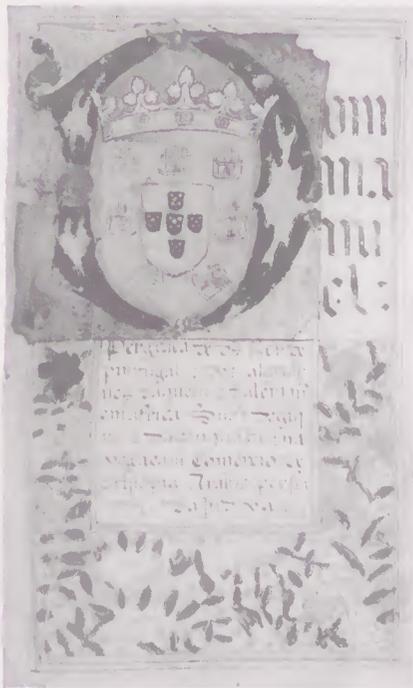
E lá está a igreja parochial! Está realmente no sitio mais airoso e lindo, mais batido do sol, mais bafejado das brisas montesinas. Alvejando ao longe, como mensageira de paz e

amor que é, o nosso coração fixou-se logo nella como em oasis amigo capaz de o desanojar de qualquer trêdo nevoeiro que o ensombrasse. Na igreja e na Cruz, como em seu proprio centro, esteve e está sempre o balsamo para todas as feridas, o acolchoamento para todos os desamparos. . .

Trepamos afoitos á alegre encosta, que o verde escuro das oliveiras tornava festiva e promettedora. A oliveira ! Ainda que outras consolações não tiveramos em Valdozende, bastava-nos a de vêr as lindas e seductoras oliveiras por todos os cantos e recantos. A montanha alteia-se soberba e imperiosa logo por cima da povoação ; mas mesmo lá, por entre a penedia, cresce pujante e graciosa a arvore da paz, de azeitona já ao tempo quasi madura. A oliveira ! Como é bello vê-la nos campos, nos valles, nas altas montanhas, em todos os recessos das nossas modestas aldeias. . .

O templo catholico alveja lá em cima, como doce arco-iris de bonança e esperança. Desperta logo a nossa curiosa attenção de impenitentes *dilletants* do bello o campanario do adro, insulado num recanto. Porque Valdozende é a unica freguezia da comarca de Vieira que pôde ufanar-se de ter dois campanarios : um aggregado á igreja, outro installado pomposamente na esquina do adro.

Este sobretudo chama a nossa attenção. O sino é grande e bem afinado — como quiz provar, tangendo-o, um dos nossos amigos. Mas o mais interessante é que assenta num campanario composto de duas macissas columnas de pedra, que se vão adelgacando suavemente até chegar ao alto, e é coberto por um zimbório que nos faz lembrar — oh ! profanação ! — o celeberrimo zimbório do Vaticano, em Roma ! A igreja, em que entramos, nada tem de attraente nem de artistica. E' como a maio-



(22) Fac-simile do frontespicio do livro do foral outorgado por D. Manuel I

ria das nossas egrejas. Parece que sobre ellas passou uma rajada de insanía, que constringeu a mudar *de fond en comble* a sua *facies* artistica. Dir-se-hia que aquelle isolamento medonho e triste em que a igreja parece adormecer, é como que um real reflexo da vida soturna e má de tantas almas que alli vão orar só com os labios, esquecendo-se de offerecer a Deus o que mais vale — o coração.

Essa rajada de insanía de que falamos, deitou abaixo muita obra de arte e muita coisa de valor. Commetteram-se em quasi todas as nossas egrejas verdadeiras barbaridades, substituindo as talhas antigas, cheias de requintes de arte, ornadas a capricho, e segundo moldes symbolicos que falavam ao coração christão, por columnas despidas e lisas, por ornatos chôchos e sem graça, por decorações que fazem lembrar por vezes as insossas decorações dos salões fidalgos d'aquellas eras, onde se estadeiava toda a immundicie e podridão dos fidalgos e dos que o não eram.

Depois de ter focado a igreja, que offerece um bello aspectó, mettemo-nos de novo no *Motobloc*, na dulcissima espectatiua de mais bellezas.

A encosta segue sempre aspera e pedregosa, da estrada para cima sobretudo. Mas nunca falta, quer de abaixo, quer de cima, a bella e seductora oliveira, o encanto de nossos olhos, a grandissima riqueza que muitos lavradores desprezam com ignorancia convisinha da loucura...

Lá ao fundo muge o revolto Cavado, já empolado das primeiras cheias. Vemos o *Poço da Retorta*, retratado ha mais de um anno: e num relance, estendemos a vista por Soengas, por Pandosas, por todas aquellas fertilissimas terras ainda na vespera palmilhadas pelo nosso actual photographo, sempre gentil, e pelo seu fiel secretario. No Cavado, a certa altura, vemos um grupo de penedos completamente isolados no meio das aguas; é uma illhota, que não deixará de ser *habitada*... por alguma ratazana.

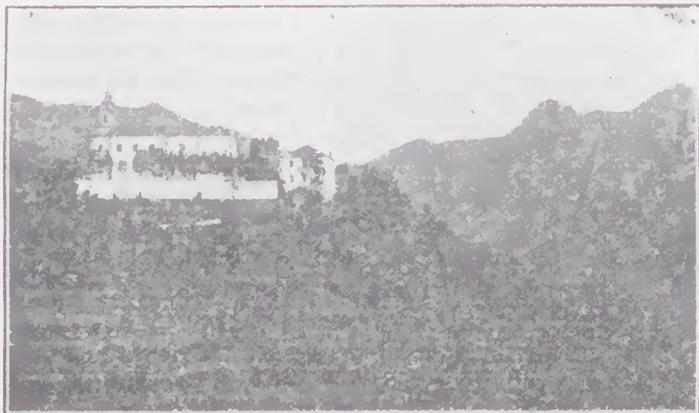
Logo além a ponte de Rio-caldo. E em frente aquella bella ermidá da Senhora da Conceição, de S. João da Cova, que de qualquer parte que a vejamos, nos leva prezos olhos e coração.

Mas agora é tempo de dar a vez a outra freguezia.

Rio-caldo. — Orago : S. João Baptista

Grande e gloriosa freguezia esta, aonde tem acudido milhares e milhões de pessoas em piedosa romagem. E' que fica no perimetro d'ella o famosissimo Sanctuario de S. Bento da Porta-Aberta, em torno do qual, de par com singelas e tocantes manifestações de piedade, se têm degladiado numa lucta de morte as paixões humanas levadas ao requinte.

Muito houvera que dizer sobre Rio-caldo, cujo solo uberri-mo e posição feliz a tornam um verdadeiro jardim de Ceres e Pomona ; mas nem nos sobeja espaço, pois o livro não pôde ter as ensanchas, que desejamos, nem tempo, porque elle deve ser posto á venda dentro de um mez, e ainda falta tanto que imprimir !...



(198)

*Rio-caldo. — S. Bento da Porta Aberta.
O Sanctuario visto de lado.*

Começaremos porém pela igreja parochial. A igreja para nós christãos é sempre o centro de uma freguezia.

Exteriormente é como todas as igrejas do nosso Minho, simples, sem arrebiques de estylo, caiada. Tem um defeito capital : virada para a serra, é difficil que lá entre o sol, e por isso deve ser muito fria. O actual parochio chegou a querer mudá-la, e começou as obras com a porta principal para o nascente ; mas os seus inimigos, que o eram tambem do progresso e do bem da sua terra, demoliram tudo o que elle fez, forçando-o por isso a desistir do piedoso intento. Rio-caldo é devéras uma fornalha

sempre accêsa, onde o fogo das paixões politicas facilmente pôde ateiar grandes e perigosos incendios.. «

A igreja dentro, embora o não pareça á primeira vista, é um *gioiello* da arte. A talha, embora não accuse um estylo particular, e seja um *embroglio* de varios estylos, merece contudo uma desvelada attenção. Porque embora não seja uma coisa completa, é uma coisa muito para se ver. Tanto no altar-mór, como nos que ficam abaixo do arco-cruzeiro, podemos admirar gigantescos amontoados de talha que por vezes nos dão a impressão de uma coisa pezada, esmagadora, sombria... Mas não são nada d'isso : São pedaços do coração christão d'outras eras, são restos de uma arte divinal que não tem hoje imitadores nem discipulos, são os ultimos lampejos de uma civilisação a que os *prohombres* de hoje cynicamente voltam as costas...

Muitos criticos de arte só se fixam nas imagens dos altares, pouco se lhes dando, ou nada, da obra de talha. Pois deviam olhar para isto com olhos de vêr ; porque lá pelo estrangeiro são rarissimas as obras com talha comparavel á de qualquer das nossas egrejas sertanejas. E' a tal censura que o Antonio Bandeira faz aos *pés de chumbo*, para os quaes só é bom o que é estrangeiro.

Subamos a S. Bento. E' lá o refugio de todo o Portugal crente. O templo, escondido num valle triste, é a alegria de toda uma nação que alli acode alvoroçada em todas as estações do anno. Estes marcos milliaros da vida espiritual ficam bem nestas montanhas escarpadas e solitarias : ahi a alma, mais visinha do céu, mais desagrilhoada das penas materiaes, pôde voejar livremente em doces arroubos de amor, pôde communicar mais facilmente com o seu Deus, e tem maior somma de energias para se levantar acima da materia e para se corroborar na convicção de que tudo pôde alcançar por meio dos Santos e d'aquelle Deus, do Qual tudo na solidão lhe fala : tudo, o silencio, a paz, a solemnidade poetica da solidão, o doce isolamento em que a alma pôde dizer-se só e chorar só as maguas que o mundo não comprehenderia.

O poeta pintou com mão de mestre aquelle bello mancebo que, empunhando uma bandeira festiva e linda, ia cantando atravez dos Alpes o seu *Excelsior* de amor e de gloria.

Sae-lhe ao encontro um ancião que lhe diz :

Não passes.....
 Negra a tormenta já ruge péto,
 Ronca a torrente larga, sem fim !

Logo depois uma virgem brada-lhe :

Pára..
Repousa a bella fronte cansada !

E um aldeão :

Teme os pinheiros d'essas florestas !
Teme a avalanche !

E ao ancião cheio de experiencia, á virgem cheia de bellezas, ao aldeão cheio de força, o mancebo só responde : *Excelsior!*

E firme no seu proposito, caminha, caminha sempre, incansavel Ashaverus de um ideal sublime. E o seu mote é sempre o mesmo até á hora derradeira.

Bellas estrophes, as do poeta norte-americano (1) :

*At break of day, as heavenward
The pious monks of Saint Bernard
Uttered the oft-repeated prayer,
A voice cried through the startled air,
Excelsior !*

*A traveller, by the faithful hound,
Half buried in the snow was found,
Still grasping in his hand of ice
That banner with the strange device,
Excelsior !*

*There in the twilight cold and gray,
Lifeless, but beautiful, he lay ;
And from the sky, serene and far,
A voice fell, like a falling star,
Excelsior !*

Este heroico mancebo que cae fulminado, e ainda depois de morto nos grita, pela bandeira que segurava na mão algida, o mote animador: *Excelsior!*, é o prototypo frisante da Igreja, sempre eternamente nova, que não cessa de nos gritar : «Corá-

(1) H. W. Longfellow.

ções acima! nada de desanimar, para a frente é que é o caminho!»

Oh! a doce suggestão! Para a frente, sempre para a frente! Para cima, sempre para cima! Ha empecilhos, ha trevas, ha contrariedades? Para a frente, para cima, sempre, sempre, sempre!

E a proposito vem o dizer do poeta italiano, que nos diz pela bocca do ferreiro:

*Duro è il ferro, ma più dura
È la nostra volontà.
Piglia, o ferro, la figura
Che il mio pugno a tè darà!*

Por mais dolorosas e terriveis que sejam as penas d'esta vida, todas as pôde superar a nossa vontade quando nortejada por um ideal sublime, como é o nosso, ó christãos! Deixae esbravejar os chamados espiritos fortes: a tempestade passa, elles passam tambem, e só a Igreja fica de pé.

Lembra-nos a este proposito uma pagina admiravel de Alexandre Dumas. E' quando elle descreve, num estylo que parece lapidado em bronze, as invasões dos barbaros. Depois de se referir em largas pinceladas a cada uma d'ellas, o vigoroso escriptor conclue assim:

«Depois, quando o vento dispersou a poeira que a marcha de tantos exercitos tinha levantado; quando o fumo de tantas cidades queimadas se confundiu nos ares; quando os vapores que se elevavam de tantos campos de batalha cahiram sobre a terra á guisa de orvalho fecundante; quando, numa palavra, os olhos puderam distinguir alguma coisa no meio d'esta immensa confusão, viram povos jovens e renovados que se apinhavam em volta de alguns velhos, que numa mão seguravam o Evangelho, na outra a Cruz. Esses velhos eram os Padres da Igreja; estes povos eram os nossos avós».

A historia repete-se. Hontem, como hoje, só o Christianismo pôde oppôr barreira firme á invasão do paganismo, cujos tentaculos venenosos se estendem e alargam, com criminosa persistencia, por todo o mundo. Só elle pôde quebrar arestas, dulcificar torturas, cicatrizar feridas. Tendes uma documentação authentica da affirmativa nesse bello Sanctuario de S. Bento, que no sopé de rispida montanha nos alveja.

Entremos. E' vasto e grandioso, cheio de luz e de vida. Logo de principio lhe notamos um grande defeito: tem poucos confessionarios. Num templo aonde acodem por anno dezenas de milhares de peregrinos, deve ser grandissimo o contingente das pessoas que queiram honrar o Santo por uma bôa Communhão. Haverá alli essa facilidade? Lá fóra, nos grandes sanctuarios por occasião das romarias — que na Italia chamam *sagre*, isto é, coisas sagradas — os confessionarios estão sempre apinhados de gente. E os sacerdotes nunca se esquivam a esse serviço santo. Alguns, nos momentos falhos de penitentes, accendem a luz electrica, que ha nos confessionarios, e rezam o seu Breviario; chega um novo penitente, e não precisa de ir ao «faz favor». E se o sacerdote não está, o penitente toca uma campainha electrica, que dá para a sacristia, e o sacerdote não tarda a apparecer.

Mas deixemos isso, não vá este livro parecer um sermão.

Os altares são todos modernos, mas lindos e simples. A' direita de quem entra ficam o de S. José e o do S. Coração de Jesus: á esquerda o de Santo Antonio e o de Nossa Senhora da Conceição. O altar-mór, como é cívico, é consagrado ao glorioso Patriarcha S. Bento.



182 Rio de Janeiro. — Fachada do famoso sanctuario de S. Bento da Porta-Aberta.

Vimos na capella-mór uma innovação que agradavelmente nos surprehendeu: de um e outro lado ha uma faixa de azulejos representativos de passos da vida de S. Bento. Em dois dos quadros ha umas inscripções em latim. Pena foi que a inexperiencia do artista errasse uma palavra latina.

Os dois textos são da Escriptura. Ei-los:

Biati
qui habitant
in domo
Tva
Domine!

—
Domvs
Mea domus
Orationes
Vocabitur

Depois de feita breve visita ao Santo, retiramos para Villar da Veiga.

Notas e informações

Sobre esta freguezia de Rio-caldo manda-nos o sr. abbade d'ella os seguintes informes, que mui do coração agradecemos.

«Esta freguezia, com uma população aproximada de 850 almas, com 220 fogos, acha-se encravada entre os montes que lhe ficam a nascente e norte, e os rios de Freitas e Cavado, que a alimentam pelo sul e poente.

Pelo lado do rio de Freitas é a freguezia servida por quatro pontes, que são: a da Seara, de Parada, de Sá e de Paredes, todas de antiga construcção, as quaes lhe abrem franca passagem para os montes da serra do Gerez e do Trabaço, que lhe são fronteiras. Modernamente, pelas Obras publicas foram construidas a ponte que a liga a Villar da Veiga, peia estrada que segue para o Gerez, e, na mesma data, a ponte do Cavado, que a põe em communicação com os povos do concelho de Vieira, margem esquerda do mesmo rio. Tem pois esta freguezia seis pontes para seu uso e serviço

O edificio da cgreja matriz manifesta obra de restauração promovida talvez pelo Abbade José de Araujo Tavora, em tempo de Sua Alteza o Senhor D. José de Bragança, então Arcebispo da Diocese, ahí por 1730.

A irregularidade da construcção accusa a alludida restauração, onde apparecem juntos traços de desenho e ornatos de estylo e epochas differentes.

Não ha nesta freguezia notabilidades, que mereçam menção, a não ser o sanctuario de S. Bento da Porta Aberta. Sobre a origem d'esta capella, temos de accetar a tradição e o costumeiro da freguezia.

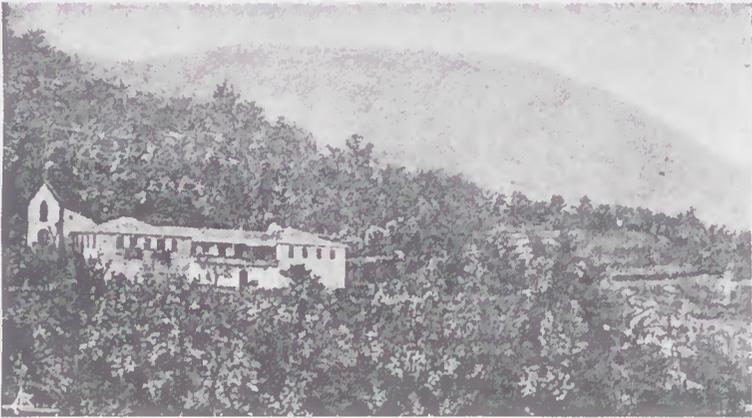
A tradição diz :

Que, primeiro, a familia dos Pires, hoje Araujos, erigira no local um nicho e collocou ahi a imagem de S. Bento. Depois, um abbade da freguezia edificou lá uma ermida, onde recolheu a imagem do Santo. Mais tarde, outro abbade da freguezia, como crescesse a devoção ao Santo e elle achasse a ermida pequena e pobre, edificou uma capella mais ampla e regular.

Ultimamente, avultando as offertas e esmolas do Sanctuario, a Junta da freguezia, que estava na administração da capella, projectou novo templo e obras, que se vão realisando.

O *Costumeiro* da freguezia diz :

«Ha nesta freguezia quatro capellas : duas na freguezia, que se chama de cima, que são S. Pedro e S. Bento. A de S. Pedro não serve hoje senão de Calva-



(6)

Rio Caldo

rio, a que foi reduzida por ficar proximo da igreja e não servir para administração de Sacramentos ; e na freguezia, que se chama de baixo, ha a capella de S. Christovão, no logar de S. Pedro, e a capella de Santa Luzia, no logar de Matavaccas. E as freguezes andam por giro 4 a 4 d'elles que festejam os oragos.

«Não têm estas capellas rendimento algum, nem obrigação de Missa e as offertas d'ellas são do Parocho, o qual tem obrigação de concertar e fabricar a de S. Bento e de Santa Luzia, que as mais são dos freguezes a fabricar».

Além d'estas quatro capellas, de que fala o *Costumeiro*, ha ainda mais duas : uma no logar de Paredes, outra no logar da Leira-Chã, e ambas particulares.

O *Costumeiro* da freguezia é antiquissimo, mas foi approvedo e confirmado, a requerimento do Abbade José de Araujo Tavora, em 1730, pelo Dr. Provisor Geral da Mitra Capitular — *sele vacante* — e mais dignidades do Cabido.

O nome d'aquelle abbade, que julgo ter sido o restaurador da igreja, apenas consta de um plinthe de uma Cruz, ao lado da mesma igreja, onde se acha gravado».

Mais informações

O sr. P. José Pinto Guedes tambem nos forneceu os seguintes apontamentos :

Esta freguezia foi do extinto concelho e julgado de Santa Marta de Bouro, comarca de Viana do Castelo ; depois passou para a de Vila Verde e hoje pertence a esta comarca de Vieira e é do concelho de Terras de Bouro.

Está situada a 228 metros do nivel do mar, nos suburbios do Gerez, virada ao Nascente, á margem direita do rio de Freitas, antigo Sanheane e do Cavado. Ha quem diga que este rio Cavado teve o nome de *Zende* pelo facto de ir desaguar a Espozende (Foz-do-Zende) e passar ao fundo da freguezia de Valdozende (*Val-do-Zende*).

O nome de Rio Caldo, freguezia muito mais antiga que a do Vilar de Veiga, sua vizinha, deverá vir do rio das Caldas do Gerez, rio *Caldas*, rio *Calido*, que é de agua menos fria que a do Freitas, a que se vem ajuntar e vão com o nome de Caldo desaguar no Cavado.

Tem esta freguesia 6 pontes de comunicação : 4 sobre o Freitas, uma sobre o Caldo e outra no Cavado, ambas estas duas de construção moderna. No sitio da ponte sobre o Cavado, houve outra construida em 1734 pela Procuradoria de Guimarães. Sendo derruida, a camara de Terras de Bouro mandou fazer uma de pau que durou até a actual feita em 1882.

E' servida de Sul a Norte pela estrada do Gerez até á ponte de Rio Caldo e depois pela estrada de S. Bento.

Pertence a esta freguesia

S. Bento da Porta Aberta

Sua historia e lendas

Diz a tradição que a sua origem vem de uma contenda, por causa de um cão, entre dois vizinhos que vieram ás boas, obrigando-se um a mandar fazer umas *alminhas* ou oratoriosinho em honra de S. Bento e o outro vizinho a dar o terreno para isso. Ainda não vai ha muitas vidas que se viam cobertos de eras os restos de uma ermidinha que ou não teria porta ou estava sempre aberta aos devotos. Daqui o nome de S. Bento da Porta Aberta.

O certo é que em 1789 já existia uma confortavel capela, com suas pesadas grades de ferro ao arco cruzeiro, tendo sempre a porta aberta de dia e de noite.

Criadas as juntas de parquia pela reforma constitucional de 34, levantou-se forte litigio sobre os rendimentos dessa capela, entre a junta de parquia e o paroco da freguesia que contendia lhe pertenciam por si e seus antecessores como emolumentos de pé de altar. A junta não esteve pelo alegado e a questão foi até Lisboa. Examinado o processo, o governo, por sua portaria de 15 de Abril de 1840, decidiu o pleito a favor da junta sob o fundamento de que o paroco não provou que fosse chamado á fundação da capela. E dando cumprimento á decisão do governo, veio o administrador do concelho em 1841 dar posse da capela e seus rendimentos á junta de parquia.

Foi o primeiro ano que a junta começou a administrar a capela de S. Bento e a arrecadar os seus rendimentos que até ali eram arrecadados pelos parocos. E foi de 125 escudos e 97 centavos o rendimento desse ano. Com o andar dos anos foi sempre crescendo, de modo que já em 1880 era de cerca de 2.700 escudos por ano.

A par do rendimento de 1841 marcamos o de 1890, propositadamente, contra a lenda do que então um jornal se fazia eco, de rendimentos fabulosos e de alta antiguidade, dizendo que «se calculava os rendimentos de S. Bento em 5 contos anuais ou mais e que datava a sua fundação dos seculos XIII ou XIV». Mas não ha que admirar, pois que de versões de igual *cliché* anda farta a historia de S. Bento de Rio-Caldo.

Ora o abade tendo sido assaltado em 1839 pela malta do celebre Serafim da Povoia de Lanhoso, o ultimo enforcado em Braga, obteve *breve non residendo*, meteu coadjutor para parouquiar a freguesia e foi residir para esta mesma cidade. Camilo Castelo Branco no seu romance «O Demonio do Ouro» dá como causa do assalto uma questão de saias e que foi em 1739. Ha erro.

A portaria, porém, salvaguardava ao paroco os seus direitos ordinarios e por isso, a cada passo, ameaçava a junta de ir para juizo, se não lhe largasse a capela, alfaias e rendimentos de boa mente. A junta temendo perder a demanda e suas custas, parte para Braga e demite de si a posse da capela a favor do paroco e entrega-lha por escritura feita em 1851 no cartorio do falecido Penha Fortuna.

No ano seguinte, 1852, o coadjutor apresenta-se em S. Bento, por ordem do paroco, a administrar e fazer as romarias e no fim arrecadava os saldos a favor do abade a quem pertenciam como senhor da capela e seus rendimentos pela força da referida escritura.

A freguesia escandalisou-se vendo que o dinheiro de S. Bento voltava para as mãos dos abades como antes de 1841.

Andava então em reforma o solar do coadjutor e um inimigo prega-lhe numa oliveira á porta da casa, uma estampa de S. Bento com a pasquinada de que a casa era feita á custa do Santo. Era um verso e caiu em



(201) *Villar da Veiga*. — A queda d'agua de Feicha, perto do logar da Ermida, a em frente do Lourêdo.

prazer de muitos. Ainda poucos meses ha que certo jornal a reproduzia dando-lhe sabor de vivacidade e querendo até fazer moral com ella.

Esta escritura só esteve em vigor um anno. Quedou sem effeito logo em 1853, em que por alvará do governador civil do distrito foi nomeada uma comissão de sacerdotes para administrar a capella, sob a presidencia do coadjutor que não aceitou.

A comissão fazia as romarias e sempre que houvesse saldos entregava-os, mediante recibos, aos tesoureiros da junta. Esta por sua vez dava contas ao municipio da receita e despeza.

Em 1860 tendo morrido o abade e exonerada a comissão a seu pedido, entrou de novo a junta na administração de S. Bento, de cuja tutela se emancipou em 1899 e se constituiu em confraria fabriqueira.

Datam de 1890 e principalmente de 1895 os grandes melhoramentos de S. Bento; a conclusão do novo templo que tinha começado em 1880, o carrilhão, a estrada, a criação de uma escola para o sexo feminino. (A republica tomou depois conta della ficando a confraria só obrigada a dar casa). O edificio escolar para o sexo masculino, a criação do partido medico, assistencia gratuita aos pobres e botica, aumento de medicamentos, de romarias, ricos paramentos de ouro, alargamento do terreiro, parques, mutuação de soldos, etc., etc.

Ha no anno 3 romarias em honra de S. Bento. A primeira a 21 de Março; a segunda a 11 de Julho, e terceira a 14 de Agosto. Esta romaria é hoje uma das maiores do Minho e o seu rendimento actualmente eleva-se a umas boas dezenas de contos. Haverá ainda 80 annos que era annunciada a tambores do Zé Pereira. Deram-lhe origem os romeiros e pescadores da Povoia de Varzim que de caminho que vinham á Abadia, chegavam a Rio Caldo a adorar S. Bento. A costumeira de nesta romaria se fornecer ramos de medronheiro aos romeiros, deve-se aos que vindo da Abadia, levavam raminhos de medronheiro que havia no adro da capella, como amostra de planta desconhecida e de ter vindo a S. Bento.

Villar da Veiga. — Orago: Santo Antonio

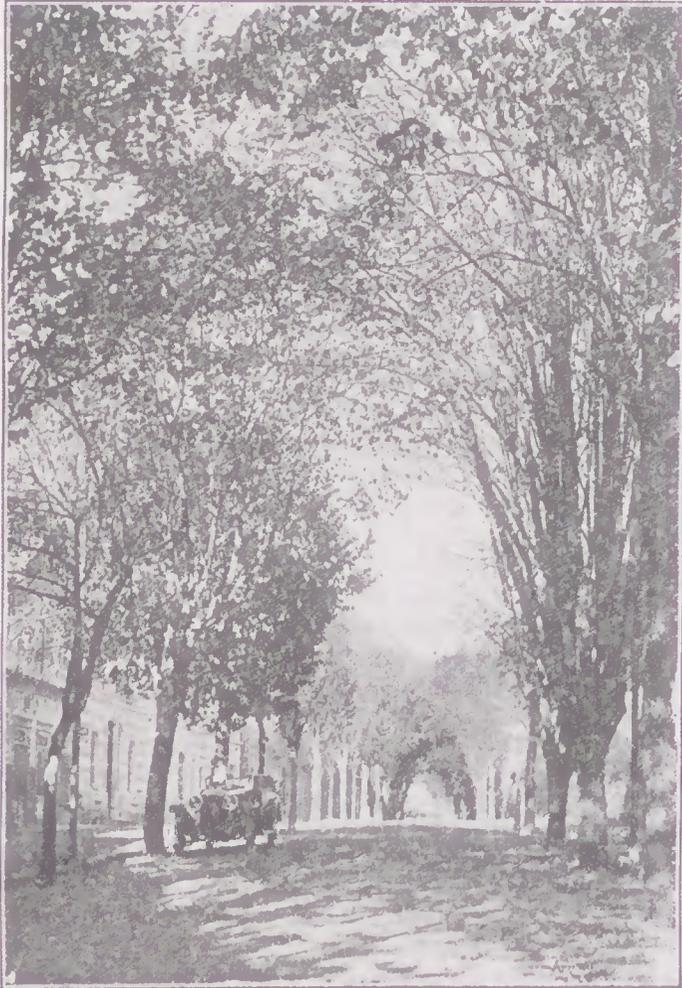
Bella a sua posição, em amphitheatro, a montante de uma graciosa collina sombriada copiosamente por arvores de varie especie. A egreja, alva de neve, está quasi á entrada da freguezia, um modesto recanto de isolamento e paz.

Villar da Veiga tem uma historia, e curiosa que ella é! Disse-nos em amavel conversa o illustre e sabio P.^o José Pinto Guedes, que aquella povoação foi em seus principios levantada por familias que para alli eram mandadas de Lisboa. Disse o mesmo illustrado sacerdote que é devido a isso, que ainda hoje vigoram por alli nomes com seus ares de coisa *chic*, lá da Côrte de Lisboa: ha *Príncipes*, *Reis*, e outros appellidos bombasticos, e de effeito.

A nós pouco nos prendia essa historia de seculos. Fosse verdade ou não fosse, lá vimos casas dismanteladas, ao abandono; talvez fossem dos taes correccionaes. A's vezes o sopro da ira de Deus destroe até a morada do impio, para que as suas ruinas sejam um continuo pregão do poder do Céu e uma prova palpavel de que com Deus não se brinca.

Não nos prendia essa historia, porque o nosso fito era o Gerez, onde nos esperava o grande amigo de toda esta região encantadora, que é o sr. Carlos Santos.

Villar da Veiga não é só aquelle pequeno logar que se nos depara logo adiante da ponte. Tem outros logares e, entre elles, o já memorado da *Ermida*, encravado no coração da serra. E' freguezia riquissima em cereaes: — as suas *veigas* dão o nome



(202)

Gerez. — Avenida principal.

à freguezia. E em montados é porventura a freguezia mais rica do paiz: antes de se ensaiar a cultura florestal, o baldio de Villar da Veiga chegava até á fronteira e pelo lado de Montalegre acabava só em Pitões. Eram dezenas e dezenas de leguas. Hoje ainda esse baldio é enorme, e o sr. Carlos Santos, com a sua incansavel actividade, pensa em arborisá-lo a expensas da junta de parochia de Villar da Veiga, de que é dignissimo Presidente.

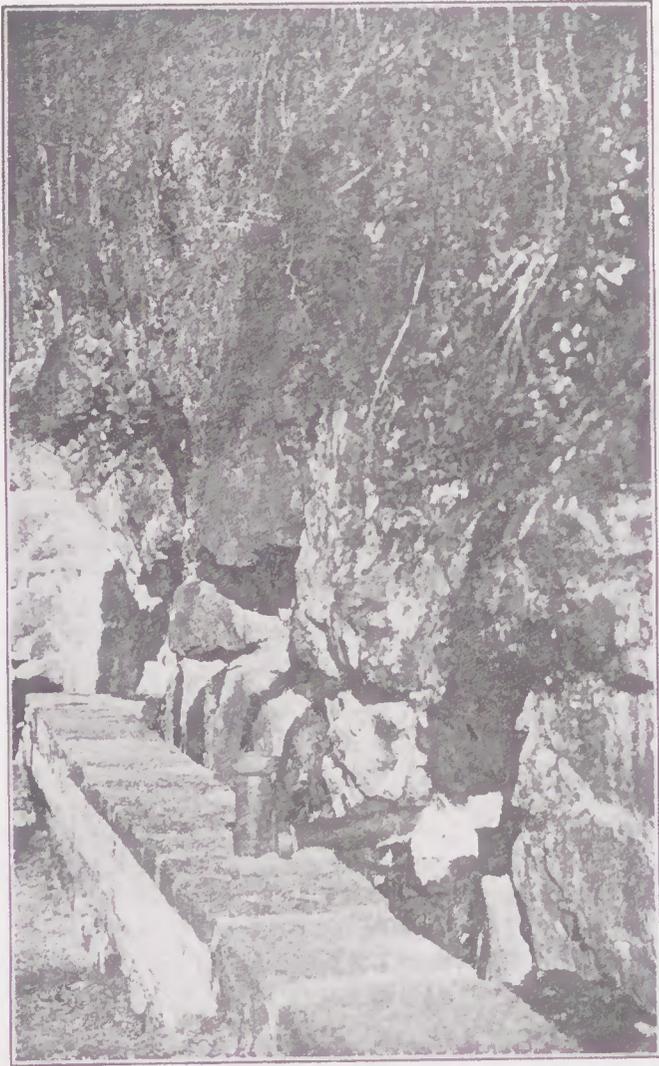
Mas sigamos, que o *Motobloc* está ancioso por devorar leguas. Agora a vegetação é mais forte e densa, e a faixa dos Pinheiraes estende-se, numa conquista porfiada de terreno, até ás mais elevadas cristas. E tal é a sua sombra, que a espaços vemos pobres oliveiras quasi a morrer de abafadas, por lhe faltar o sol amigo e creador.

As correntes de agua, cada vez mais frequentes, escorrem cantantes pelo fraguado, levantando cachões de espuma ao chegar aos poços, admiravel reservatorio de peixe. E lá ao fundo, o rio maior vae recebendo contente este amigavel contributo dos seus vassallos. . .

A's vezes, por entre as franças dos pinheiros, avista-se o esqueleto ossudo da montanha, agulhas de penedos, que atiram ao espaço o seu desafio, firmes na sua immobilidade e triumphantes na sua solidez. Os medronheiros floridos, agora despeñados do fructo tentador e colorido, dão-se beñ sobre os despeñadeiros, sobre os regatos, no meio da penedia, por toda a parte; são, no meio de uma natureza que parece selvagem e ingrata, uma benção e uma fartura, para o pegureiro a quem seu fructo mata a sêde, para o lavrador que vende e faz com esse fructo optima agua-ardente, são para todos uma meza posta.

Estamos a dois passos da nossa meta. O primeiro signal de civilisação que vemos é o matadouro. Cruel ironia da sorte e das coisas! Todos trabalham para comer e poucos vivem para trabalhar. Inicia-se uma povoação, funda-se uma cidade, e logo os homens chamam em seu auxilio os animaes domesticos, que devem sustentá-los com o seu sangue e com a sua carne. O matadouro é pois indice de uma civilisação que diremos retrograda, porque visa a destruir e a lançar no meio da paz da natureza os balidos e os gritos lancinantes de tantas victimas. Mas é a tal cruel necessidade de que fala o poeta.

Eis-nos nas celebres Caldas do Gerez. Para que te mettes tu, indigno escriptor nascido em L'iliput, a descrever o que já está immortalizado nas paginas aureas de Ricardo Jorge e de tantos outros? Para que tentas enxovalhar com phrases desconexas e mal soantes a estancia de peregrinas virtudes, cuja fama corre de um extremo a outro extremo do universo?



(203)

Griez — Uma das nascentes.

Começam a aparecer os jardins e parques. Lá vem o primeiro Hotel, o segundo, a grande Avenida sombreada de gigantescoas arvores. Mas tudo agora está ermo e fechado, só de longe em longe apparece uma casa aberta e em laboração.

A nossa visita foi rapida, Começamos pelo bem cuidado viveiro da floresta, onde a agua corre em abundancia por todos os

cantos. Entre arvores de pouco prestimo, como a vulgarissima *mimosa*, encantou-nos ver grandes viveiros da arvore classica das nossas montanhss — o carvalho.

Perto da Casa da guarda algumas mulheres encostadas a um muro disputavam-se os froixos raios do sol triste do outomno. A' nossa direita vê-se o esqueleto gigante de um enorme môrro secco e escalvado, de tragicos despenhadeiros. Para baixo, por toda a encosta, os pinhaes medram e verdçjam triumpfantes. Sobretudo na encosta esquerda abundam os regatos sombrios, onde a agua no verão secca, cobertos pela ramaria dos carvalhos e dos medronheiros.

Descendo do viveiro, vemos á direita velhos e sombrios caes de lavradores, que, alli a dois passos da civilisação, ainda não tiveram tempo de se alindar... Num pequeno trecho de terreno, marginal do rio, vemos dois bellos exemplares de carvalhos. A' esquerda — que tristeza! — umas leiras mal tratadas. E' sempre assim; o lavrador da nossa terra é quasi sempre desmazellado; mas quando está perto de um centro onde pode entreter-se e engulir copos de vinho, ou calices de licores, então em tudo pensa menos nas terras. E d'ahi, o não faltarem campos mal tratados, que talvez dessem mais resultado se os deixassem a matto.

... E então, as poucas ramadas que ha, estão tão mal ageitadas, que bem se vê que não fôram feitas com o amor que o verdadeiro lavrador põe em todas as suas coisas, ainda as minimas... Bordejando a estrada, defronta-se-nos um ou outro edificio mais moderno, dando-se ares de predio de cidade...

Eis-nos agora no Parque das thermas. Arte alliou-se alli com Madre Natureza para nos apresentar um verdadeiro *bijou*. As duas rivalisam em primores; mas a segunda sae vencida.

O rio, de clarissimas aguas, batido do sol, vae sempre es-cachando lá no fundo. A espaços um ou outro carvalho debruça sobre a torrente a ramaria pujante.

Caramanchões de diversas fórmas e feitios offerecem aos aquistas extenuados doce e confortavel abrigo contra os raios do sol, que no Gerez não deve ter a força de produzir canicula. E para maior conforto, ahí tendes a cada canto e a cada recanto bons e seguros bancos para descansar os membros-sacudidos pelo açoite da doença ou pelo marasmo das noites passadas na bohemia. No lago, bellissimo e ridente, moveram-se as barcas, estando ao remo as filhas do guarda. O sr. Canella, da margem, focava a poetica scena. Tudo aquillo por alli é surprehendente de belleza e de encanto. Para bem o apreciar e gosar, queriam-se longos dias, e nós tivemos só minutos.

O Parque, se é bello á margem esquerda do rio, á direita ainda nos parece mais interessante. Tem uma parte ainda selvagem — deixem dizer assim — onde ainda se veem vides agarradas aos carvalhos, onde a agua brota e rebenta em profusão pelo meio da herva brava e da giesta. Para cima começa a floresta, com todos os seus encantos e com todos os seus tenebrosos mysterios. Oh! quantos romances se poderiam urdir com as scenas que se têm desenrolado por estes pedaços de Paraiso, que nos deixam fascinados os olhos e o coração!

Depois de ver o Parque, passamos a ver onde nascem as aguas milagrosas.

Nascem ellas d'baixo de enorme penedia coberta de heras,



(204)

Geres. — Lago e Gruta do Parque.

de carvalhos e loireiros. Seria aquelle um terrivel despenhadeiro para quem tivesse pouco amor á vida. Mas a vida vem precisamente d'alli, d'aquella penedia. Está escripto bem claro lá dentro :

Aegri surgunt sani.

Visitamos todas as installações, onde notamos o maior acieio e limpeza, servindo-nos de guia um dos guardas.

Rematemos com a capella de Santa Euphemia. Este pequeno monumento religioso tem o condão de nos evocar paginas

saudosas de uma vida que foi. O capellão do Gerez foi durante longos annos um vieirense de que hoje poucos se lembram, o sr. Padre Antonio Joaquim da Rocha, de Pinheiro, um santo homem, de estremada simplicidade, já ha muito roubado ao convívio dos que tanto lhe queriam.

Sobre esta capella veja-se o que diz o eminente publicista sr. Tude de Sousa, a pag. 68 e seg. do seu livro *A Serra do Gerez*.

*

* *

O Gerez é hoje alguma coisa de grande no nosso paiz. Uma importante Casa bancaria do Minho vae valorisá-lo ainda mais, introduzindo alli os melhoramentos e as regalias que uma estancia d'aquellas está demandando.

Oxalá que num futuro proximo possamos admirar a bella estancia muito alindada e progredida. Bem o merece.

O logar da Ermida

Fica encravado na serra, mas como é bello e lindo visto da estrada de Braga-Chaves!

Passa por perto o rio da Feicha, que em frente de Louredo forma a melhor e mais bella queda de agua de toda a comarca. Quer-nos parecer que leva de vencida a Cascata de Leonte, tão celebrada em prosa e verso.

Ha de se apreciar a queda da Feicha no tempo das grandes cheias.

A agua cae em baixo, com enorme fragor, depois de ter descido por três pequenas cascatas. O leito é sempre a pedra, é uma só penedia, lisa e concava, por onde a agua deslisa e salta vertiginosa, faiscante, alegre, cheia de vida e dando vida.

Na primeira queda a altura é pequena; depois tem uma pequena poça, onde a agua como que descansa, para logo saltar á segunda queda, já mais alta e linda; tambem ao fundo ha uma pequena paragem — digamos assim — e logo a agua se projecta de grande altura — talvez passante de 20 metros — no ultimo estadio da cascata.

Esta terceira queda, além de ser a de maior altura, é tambem a que tem o leito de penedo mais ingreme e a prumo, de maneira que mais interessante se torna. A agua, ao chegar abaixo, fórma grande cachão e jactos que se elevam a alguns metros.

Se é bella a queda d'agua, que dizer do panorama em volta? Eu queria que viessem aqui os grandes potentados da sciencia e da governação que têm estado no Gerez. Pois se nós temos aqui

coisas tão interessantes, para que andamos a enaltecer o que é dos outros, e porque não fazemos estradas que facilitem o conhecimento d'estas peregrinas bellezas? Como disse Fernandes Costa,

Um povo que se presa, não descansa.

Além da queda d'agua, quantas bellas coisas alli ha!

A serra é ingreme e penhascosa. A urze cresce a *dismisura*, a carrasca e a carqueija pucham grandes rebentos, o medronheiro vive e floresce por toda a parte, verdejante ainda, e com um ou outro fructo que a voracidade do rapazio poupou. Pelo meio da vegetação densa e forte levantam-se a espaços castellos de granito musgoso, ensombrado pela acção dos seculos. E no meio d'esses blocos altivos de granito, como flôres suaves em meio de um deserto, cresce frondoso, galhardo e pimpante, o nosso medronheiro. O qual, ás vezes, porque o vento frio o vareja e a geada o aperta, não deita para o alto a flecha dos seus ramos, mas se recurva e se agacha, tomando a fôrma de barraca ou guarda-sol, constituindo mimicos caramanchões verdejantes, onde o pegureiro pôde achar refugio para o esbravejar da canicula.

Que o sol alli, afinal de contas, nunca apertará muito. Faz-nos lembrar aquelle ermo e sombrio logar que Theophilo Gauthier encontrou na Italia, e onde havia uma inscripção muito significativa :

*Torna tornando il sol, l'ombra smarrita,
Ma più non ritorna l'età fuggita.*

O sol até para nós foi ingrato, no dia da visita. Brillhou e alumiou até que o nosso photographo assestou as baterias... da sua machina; mas logo se escondeu, antes da operação, e não houve vê-lo mais em todo o dia. De nada valeu o sacrificio que fizemos de esperar por elle uma longa hora.

Mas voltemos á Feicha.

Além da urze, da carqueija e do medronheiro, o teixo tambem deita raizes e ramos por aquelle poetico sitio. E logo abaixo da cascata vimos um bello exemplar; e pegado a elle outro pequerrucho, onde a hera — a eterna namorada das arvores e dos muros — vae enroscando as suas radículas brancas mas viris e resistentes. E por todos os buracos da pedra e da penedia, as arvores se engastam e encravam como em terreno proprio.

Ha de o leitor julgar que aquelle logar, ao parecer selvagem, seja apenas refugio de lobos e javalis. Puro engano! Se o leitor lá fosse comnosco naquelle dia sombrio de Dezembro, ha-

via de ver pelo meio das urzes e das giestas as productivas e animosas cabras; ellas devoram a frança da urze, a herva dos valles e penduram-se, em prodigios de equilibrio, sobre o precipicio da queda d'agua que não lhe mette medo.

O pegureiro é que não o vimos de principio. Do Cavado ao alto é uma boa distancia e as cabras seguiam sempre para cima,



sem se perderem nos meandros da floresta densa e aspera; seguiam para cima, como se algum cão as fosse tangendo e empurrando. . . Outro engano nosso: os pegureiros eram dois, e mais tarde appareceram empoleirados nuns penedos que dominam toda a encosta; d'alli *tangiam* o seu rebanho, já bem educado.

Mas se a nossa admiração pela obra da natureza é grande, que dizer da obra do homem? Sim, porque o homem d'outras eras estendeu a sua actividade por aquellas encostas e fraguedos. No meio da matta brava e inclemente lançou a base de socalcos; depois cavou alguns metros de terra,

(184)

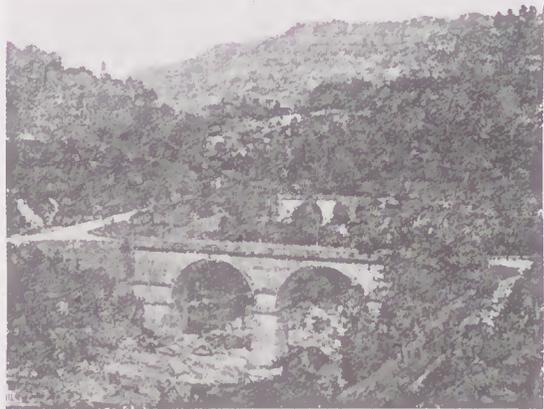
Rio Caldo. — Egreja parochial.

abriu algumas covas fundas e poz oliveiras. A oliveira, essa deliciosa planta que, como nota um escriptor celebre, a Escriptura com razão chama *speciosa*, acha-se escalonada em verdejantes renques por toda aquella larguissima encosta que vae de Bouro a Pitões. Ha algumas intermittencias em que ella falha; ha outras onde rareia; mas aqui na Feicha, em frente de Louredo, ha d'ella uma consoladora abundancia.

Oxalá que os lavradores de hoje se não limitem a *ripar* a azeitona, sem pôr novos olivae. A muitos d'elles ficam realmente a matar as palavras do poeta nas «Georgicas Portuguezas» :

*Nada desperta, nada anima a industria.
Na miseria e desprezo abandonado
O lavrador prosegue na ignorancia
E movido sòmente pela força
De um triste necessario, sem disvelo
Como o pae cultivou, cultiva o filho.*

Não desceremos do monte sem deitar um olhar para a modestissima giesta que tambem abunda no Gerez. Não sabemos se algum poeta portuguez cantou as tristezas d'esta abandonada filha das serras; mas de um italiano sabemos nós que as cantou, arrancando a á sua vida obscura e frugal, arredia de ambições. Pena foi que o poeta não soubesse tirar da vida humilde e desambiciosa da giesta, que se contenta com qualquer terreno, e até nas



(10)

Pontes de Rio Caldo e Villar da Veiga

fendas das pedras se dá bem, as lições praticas que o estado da sua alma doente requeria. As flôres, as arvores, os arbustos, tudo pôde servir ao homem que saiba pensar, para se despenar de um certo numero de tristezas faticicas e para levantar a alma mais aeima um pouco das futilidades d'esta vida.

Um critico de arte, referindo-se a este *facies* do poeta do pessimismo, diz assim sobre a giesta :

«E' comtudo uma planta que nasce e vive tão pobrememente, tem uma vida tão sã e exuberante. Ahi a tendes direita e coberta de flôres: ella não teme nem o vento, nem o sol, nem a

chuva, nem a secca ; semelhante áquelles pequerruchos descalços, de semblante rosado e olhar sereno, que se veem ás vezes ao longo do caminho de ferro a contemplar o comboio que foge com tremendo estrondo deante do seu campo : não têm no corpo um metro quadrado de pannos remendados, mas uma vara na mão direita, um naco de pão negro na esquerda, e a innocencia no coração.

E'-los tambem lá, são e contentes, sem cuidados, sem preocupações, sem neurasthenia. Bemaventurados os pobres . . . bemaventurados os humildes ! . . . E' uma verdade que resalta a cada passo, que acode como um estribilho espontaneo ao espirito de quem presta ouvido attento ás vozes divinas, que resoam por todo o mundo moral e sensivel ».

E deixemos a giesta que o poeta chama

..... *di tristi*
Lochi e del mondo abbandonati amante
E d'afflitte fortune ognor compagne.

E com ella nos congratulemos como elle :

Dove tu siedi, o fior gentile, e quasi
I danni altrui commiserando, al cielo
Di dolcissimo odor mandi un profumo
Che il deserto consola.

No dia em que visitamos a *Feicha*, havia neve na serra da Cabreira e nos pincaros mais elevados do Gerez. Dir-se-hia que se tinham verificado as palavras de Alfredo Pimenta :

Branca e leve, cahiu neve
Levemente, todo o dia :
Cahiu neve, branca e leve . . .

.....

Realmente ella tinha cahido, mas de noite. E nós vendo-a tão branquinha, sentiamo-nos tentados a dizer ao Gerez as palavras da poetisa italiana :

Sulle tue vette avventurose
Vorrei salire, dove senza velo
M'apparissero le belle ed armoniose
Splendide tinte d'un sublime cielo.

Um poeta christão, Barbieri, pinta com rara mestria o cair da neve :

*Quasi fiocchi di lana in varie rote
Rare scendono in fria le mole falde,
Quindi più folte sì, che il cielo n'è oscuro.*



(180)

Villar da Veiga. — Açude no rio do Getez.

Fuá-Fusionato, uma grande poetisa italiana, convida um menino a trepar á crista erriçada e perigosa dos Alpes, «onde em dias idos flammejavam horrendos vulcões». Diz-lhe que pôde alli angariar largo contributo deervas para a sua colleccão; e apontando-lhe para os extractos de terra sobrepostos, chama sua mente á consideração da alternativa das coisas d'este mundo. Depois, num raptó sublime, nota que só naquellas alturas reina o silencio e a paz, apenas interrrompida pelo vôo afadigado e celere da aguia: só alli, porque cá em baixo

*sequio e dolori e tempestosi affetti
pawono in mille petti.*

E depois pergunta ao menino:

*Figlio, vedute da codeste allezze
Che ti pare delle umane ebrezze!*

Oh! perante aquella mole sublime e immensa o coração sente-se desafogado e o espirito libra-se mais alto, porque aquellas alturas apontam-nos para outras alturas mais sublimes ainda — para o Céu. Que valem todas as estudadas industrias do amor e das paixões humanas, que nunca se fartam, perante o espectáculo inenarravel de um gozo que não acaba jámais? (1)

Perante montes como os Alpes e como o Gerez, a fraqueza humana deve confessar-se impotente e sublinhar *in limine* as palavras de um poeta francez:

*L'orgueil de ces grands monts, leurs immenses contours,
Cent siècles qu'ils ont vu passer comme des jours,
De l'homme humilié terrassent l'impuissance:
C'est là qu'il rêve, adore, ou frémit en silence.*

E nessas «informes bellezas» ella — a fraqueza humana — deve ver o que viu outro poeta grande:

Vous y voyez empreints, DIEU, L'HOMME ET LA NATURE...

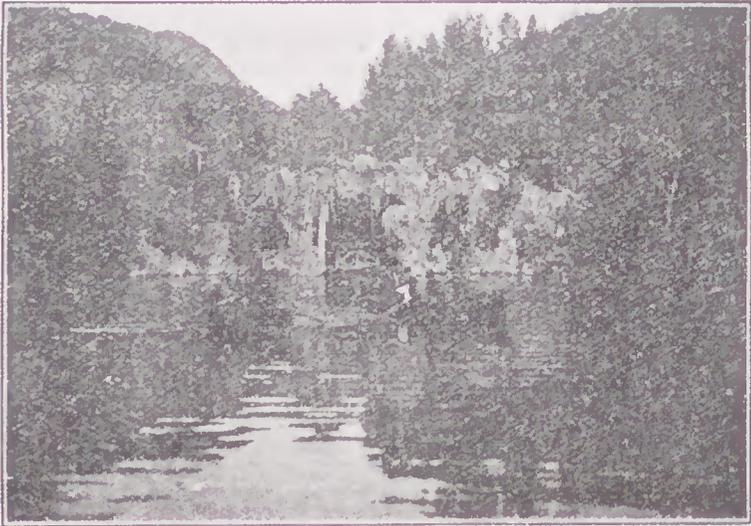
Por mais que queiram os *soi dissants* espiritos fortes, a palavra Deus sobrenada sempre acima de todas as miserias e desdidas humanas. Os vestígios da sua mão omnipotente descobrem-se por toda a parte. Tentem embora os ímpios apagar esses ves-

(1) Do livro *Saudades de Portugal*,

tigios, tentem embora os soberbos negá-los, a verdade é que os seus esforços resultam estereis, como os do impio de que fala o psalmista : *desiderium peccatorum peribit*.

Bem o sabia e reconhecia um dos genios mais admiraveis da humanidade, que, depois de perder a Fé, dizia de si mesmo:

... *effrayé plus encore qu'ebloui*
Lui n'ose dire non et ne peut dire oui (1).



(177)

Caldas do Gerez. — Gruta e lago do Parque.

E logo adiante :

Hélas! tout homme en soi
Port un obscur repli qui refuse la foi.

E esquece-se do dialogo de annos mais verdes :

— *D'ou viendra la lueur, o Père?*
Dieu dit : «De vous en verité».
Allumiez, pour qu'il vous éclaire,
Votre coeur par quelque côté (2).

(1) Victor Hugo, *Les voix interieures*, xxvii.

(2) *Les rayons et les ombres*. *Caeruleum mare*.

E tão esquecido está, que canta em extremos de desalento :

*Helas! j'ai fouillé tout . . .
 Qu'ai-je appris? J'ai, pensif, tout saisi sans rien prendre,
 J'ai eu beaucoup de nuit et fait beaucoup de cendres.
 Que sommes nous? Que veut dire ce mot: Toujours?
 J'ai tout enseveli, songes, espoirs, amours,
 Dans la fosse que j'ai creusée en ma poitrine.*

E reconhecia, nos momentos lucidos, que precisava de entrar em si, antes que viesse a morte :

*La vie à différer se passe,
 De projets en projets, et d'espace en espace
 Le fol esprit de l'homme en tout temps s'envola.
 Un jour enfin, lassés du songe qui nos leurre,
 Nous disons: «Il est temps. Exécutons! C'est l'heure»
 Alors nous retournons les yeux, — la mort est là.*

E como a maioria, deixou-se levar pela suggestão do amanhã, embora soubesse que Deus não é uma fabula :

*Mais Dieux jamais ne se retire!
 Non, jamais, par les munts caché
 Ce soleil, vers qui tout aspire,
 Ne s'est complètement couché!
 Toujours, pour les mornes vallées,
 Pour les âmes d'ombre aveuglées,
 Pour les coeurs que l'orgueil corrompe,
 Il laisse, au dessus de l'abîme,
 Quelques rayons sur une cîme,
 Quelques vérités sur un front!*

E se não se converteu, mesmo depois de ter procurado em Paris o grande Santo que foi D. Bosco, lá deixou a outros o conselho que bom era para ser seguido por todos os que se afastaram do verdadeiro caminho :

*Vous qui pleurez, venez à ce Dieu, car il pleure,
 Vous qui souffrez, venez à lui, car il guérit,
 Vous qui tremblez, venez à lui, car il sourit,
 Vous qui passez, venez à lui, car il demeure.*

Os penedos de Calamouço

Quem seguir de Braga para o Gerez, descobre logo acima do centro de Vilar da Veiga, na primeira altura «respeitavel» da serra, um grande penedo que parece desprender-se do seu pedestal, que é outro penedo.

Estes penedos são conhecidos pelo designativo de Penedos do Calamouço.

Têm uma historia.

Em tempos houve um capitão-mór de Ruivães que quiz divertir-se com elles. E vae d'ahi, certo dia bíte lá com 60 ou 65 homens e vá de deitar o pededo da *cupula* por aquellas encostas abaixo. Os homens gemeram, pucharam, suaram, e o penedo ficou onde estava.

Esta extravagancia do capitão-mór, que não olhou ao mal que ia fazer, se o penedo *estivesse pelos autos*, faz-nos lembrar a graça com que aqui ha dias uma mulher d'aldeia apostrophava os que tinham feito lá na sua freguezia umas poucas vergonhas.

— Esta canalha anda cá sempre com estes alveiros... Parece mesmo que *nasceram na Judeia*.

Tambem se conta que foi entre Villar da Veiga e a Ermida que alguém attentou contra a vida de um capitão-mór de Ruivães, não sei se o mesmo que attentou contra a integridade dos penedos. Os dirigentes da emboscada seriam pessoas de po-



(76) *Costumes regionaes.* — Um homem com «croças».

sição, também de Ruivães. Nós porém, nada sabemos de positivo, escrevemos de outiva, e os vindoiros que queiram o assumpto posto em pratos limpos, façam escrever a narrativa de quem a souber. Já agora prescindimos da immortalidade. . .

As veseiras de Villar da Veiga

Estes povos, apesar de não terem ido a Coimbra nem a Salamanca, regiam-se em tempos idos por regulamentos cheios de sabedoria e prudencia. Do regulamento da *Veseira da Vaccas de Villar da Veiga* extrahimos nós curiosos apontamentos.

«No derradeiro Domingo de Abril de cada anno os veseiros deviam reunir-se no sitio da Moldeira, logo depois da Missa conventual; e não era preciso aviso, «porque o dia os chama pelos costumes».

Nesse dia fazia-se a eleição do *Procurador* da veseira e do *Juiz* que ficava a servir; o *Juiz* cessante accetava o juramento do novo, não sem primeiro confessar em publico e raso as faltas commettidas no exercicio do seu cargo. O *Procurador* era eleito pela assembleia geral dos veseiros e prestava juramento ao *Juiz* novo. E por ultimo o *Procurador* e o *Juiz* elegiam de seu livre alvedrio os seis *Homens da fala*, «para governarem o que fór para bem da dita Veseira».

«Hé costume n'este dia — diz o Regulamento — determinar os dias para cobrir as cabanas, que se chama dia de covacs; e os que n'elle faltarem pagão de condena os costumes á Veseira que são tresentos réis excepto tendo Veseira de rês, ou gado, ou boia ou Baptizado, ou cargo de justiça».

A Veseira começava a sahir no 1.^o de Maio e o pastor que ia nesse dia devia levar a louça para elle e para os que depois se revesassem na guarda das vacas; devia levar um pote, uma cadeira, 4 tigellas, 1 prato de folha, 4 garfos e uma faca; além d'isso devia levar um alvião e uma corda «para acudir a alguma vacca enfragada»

O pastor era obrigado a pagar a seu dono as vaccas que faltassem. Résa o Regulamento: «As que lhe faltarem as buscará dois dias tendo pão e não as achando nos dois dias dará recado a seu dono e com elle irá a busca e achandos enteiras, que se conheça que foi d'achaque, então não tem obrigação de as pagar, salvo se não fizer a diligencia a procurallas que por esse respeito apodreção, ou se pereção; em tal caso as pagarão, e os costumes a Veseira e assim mais as que forem feridas, em modo que não iscapem, ou mortas pelo bicho sempre o pastor é obrigado a pagallas a seu dono, pelo preço que Valerem».

E se viesse o lobo? Então o pastor levava o animal ferido a seu dono; e se elle o não quizesse accetar sem estar curado, era o animal louvado, e o pastor pagava dentro de 30 dias o que desse a louvação e ficava com o animal. Por «vezzer mamão macho ou femia» que fosse morto pelo lobo, só o pastor pagava 400 réis. «E sendo subrano se pagará pelo que valer com as Vacas, e estes Vesperes subranos, se intendem nascidos das tres Veseiras»:

Quem não quizesse ir guardar nos seus dias, tinha de «pagar os costumes á Veseira», e 1200 réis para quem lá ficasse a guardar á sua custa, excepto se tivesse causa de justiça ou doença.

Havia tambem uma particularidade interessante, de que ainda hoje falam os velhos: os *Chamados*. A este respeito diz o Regulamento:

«Quando se fizerem os chamados uma vês que esteja um de Paredes se tirará conta, os que faltarem pagarão um vintem, tambem é costume quem tem duas

vacas, guarda na Veseira um dia de cada roda, e quem tem uma guarda na primeira roda um dia e na segunda roda folga e assim se regulla quem tem tres ou mais conforme as que tem regulando-se por duas ao dia».

A Veseira não devia descer para baixo das Borrageiras — o ponto culminante do Gerez — até ao dia da Senhora da Abbadia (15 de Agosto).

Contra os «rebeis» que não quizessem sujeitar-se a certas determinações tomadas nas reuniões denominadas «Chamados», que eram o parlamento d'alli, havia penas que todos cumpriam fielmente. A ultima pena enunciada é bem terminante : «Mais declaro que todos os Veseiros que os Violar (1) ficão prohibidos de nunca ser ouvidos nesta Veseira em cousa alguma».

Nas veseiras de Villar da Veiga entravam tambem as de Rio-Caldo, Ermida e Ribeira : como esclarece o Regulamento renovado e modificado em 1882 ; «Bem a ser hoje quatro» (2).



(21)

Caldas do Gerez

Notas e informações

Lemos nos optimos apontamentos que devemos á amabilidade do sr. Dr. Antonio Baião :

«Ha perto desta freguezia distincia de huma legoa, e nos limites da mesma freguezia cinco fontes de Callidade quente chamadas as Caldas do Jeres muito

(1) Entenda-se : que violar os accordos.

(2) Quem quizer mais amplas informações leia o livro do sr. Tude de Souza, incausavel propagandista agrícola, *A Serra do Gerez*.

bem notoria a sua virtude, em cujas agoas recuperam muitos, enfermos perfeita saúde e sam muito perguentadas nos mezes de Junho, Julho, e Agosto, e Setembro a donde occorrem enfermos de varias partes e experimentam muitas melhoras em todas as queixas: Acham-se com varios edificios para a comodaçam do povo e tem Capellam para lhe dizer missa e Medico tudo por ordem de Sua Magestade que Deos Guarde.» —

E noutro sitio descrevendo a freguezia fronteiraça da Ventosa e a feira que se faz no Penedo, accrescentam os apontamentos sobre as Caldas e Serra do Gerez:

«Desta feyra se descobre a serra do jeres, a qual terá tres legoas de largo, e oito de comprimento e nella se acham varios bichos bravos, como sam Ja ballizes, Cabras, Corsas, perdizes, coelhos, rapozas, Lobos e alguns dizem, que já tem apparecido algum veado, divide esta serra o Reino de Portugal do da Galiza, e he bastantemente dispinhada, nam obstante sempre nella se criam gados como sam bois, e vacas dos labradores ciscunvizinhos: Tem varias arvores, que raramente se acham pelas de mais serras, a que o vulgo chama Cornogodinho, Teyxo a zereyra, e muntas mais cujo nome se ignora. Em huma concavidade desta serra da parte do nascente para a parte do poente nasce huns cachois de agoa calida a qual tem especial virtude para curar combuloçõis, stupores, gotas, Reixmatismos, e muntos mais achaques, no qual sitio está huma capella de Santa Euphemia, e he tradiçam que em aquelle sitio apparecera, da qual apariçam faz mençam o Breviario Bracharense no officio de Sancta Euphemia: Tambem ali mesmo se tem feito varias cazas para os doentes se recolherem, quando veem a recuperar a saude, e ficam estas caldas distantes do sitio desta sobredita feyra pouco mais de huma legoa, e do Reyno de Galiza tres, e pello mesmo sitio passa hum reguato, o qual traz machina de trutas sem mais alguma casta de peixe, e tem a sua torrente dentre o nascente, e norte para entre o poente, e sul e logo mais para a parte do norte corre outro regato, os quais se juntam, e tem o seu ocazo no rio Cavado entre as freguezias de Rio caldo e Santo Antonio de Villar da Veyga, e este da Ventosa o qual se deve pello Rio Cavado da de S. João Baptista de Rio Caldo».

A freguezia do Villar da Veiga

Está situada ao sul da serra do Gerez, virada ao poente e separada da freguezia de Rio Caldo pelo rio das Caldas do Gerez, afluente do Cavado, que o delimita ao sul. Passa-lhe ao sopé, entre ela e aquelle rio, a estrada das Caldas, que lhe ficam ao norte, a 7 quilometros de distancia.

Consta da tradição que os primeiros habitantes do Vilar da Veiga foram uns colonos vindos *aliunde*, querendo dizer que de Lisboa ou suas proximidades. A pronuncia de certas palavras bem como as alcunhas de algumas familias de *Príncipes, Condes e Fidalgos* assim querem mostrar procedencia estranha. E foram a Rio Caldo, que lhe fica proximo, pedir para serem admitidos á comunhão dos bens espirituais para cumprimento do preceito quaesimal, etc. Mas os povos desta região gereziana — Rio-Caldo, Covide e S. João do Campo — não aceitavam no seu gremio gente de fóra nem se matrimoniavam com mulher que não fosse das mesmas freguezias. Por isso, não sendo admitidos, foram incorporar-se na freguezia da Ventosa, deste concelho de Vieira, á qual pertenceram por muito tempo, até se constituir em freguezia independente. O seu orago foi Sant'Ana, hoje é Santo Antonio. Pertencia esta freguezia do Vilar da Veiga ao extinto julgado da Ribeira de Soás, comarca de Guimarães. Hoje pertence judicialmente

a esta comarca de Vieira, administrativamente ao concelho de Terras de Bouro. Devido à população sempre crescente das Caldas do Gerez pelas famílias de fóra que aí tem fixado residência, é a mais populosa do concelho e sobe já a mais de mil almas.

Não vai muito além de 60 anos que nestas termas do Gerez, acabada que fosse a estação thermal, se fechavam as casas e todos se retiravam aos seus lares; ninguém ficava lá de inverno. Hoje possui uns 9 lindos e confortaveis hoteis, todos de construção recente.

Além desta povoação tem esta freguezia mais o lugar da Ermida, ao nascente e sobranceiro ao Cavado, entre 12 a 15 quilómetros da Matriz.

É muito pastoril e produz milho, azeite e vinho, algum mel e carvão de torga.

As Caldas do Gerez

Eram já conhecidas estas termas dos romanos, como atestam numerosas moedas dos imperadores Galeno e Constancio, que apareceram ha poucos anos ao abrirem-se as obras para a captagem das nascentes e novas construções termais.

Encerradas num covão da serra e sem caminhos, jazeram como esquecidas e sem clientela por longos anos.

A difusão da sua fama terapeutica deve-o sem contestação, a um cirurgião da povoação gereziana de Covide, Manuel Ferreira d'Araujo, que viveu pelos ultimos anos do século XVII e a D. João de Souza, segundo filho do Marquez de Minas, governador de armas do Minho, no Porto, que mandou abrir caminho ás suas liteiras de fidalgo e as viu experimentar. Morreu em 1703. E tendo chegado o seu renome ao conhecimento de D. João V tomou-as sob a sua regia munificencia dando-lhes em 1735 um plano de melhoramentos que abrangia um balneario, um hospital para os indigentes, uma capela em honra de Santa Eufemia (1), capelão e medico durante a sazão thermal. O hospital não passou dos alicerces,



(33)

P.º Casimiro José Vieira

(1) Muitos escritores sobre o Gerez que tem falado desta Santa Eufemia, que é muito nossa, a tem confundido com Santa Eufemia da Calcedonia. A nossa Santa Eufemia é filha de Caio Atilio, regulo de Braga, e sofreu martirio por

Antes da reforma constitucional estas Caldas pertenceram á secretaria do Estado dos negocios do Reino. Depois passaram successivamente para o extinto concelho de Ribeira de Soás, para o de Vieira, para a Junta Geral do distrito de Braga, voltando para Vieira por portaria de 18 de Agosto de 1853. E, finalmente, em 1888 foram retiradas do concelho de Terras de Bouro, a que pertenciam desde que foi criado e foram adjudicadas a uma empresa as suas aguas medicinaes.

(Sobre os seus capelães sei apenas que o ultimo, foi o P.^e Rocha, desse concelho de Vieira).

O Calamouço

Sobranceiro á povoação do Vilar da Veiga ergue-se o cabeço do Calamouço, encimado por tres grandes penedos sobrepostos por tal forma que parecem estar em evidente perigo de derruirem sobre a povoação. Mas vistos de perto logo a gente se certifica que tem equilibrio mais que o preciso para se susterem em perfeita segurança.

Já de uma vez, e irá acerca de 100 anos, o capitão-mor de Ruivães, temendo o perigo de cairem a qualquer repercussão mais forte de algum abalo sismico, mandou lá uns 18 homens armados de grossas e compridas alavancas para os botar abaixo. Mas logo que chegaram junto dessa irregular e pesada baliza dos tres penedos que a natureza ali deixou, e notaram o seu equilibrio e peso, desengañaram-se que nenhum perigo ameaçavam e que nem outros tantos homens seriam bastantes para os derrocar (1).

estas asperas serranias, em 189. O seu cadaver foi depois levado para Orense, onde tem uma rica igreja. A outra Santa Eufemia é filha de Filopomio, senador da Calcedonia e foi matirisada em 307.

Ha nesta montanha do Gerez, ao lado de Covide, um cabeço que foi circuitado, aproveitando os rochedos, por um tosco muro de defeza. Dizem que foi um *castrum* romano e dão-lhe o nome de Calcedonia. Dentro do recinto veem-se ainda ruinas de cortelhas feitas de pedra informe e bruta que mais parece obra de pobres e rudes pastores que ali se tivessem refugiado contra as invasões dos inimigos, do que obra dos romanos. Os montes foram sempre o paladio dos perseguidos. Ora não ha duvida que a nossa Santa Eufemia andou por Covide, onde a piedade dos fieis lhe levantou uma capela junto de um penedo, sobre o qual, diz a lenda, ella fez oração, quando vagava por estes montes fugindo á perseguição de seu pae. E como Covide fica proximo do rochedo da Calcedonia e se lê que uma Santa Eufemia sofreu martirio *apud Calcedonem*, daqui o equivoco de confundirem a nossa Santa Eufemia de Braga com a Santa Eufemia da Calcedonia, antiga cidade da Asia-Menor, na Bitinia».

(1) Estes ultimos apontamentos são devidos á amabilidade do sr. P.^e José Silverio Pinto Guedes.



Nota: As fotografias que, no original, não pertenciam ao concelho de Terras de Bouro, foram substituídas por outras publicadas no mesmo volume.

ÍNDICE

<i>Nota Prévia</i> pelo Dr. José António de Araújo	5
<i>Apresentação</i> por António Afonso	9
ANTÓNIO AFONSO, <i>Notícia da freguesia de S. João do Campo que mandou o Dr. Vigário-Geral aos 9 de Julho de 1736</i>	11
JERÓNIMO CONTADOR DE ARGOTE, <i>A Via Militar que ia pelo monte Gerês</i>	29
LUIZ CARDOZO, <i>Diccionario Geografico (1751)</i>	59
MANUEL DE AZEVEDO ANTUNES, <i>Para a História da Real Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna</i>	65
DOMINGOS ALVES, <i>Tombo da freguesia de São João de Rio Caldo - II</i>	79
MANUEL PEREIRA, <i>Gerês: Conferência Florestal e a Festa da Árvore em 1916</i>	87
LUIS DA SILVA JACOME, <i>O Concelho de Terras de Bouro na Obra do P.^e José Carlos Alves Vieira</i>	101

